



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURAS MIDIÁTICAS

ELIANE CRISTINA GOMES DE MEDEIROS

**O blog jornalístico como ambiente interativo.
A construção coletiva da informação.**

João Pessoa
2011



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURAS MIDIÁTICAS

ELIANE CRISTINA GOMES DE MEDEIROS

**O blog jornalístico como ambiente interativo.
A construção coletiva da informação.**

Dissertação apresentada ao programa de
Pós-Graduação em Comunicação e Culturas
Midiáticas da Universidade Federal da
Paraíba como requisito para título de
mestre.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio C. Paiva

João Pessoa
2011

M488b Medeiros, Eliane Cristina Gomes de.
O blog jornalístico como ambiente interativo: a construção coletiva da informação / Eliane Cristina Gomes de Medeiros.- João Pessoa, 2011.
124f. : il.
Orientador: Cláudio C. Paiva
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA
1. Comunicação. 2. Culturas midiáticas. 3. Internet.
4. Blogs jornalísticos - interação. 5. Comunicação mediada por computador. 6. Jornalismo.

Eliane Cristina Gomes de Medeiros

O blog jornalístico como ambiente interativo.
A construção coletiva da informação

Dissertação defendida e aprovada em ____ de setembro de 2011 pela banca examinadora constituída pelos professores.

Prof. Dr. Cláudio Cardoso de Paiva - PPGC/UFPB
(orientador)

Prof. Dr. Wellington Pereira – PPGC/UFPB
(examinador)

Prof. Dr. Juciano de Sousa Lacerda – PPGEM/UFRN
(professor convidado)

Dedico este trabalho a minha mãe, Gezi Gomes
e ao meu pai, José Abdon de Medeiros,
por me ensinarem que a educação
e o conhecimento são os bens mais valiosos.

Agradecimentos

Agradeço a Deus pela vida e pelo cuidado.

Aos meus pais que não mediram esforços para dar a melhor educação tanto a mim, quanto aos meus irmãos.

Aos meus irmãos Rosângela, Marcus e Júnior com quem compartilho todas as conquistas, alegrias e tristezas da vida. Em especial quero agradecer a minha família principalmente pelo suporte financeiro dado ao longo dos dois últimos anos.

Aos amigos que conheci na UFPB (1993) e nas redações por onde trabalhei e que hoje são uma outra família: Sony Lacerda, Socorro e Silva, José Alves, Giselle Ponciano, Joyce Hauschild, Naná Garcez, Renato Félix, Astier Basílio, Ana Rogéria e Ana Isaura, pela amizade, incentivo e apoio, sempre.

Ao professor orientador Cláudio Cardoso de Paiva.

A toda turma 2009 pelas discussões em sala de aula que tanto contribuíram para o meu crescimento intelectual. Em especial a José Maria, Ana Flávia e Ricardo Oliveira com quem compartilhei quilômetros de estrada no segundo semestre de 2009.

As amigas Geanne Lima Batista e Marina Magalhães pelas conversas, trocas de experiência e “terapia coletiva”. Tenho certeza que o laço firmado na academia será pela vida inteira, agora vocês também integram a minha nova família, aquela que é escolhida.

Aos professores membros da banca de avaliação: Juciano Lacerda e Wellington Pereira.

Aos jornalistas Luis Nassif e Luis Carlos Azenha por terem me recebido em São Paulo e dedicado parte do tempo para responder as questões dessa jornalista-pesquisadora.

Por fim, aos meus tios Ângela e Onildo que me receberam em João Pessoa, ainda em 1991, de braços abertos e com quem eu sei que poderei sempre contar.

*Que a responsabilidade do jornalista
é muito grande, e o sentido de responsabilidade
de qualquer jornalista que se preze
nada fica a dever a qualquer outro intelectual*

(Max Weber, em “A política como vocação”)

Resumo

Nesta dissertação buscamos analisar os blogs jornalísticos a partir das especificidades das interações entre autor/leitor dos blogs, identificando de que modo as informações são construídas e quais as novas rotinas de produção dessas informações no dispositivo blog. Contextualizamos o nosso objeto empírico na dimensão do jornalismo como uma experiência sócio-histórica, que possui grande importância no âmbito da civilização, e também nos processos de formação da sociabilidade e da cidadania. Partimos de alguns pressupostos teóricos que envolvem o papel da tecnologia; a reconfiguração do jornalismo a partir da informatização social potencializada pela internet e pelas redes sociais. O Blog Viomundo e o Blog Luis Nassi On-line são os objetos empíricos desta pesquisa. Nossas investigações pretendem apreciar como o dispositivo blog atua na construção da informação, a partir da interação autor/leitor, mostrando que essa relação se configura numa nova realidade jornalística, cuja marca registrada reside no empenho da democratização da informação e da comunicação social.

Palavras-chave: Internet, webjornalismo, blogs jornalísticos, interação, comunicação mediada por computador, jornalismo.

Abstract

In this essay we analyze the journalistic blogs from the particularities of the interactions between author/reader of blogs, identifying how the information is built, what are the new routines of production in the device blog. We contextualize our empirical object in the dimension of journalism as a historical partner experience, which has great importance in the context of civilization, and also in the processes of formation of sociability and citizenship. We start from some theoretical assumptions that involve the role of technology; the reconfiguration of journalism from the social computerization enhanced by the internet and social networks. The "Viomundo" Blog and "Luis Nassif" blog On-line are empirical objects of this research. Our investigations aim to assess how the device blog operates in the construction of information, from the author/reader interaction, showing that this relationship sets up a new journalistic reality, whose trademark lies in the commitment to the democratization of information and social communication.

Keywords: Internet, web journalism, journalistic blogs, Interaction, computer-mediated communication, journalism.

Lista de Figuras

Figura 1 – Blog Viomundo – imagem geral	74
Figura 2 – Espaços publicitários do blog	75
Figura 3 – Detalhe do título e subtítulo do blog	78
Figura 4 – Ferramentas de interação	81
Figura 5 – Seção rádio	81
Figura 6 – Seção TV	82
Figura 7 – Seção fotografias	83
Figura 8 – Hipertextualidade	83
Figura 9 – Mecanismo de busca	84
Figura 10 – Lista com publicações e arquivo dos mesmos	84
Figura 11 – Ranking dos comentaristas que aparece na página inicial do blog	86
Figura 12 – Mecanismos de resposta e avaliação dos comentários	88
Figura 13 – Imagem geral do blog Luis Nassif Online	90
Figura 14 – Lista das categorias do blog	92
Figura 15 – Seções “Fora de Pauta” e “Clipping do Dia”	93
Figura 16 – Seções “Multimidia do dia” e “Fotos, charges e tirinhas”	94
Figura 17 – Compartilhamento do conteúdo	95
Figura 18 – Banco de dados	95
Figura 19 – Informação publicada na primeira página do blog	96
Figura 20 – Área interna do post	96
Figura 21 – Campo de Comentários que fica sempre abaixo do texto publicado	98
Figura 22 – Comentários dialógicos	99
Figura 23 – Avaliação dos comentários	100
Figura 24 – Ranking dos comentários	100
Figura 25 – Campos de interação do blog Viomundo	103
Figura 26 – Correção de informação	107
Figura 27 – Resposta ao comentário	108
Figura 28 – Exemplo de post sugerido por leitor	109
Figura 29 – Reprodução de informação no blog	109
Figura 30 – Publicação autoral no blog do Nassif	110
Figura 31 – Comentários não dialogais	113
Figura 32 – Comentários dialogais	114

Sumário

Introdução	12
Metodologia	15
 Capítulo 1 – Jornalismo, tecnologia e comunicação	
1.1 O jornalismo no século 21	17
1.2 Os novos dispositivos e a construção da informação	28
1.2.1 O dispositivo como ferramenta conceitual	29
1.2.2 Internet, ciberespaço e cibercultura	35
1.2.3 Liberação do pólo da emissão	38
1.2.4 Web 2.0	41
1.2.5 Webjornalismo	43
 Capítulo 2 – Interfaces do blog e do jornalismo	
2.1 O dispositivo blog	47
2.1.1 A blogosfera	51
2.1.2 Interatividade	52
2.1.3 Tipos de blogs	54
2.2 Guerra e paz na blogosfera	56
2.3 O blog jornalístico	62
2.4 As projeções do jornalismo no ciberespaço	66
 Capítulo 3 – Mapeando o objeto	
3.1 Azenha vê o mundo	73
3.1.1 O que você não vê na mídia	78
3.1.2 Uma prática webjornalística	80
3.2 Luis Nassif On-line	88
 Capítulo 4 – Elementos para uma análise dos blogs jornalísticos	
4.1 O contrato de comunicação e a produção da informação no blog jornalístico	102
4.2 Comentários: o campo da interação	111
 Considerações Finais	 119
 Referências Bibliográficas	 122

1 – Introdução

Desde a última década do século 20, o jornalismo vem passando por uma série de transformações estruturais em parte provocadas pela liberação do pólo da emissão que as redes telemáticas causaram. As “metamorfoses do jornalismo” são provocadas pelas mutações tecnológicas, mas sobretudo pelas mudanças nas relações sociais a partir da inserção das redes telemáticas na vida cotidiana. A internet forjou um ambiente que potencializa as trocas sociais ao gerar um grande fluxo informacional, um modelo de comunicação em rede, em que “todos se comunicam com todos”.

Nesse contexto são criados os blogs, resultado da conexão entre as tecnologias informacionais e a inteligência coletiva conectada, a ser incorporada exitosamente pelo jornalismo. Convém perceber que as diversas modalidades de apropriação social dos blogs culminam na formação de uma cultura própria (inscrita no interior da cibercultura), fomentada não somente a partir das competências operacionais dos seus usuários, mas também através de uma série de procedimentos sócio-técnicos e sócio-discursivos que autorizam uma robusta interação entre autores e leitores.

Os jornalistas têm utilizado os blogs para intensificar a visibilidade de seu trabalho, mas também para otimizar o diálogo com o público. Eles utilizam a internet como meio de expressão, criam uma ambiência propícia à discussão das notícias pelo cidadão comum (ou seja, os não especializados). O público deixa de ser encarado como uma massa disforme e passa a se constituir de elementos ativos no processo comunicacional, aptos para colaborar, se expressar e opinar criticamente. Ao mesmo tempo, os blogs permitem aos jornalistas a publicação de ideias sem a censura convencional dos veículos em que atuam.

Com os blogs jornalísticos assistimos ao fim da “comunicação vertical” e ao exercício da “comunicação horizontal”, cujas conseqüências promovem a cidadania.

O fim da separação entre o pólo emissor e o pólo receptor, a mudança do papel do jornalista (que passa à condição de co-autor) e o caráter provisório e permanentemente em construção das notícias são algumas das características próprias da informação veiculada na internet; e é isso que vai conceder singularidade aos blogs.

A relação entre o jornalista e o leitor na blogosfera difere em muito da relação existente entre eles na mídia convencional (seja impressa, radiofônica ou televisiva). Na

blogosfera há uma troca constante de dados, o expediente de uma co-produção e o compartilhamento da informação, atestando um estilo de comunicabilidade que vai muito além da transmissão pura e simples¹. Nas outras mídias há espaços destinados à participação dos leitores, mas nos blogs essa participação é ampliada, torna-se mais intensa, inclusiva e gregária, performatizando a desejada comunicação horizontal.

A partir dessas premissas, tomamos o blog jornalístico como objeto de estudo e buscamos investigar o modo como as informações ali contidas são construídas, tomando como ponto central a experiência de colaboração dos leitores. Desse modo, metodologicamente, o trabalho de pesquisa nos permitiu formular algumas questões que a rigor inscrevem a natureza da nossa problemática: como os conteúdos desses blogs são construídos? De que forma o leitor participa dessa construção? Qual o sentido de seus discursos? Como a atividade jornalística é refletida criticamente na blogosfera?

O nosso objetivo geral é analisar o blog jornalístico e o modo como as informações são construídas ali a partir da participação dos leitores. De modo específico, objetivamos analisar o discurso das informações publicadas nos blogs jornalísticos, identificar de que maneira reflete e problematiza a atividade jornalística, e analisar as especificidades da relação entre jornalistas/blogueiros e leitores/colaboradores.

O trabalho consiste numa exploração da blogosfera, um pretexto para perceber como os novos agenciamentos sócio-técnicos têm modificado as rotinas de produção da experiência jornalística. Propomos um mapeamento seletivo dos blogs relacionados à prática jornalística e elegemos os trabalhos de dois profissionais (com amplo reconhecimento nos campos da pesquisa e da atividade pragmática), o blog de Luis Nassif e o blog de Azenha, considerando o caráter de relativa “independência e autonomia” desses jornalistas².

No **Capítulo 1** deste trabalho, procuramos contextualizar o nosso objeto empírico (o blog) dentro de um processo de desenvolvimento da técnica voltada para a atividade jornalística de grande importância no âmbito da civilização (Marcondes Filho) e também nos processos de formação da sociabilidade e da cidadania. Buscamos situar o fenômeno da comunicação (e do jornalismo), enfatizando a especificidade da

¹ Segundo Muniz Sodré, a comunicação linear e em rede, além de promover a “veiculação” de mensagens, também conforma experiências cognitivas e vinculativas (Cf. Sodré, 2002).

² Foucault demonstra bem, no opúsculo *A ordem do discurso* (1973), como as práticas sociais são atravessadas por relações de poder. Assim, como Barthes, no célebre texto *Aula* (1977), defende que as experiências dos indivíduos são contagiadas pelo fenômeno do poder, o qual se instala também no âmbito da linguagem e dos discursos sociais. É neste sentido que entendemos o caráter de relativa independência e autonomia dos jornalistas/blogueiros, ou seja, de algum modo estão condicionados à ordem dos discursos dominantes no novo contexto informacional.

informação na era da “sociedade em rede” (Castells) e da midiatização (Soster) com operações estruturadas em rede e em fluxos informacionais entre dispositivos.

Elegemos algumas categorias conceituais como o “dispositivo”, a partir da leitura das obras de Foucault, para apreender o sentido simultaneamente técnico-instrumental, sócio-cognitivo e discursivo-interacional dos blogs, distinguindo uma nova modalidade ético-comunicativa. Ainda no primeiro capítulo, especificamos a internet como ambiente gerador de novo campo interacional (o ciberespaço) e dinâmica cultural (cibercultura). É nesse ambiente que emerge o webjornalismo e os blogs.

No **Capítulo 2** buscamos compreender o dispositivo blog, a dinâmica da blogosfera e as suas práticas sócio-interativas. A partir daí investigamos as modalidades de blogs, suas classificações e categorizações buscando compreender a sua aproximação com o trabalho jornalístico. Ao final deste capítulo, apresentamos o conceito de blog jornalístico que servirá de base para o nosso percurso investigativo.

O **Capítulo 3** descreve os blogs Viomundo (do jornalista Luis Carlos Azenha) e Luisnassifonline (do jornalista Luis Nassif), com o objetivo de mostrar a forma como ambos os blogs estão estruturados de maneira a tornar perceptíveis os vários mecanismos de interação atuantes nos dispositivos. Aqui são apontadas as diferenças e semelhanças entre os dois blogs.

Por fim, o **Capítulo 4** traz alguns elementos para uma análise do funcionamento e significação dos blogs mostrando como a interação autor/leitor constrói a informação no blog jornalístico. Muito embora a amostra pareça sintética, apostamos na ideia de que pode apresentar bons indícios para uma investigação mais arrojada da interface entre os blogs e as práticas jornalísticas

Metodologia

Nesta pesquisa - que a rigor tem um caráter exploratório - tentamos assinalar principalmente a força da experiência de interação social mediada pela tecnologia (Primo, 2008; Lemos, 2005; Braga, 2002). Acreditamos que essa interação pode promover transformações qualitativas no cerne do fenômeno comunicacional (e jornalístico), pois acolhe a participação dialógica (Bakhtin) dos usuários, e-leitores, como cidadãos ativos que, guarnecidos pelos dispositivos sócio-técnicos, configuram uma nova realidade, cuja marca registrada parece ser a democratização da informação e da comunicação social.

O ponto de partida de nossa pesquisa foi a revisão bibliográfica de textos que apontam as modificações sociais e tecnológicas a partir da apropriação da internet e dos blogs (Varela, 2006; Orihuela, 2006; Antunez, 2006; Amaral, 2009; Recuero, 2009; Montardo, 2009; Escobar, 2009), as alterações no campo do jornalismo ocorridas em função da comunicação mediada por computador (Primo, 2008; Palácios, 2005; Machado, 2005; Mielniczuk, 2003; Seixas, 2009; Dalmonte, 2008) e a construção dos discursos no dispositivo blog (Verón, 1997; Braga, 2002; Charaudeau, 2006; Fausto Neto, 2007).

O corpus da pesquisa é constituído pelos blogs dos jornalistas Luis Nassif (www.advivo.com.br/luisnassifonline) e Luis Carlos Azenha (www.viomundo.com.br). A escolha destes blogs não foi aleatória e seguiu três critérios: sua natureza jornalística, sua criação e manutenção por jornalistas profissionais e, por último, sua autonomia e desvinculação face às empresas ou grandes grupos de mídia. Para nós, os três critérios são fundamentais para que possamos delimitar o campo de análise e de fato perceber as nuances da relação blogueiro/e-leitor/comentador-participante, observando o exercício da interação e empoderamento coletivo no processo comunicacional.

A observação dos dois blogs foi feita sistematicamente (desde março de 2009) e desse processo resultaram algumas questões ligadas à sua operacionalidade, como o número de acessos, quantidade de comentários recebidos e a natureza do mecanismo de controle de quem pode ou não comentar. Além disso, reconhecemos que era preciso obter dos jornalistas alguns posicionamentos mais explícitos acerca da experiência em torno dos blogs editados por eles. Logo, algumas questões emergiram no âmbito de nossa problematização: Qual o valor dos comentários? Como os jornalistas transitam

nesse ambiente? De que maneira eles percebem o nível de interação em seus blogs? Essas e outras indagações persistiram dando fôlego à nossa investigação.

A partir das questões levantadas após o período de observação, realizamos entrevistas com os jornalistas Luis Nassif e Luis Carlos Azenhas. Os encontros presenciais e individuais tiveram lugar na cidade de São Paulo, nos dias 14 e 16 de abril de 2011, respectivamente. Escolhemos o estilo de entrevistas “semi-abertas”, almejando capturar o sentido da argumentação dos blogueiros. Partimos de um roteiro básico e as questões foram se modificando de acordo com o sentido e direção das entrevistas. Este material foi de grande valia para percebermos algumas nuances pouco claras na disposição dos dois blogs e que ajudaram a elucidar o objeto estudado.

Para dar encaminhamento às análises propomos recortes que, por mais arbitrário que possam parecer, obedecem a uma organização interna – conforme pode ser entrevisto durante a sua leitura – e nos ajuda a compreender a dinâmica do dispositivo blog. Desse modo, selecionamos uma amostra de conteúdo do blog do dia 11 de março de 2011. As análises estão focadas basicamente em dois aspectos: o primeiro concentra a atenção na reconfiguração da prática jornalística e do contrato de comunicação que se estabelece no dispositivo blog. O segundo analisa a construção da informação a partir dos comentários, buscando identificar as interações que ocorrem nesse campo.

Capítulo 1- Jornalismo, Tecnologia e Comunicação

1.1 – O Jornalismo no Século XXI

No amplo espectro das experiências que concorrem para o estabelecimento da democracia, o jornalismo se insere como uma das mais importantes, pois assegura a liberdade de expressão, assim como a liberdade de produção, circulação e consumo da informação. Logo, convém ressaltar a evolução do trabalho jornalístico como um fenômeno estreitamente vinculado aos domínios da economia (pois influi diretamente no processo de trocas materiais) e da política (pois é mediado por relações de poder).

Assim, é relevante destacar que essa experiência (e o seu exercício sob a forma do chamado “Quarto Poder”) – tal qual a conhecemos no âmbito do neoliberalismo – se tornou possível somente após a Revolução Industrial, por meio de uma complexa divisão social do trabalho e devido ao emprego das forças produtivas na articulação das técnicas de reprodução das notícias. Ou seja, evolui no contexto do sistema industrial capitalista, através dos jornais e revistas, o que permitirá conseqüentemente a formação de uma cultura jornalística (e do espaço público) no cerne da sociedade de massas.

E para entendermos o significado do jornalismo no século 21, é preciso situá-lo num panorama em que as modernas tecnologias da informação e da comunicação influem marcadamente nas rotinas de produção, nos meios de distribuição e nas formas de leitura e interpretação das notícias. Uma história dos meios de comunicação e suas interfaces com as esferas da economia, política, cultura e com ênfase no uso social das técnicas pode ser vislumbrada desde os trabalhos clássicos como *A Democracia na América* (Tocqueville, 1997), em obras como *História da Imprensa no Brasil* (Werneck Sodré, 1983), nos estudos latino-americanos como *A Invenção da Comunicação* (Mattelart, 1996), *O segredo da pirâmide* (Genro Filho, 1987), até os mais recentes como *O estudo do jornalismo no século XX* (Traquina, 2001).

Hoje, na “era da informação” as tecnologias da comunicação têm um papel preponderante na atividade jornalística, gerando mutações importantes no seu *modus operandi* e na própria reflexão que os profissionais e pesquisadores têm realizado acerca do seu objeto, e “naturalmente” este conjunto de modificações tem repercutido no campo dos estudos avançados em jornalismo.

De fato, a tecnologia e o jornalismo sempre estiveram ligados e essa relação pode ser constatada ao longo da história, conforme indicam diversos autores como McLuhan (*A Galáxia de Gutemberg*, 1977), Umberto Eco (*Apocalípticos e integrados*, 1970), Mouillard e Porto (*O Jornal. Da forma ao sentido*, 2002), *Metamorfoses Jornalísticas* (Soster & Silva, 2009) e outros analistas preocupados com as relações entre o saber e o fazer comunicacional, as artes e técnicas do jornalismo; todos são de grande valia para a pesquisa na interface das mídias e tecnologias, em moldes de webjornalismo.

A cada nova invenção tecnológica envolvendo o processo de comunicação humana a atividade jornalística foi se aprimorando. Desde a prensa de tipos móveis, no início do século 15, passando pelo telégrafo, máquina de escrever, telefone, rádio, televisão, até o computador e a internet. Para apreendermos o sentido do jornalismo praticado na primeira década do século 21, julgamos procedente percorrer as bases que alicerçam a atividade. Logo, enfatizamos que o processo civilizatório e os processos comunicacionais estão intimamente ligados; convém sublinhar que a qualidade da experiência jornalística, desde os primórdios até os formatos recentes, está atrelada diretamente ao nível do desenvolvimento sócio-cultural, político e educacional.

Isso porque a comunicação, ao permitir o intercâmbio de mensagens, concretiza uma série de funções, dentre as quais: informar, constituir um consenso de opinião – ou ao menos, uma sólida maioria – persuadir ou convencer, prevenir acontecimentos, aconselhar quanto a atitudes e ações, constituir identidades, e até mesmo divertir (HOHLFELDT, 2008, p. 63).

As funções comunicacionais apontadas por Hohlfeldt (2008) servem de base para a prática jornalística, desde o seu nascimento até os dias de hoje. Na medida em que as civilizações foram se desenvolvendo, nos aspectos ético-políticos, jurídicos, sociais, culturais e tecnológicos, os sistemas comunicacionais se aprimoraram gerando fluxos informacionais que não podiam ficar restritos às instituições dominantes como a Igreja e a Universidade (sob a égide da cristandade).

Até a invenção da prensa de tipos móveis, por volta do ano de 1440 por Johannes Guttenberg (HOHLFELDT, 2008), o acesso aos documentos, o direito à pesquisa e o saber estavam sob o julgo da Igreja e também das Universidades, que

formavam, nas cortes, colegiados de apoio aos reis e seus governos. É nesse contexto, segundo Marcondes Filho (2000), que nasce o jornalismo, como fruto da Revolução Francesa, e que se expande a partir da luta pelos direitos humanos.

A expansão do jornalismo também está associada à desconstrução do poder instituído em torno da Igreja e da Universidade. Em verdade, o renascimento – simbolicamente – por meio das artes e invenções deslocou o foco do acontecimento para o ser humano. E o iluminismo – racionalmente – concedeu os instrumentos para emancipação, incluindo aí o jornalismo que fará parte da cultura ilustrada.

Marcondes Filho (2000) afirma que a Revolução Francesa marca a conquista do direito à informação e ao saber acumulado, antes reservado aos sábios, passa a circular de forma mais ou menos livre. “E são os jornalistas que irão abastecer esse mercado; sua atividade será procurar, explorar, escavar, vasculhar, virar tudo de pernas pro ar, até mesmo profanar, no interesse da notícia” (MARCONDES FILHO, 2000, p.11).

O pesquisador analisa o jornalismo em quatro momentos. Marcondes Filho (2000) chama de primeiro jornalismo o que vai de 1789 a 1830, nomeado de “iluminação”, “tanto no sentido de exposição do obscurantismo à luz quanto de esclarecimento político e ideológico” (ibid., p.11)

O *primeiro jornalismo* é marcado pela ebulição do jornalismo político-literário, das idéias emancipatórias. O questionamento da autoridade, a crítica da política, a confiança no progresso e a razão – ancorada na verdade e transparência – predominam como valores jornalísticos neste primeiro momento. É ainda nesse período que o jornal se profissionaliza e a redação surge como setor específico: o diretor se separa do editor, impõe-se o artigo de fundo e a autonomia da redação. Os agentes desse primeiro jornalismo são os políticos, escritores, críticos e cientistas. “Nessa época do jornalismo literário, os fins econômicos vão para segundo plano. Os jornais são escritos com fins pedagógicos e de formação política” (ibid., p.12).

Marcondes Filho escreve que, em meados do século 21 a atividade jornalística, que teve seu início no calor de discussões político-literárias e predominantemente pedagógicas, ganha contornos de empresa capitalista. É o chamado *segundo jornalismo* como instituição do jornalismo, empresa lucrativa e limitação da liberdade editorial.

Do ponto de vista da técnica, é nesse período que ocorre a profissionalização do jornalista e as funções de redator e editor se definem. “Todo romantismo da primeira fase será substituído por uma máquina de produção de notícias e de lucros com jornais populares e sensacionalistas” (ibid., p.13). A imprensa como negócio privilegia o seu

valor de troca (publicidade) em detrimento ao seu valor de uso (conteúdo). Marcondes Filho afirma que essa inversão faz do jornal progressivamente um amontoado de comunicações publicitárias permeado de notícias.

E é essa a nova imprensa, como objeto de alto investimento de capital, que manterá as características originais da atividade jornalística: a busca da notícia, o “furo”, o caráter de atualidade, a aparência de neutralidade, em suma, o “caráter libertário e independente”. É a imprensa de massa, objeto de troca singular não muito rara nem muito estranha na história da imprensa: desaparece a liberdade e em contrapartida se obtém mais entretenimento (ibid., p.14).

O *segundo jornalismo*, da imprensa de massa, é, também, período de inovações técnicas importantes, como as rotativas com composição mecânica de linotipos e o telégrafo. Este último, ao lado do telefone, vai potencializar o fluxo informacional em rede e fortalecer o jornalismo. Samuel Morse cria, em 1844, o telégrafo permitindo a transmissão de informações e o envio de notícias à longa distância.

No entanto, o telégrafo só ganharia aumento exponencial de sua capacidade na segunda metade do século 19, a partir da instalação de cabos submarinos que unem os continentes. McLuhan (1964, p.108) lembra que “foi só com o advento do telégrafo que a mensagem começou a viajar mais depressa do que o mensageiro”.

No século 20, o desenvolvimento das empresas jornalísticas resultou no terceiro jornalismo, o da imprensa monopolista, em que grupos econômicos dominam a imprensa. É o período das grandes tiragens marcadas pela influência da indústria publicitária e das relações públicas. Nesse período, entre 1900 a 1960, a fotografia é incorporada ao jornal. Inovações tecnológicas importantes, como o rádio e a televisão, figuram nesse *terceiro jornalismo* e originam as empresas jornalísticas que detém mais de uma mídia, ou seja, impressos, rádio e emissora de televisão.

Por fim, Marcondes Filho (2000) fala do quarto jornalismo: o tecnológico. Da informação eletrônica e interativa, que figura de 1970 até os dias atuais, os valores dominantes neste quarto jornalismo são o da velocidade e do impacto visual.

As inovações tecnológicas acabaram por baratear a produção, por outro lado o jornalismo passa a depender cada vez mais dos sistemas informatizados e em rede. É a partir da potencialização das redes – através da comunicação mediada por computador,

ponto que detalharemos mais adiante – que a sociedade passa a produzir e veicular informação. Do ponto de vista econômico, os impressos e o rádio perdem receita e os investimentos migram para a televisão e internet.

O recorte dos quatro momentos na história do jornalismo proposto por Marcondes Filho (2000) nos ajudam a compreender o fluxo informacional que se estabelece a partir da imersão tecnológica da sociedade. É importante destacarmos que não estamos priorizando apenas a técnica para situar o jornalismo ao longo do tempo, pois para compreendê-lo precisamos observar, também, a sociedade se realizando (WERNECK SODRÉ, 1983). Ressaltamos a importância da técnica para a evolução sociocultural, mas toda técnica advém do desenvolvimento social, conforme afirma Baldessar (2003, p.51),

Quem produz tecnologia é o homem, através da apropriação da realidade e a conseqüente transformação do conhecimento empírico em conhecimento científico. Ela deve ser pensada como fruto da produção humana e, portanto, inserida dentro do contexto das relações sociais em seu desenvolvimento histórico.

Para visualizar o desenvolvimento tecnológico na área da comunicação, trazemos o quadro abaixo apresentado por Baldessar (2003):

Quadro 1

Linha do tempo – novas tecnologias de comunicação

Inovação	Data	País
Prensa de tipos móveis	1440	Alemanha
Telégrafo elétrico	1839	Inglaterra
Impressão rotativa	1863	Estados Unidos
Telégrafo a cabo submarino	1866	Estados Unidos
Máquina de escrever	1870	Dinamarca
Telefone	1870	Estados Unidos
Impressão a tinta	1880	Estados Unidos
Toca-discos cilíndrico	1888	Estados Unidos
Linotipo	1890	Alemanha

Rádio AM	1913	Estados Unidos
Gravação Magnética de fitas	1935	Alemanha
Rádio FM	1936	Alemanha
Televisão	1936	Inglaterra
Fototipo	1946	Estados Unidos
Disco LP	1948	Estados Unidos
Transistor	1950	Estados Unidos
Computador eletrônico	1951	Estados Unidos
Televisão em cores	1953	Estados Unidos
Transistor de silício	1954	Estados Unidos
Circuito integrado	1961	Estados Unidos
Satélite de comunicação	1962	EUA e URSS
Gravador em vídeo	1970	Holanda
Internet	1970	Estados Unidos
Microprocessador	1971	Estados Unidos

Fonte: BALDESSAR apud HALL&PRESTON, 2003, p.50, com alterações da autora

As inovações tecnológicas listadas acima ocorrem ao longo do processo evolutivo da prática jornalística, já demonstrado nas quatro fases identificadas por Marcondes Filho. Enfatizamos que o avanço tecnológico não ocorreu apenas em função do jornalismo, mas das demandas sociais, políticas, culturais e mercadológicas, além da própria necessidade humana de ampliar a sua capacidade de comunicação.

Em meio a esse processo evolutivo, tanto tecnológico quanto social e mercadológico, Marcondes Filho (2000) considera que o jornalismo sofreu dois grandes impactos de natureza tecnológica provocando, cada um a seu tempo, mudanças significativas na atividade. O primeiro impacto está associado à criação da rotativa e dos processos de produção de jornais em massa. Isso se dá por volta de 1850, quando o aumento da produção reorienta a indústria jornalística para o lucro e auto-sustentabilidade econômica.

Conseqüentemente, o jornalismo deixou de ser tão livre, descomprometido, espaço aberto a toda e qualquer manifestação dos

agentes sociais, tornando-se produto “trabalhado”, voltado ao mercado, dependente dos gostos e do interesse de uma ampla massa de consumidores. A audácia e a criatividade jornalística perdem terreno em relação ao conformismo e à repetitividade mercadológica (MARCONDES FILHO, 2000, p.32-33).

O segundo grande impacto advém de outra grande invenção tecnológica: a digitalização. O registro numérico dos acontecimentos, o armazenamento colossal de dados, mas principalmente a elaboração de uma poderosa memória eletrônica, tudo isso tem gerado alterações no modo produção, circulação e consumo da informação.

Para Marcondes Filho a revolução digital promove dois tipos de conteúdos, classificando o primeiro como “oficial”, que inclui os programas, os noticiários, o entretenimento veiculado em redes de computadores. O segundo conteúdo é chamado de “implícito”, constituído pelo componente ideológico das novas tecnologias, aquilo do que não se fala, mas que “se passa” através do uso da técnica.

O uso de computadores, hipermídia, sistemas em rede, acesso à internet, adoção de softwares fizeram com que as empresas jornalísticas reformulassem o sistema de trabalho, adaptando-se à velocidade com que a informação passou a circular e exigindo que profissionais passassem a trabalhar em sintonia com a velocidade do sistema.

Seja incorporando tecnologias que não foram produzidas para o jornalismo como aquelas que são desenvolvidas especialmente para ele, todas as tecnologias introduzidas no processo do fazer jornalístico produziram seu devido impacto. Porém, a chegada dos bites e bytes através do computador revolucionou todo o processo, como nunca havia acontecido (LIMA JÚNIOR, 2007, p.4).

O processo de informatização das redações dos jornais e revistas no Brasil começou em meados de 1980. Segundo Baldessar (2003), a introdução dos computadores mudou o cotidiano profissional dos jornalistas, que tiveram de se adaptar a outra realidade profissional: a exigência de maior qualificação, a especialização crescente, as modificações nas condições de trabalho e, sobretudo, a intensificação da atividade jornalística.

As mudanças na redação são percebidas pelos jornalistas de diversas formas, não só no ambiente e na estrutura física, mas, também, numa nova relação com o texto, objeto de trabalho dos jornalistas. (BALDESSAR, 2003, p. 16)

Para Marcondes filho (2000), a civilização humana como um todo se transforma a partir de uma variável independente: a informatização. Desse modo, o processo digital, de tempo real, de comunicações *on line* estabelece novos parâmetros sociais e tudo muda.

O jornalismo, bem como os valores de progresso, evolução e razão foram emanações de outra época histórica, foram epifenômenos da revolução industrial e da revolução social burguesa nos séculos 18 e 19. Não seria coerente que num momento de introdução revolucionária de técnicas de inscrição, armazenamento e reaproveitamento de informações – como é a informática – sobrevivessem derivações de outras épocas históricas (MARCONDES FILHO, 2000, p. 37).

Deste modo, a imersão tecnológica da sociedade marca as transformações do jornalismo ao longo dos séculos e mais fortemente a primeira década do século 21. Jornalismo aqui é entendido como prática social de sentido que se estabelece numa perspectiva sistêmica (SOSTER, 2009-a).

Essa imersão é mais profunda a partir da intensificação da comunicação em rede potencializada pela telemática. Segundo Castells (2009), rede é um conjunto de nós interconectados e esses nós, por sua vez, são pontos nos quais as curvas se entrecortam.

São estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação. Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto altamente dinâmico suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio. (CASTELLS, 2009, p. 566)

Soster (2009-b) considera que para entender o jornalismo no século 21 é importante considerar a interligação em rede, por meio da internet, dos “dispositivos

jornais e revistas impressos, rádios, televisões, sites convencionais e, mais recentemente, blogs e microblogs, por meio dos quais o jornalismo usualmente se estabelece e é reconhecido” (SOSTER, 2009-b, p.02). Quando interligados a partir de nós e conexões, os dispositivos passam a fazer parte de um sistema mais amplo, de dimensões globais, gerando o que o autor chama de sistema midiático-comunicacional.

O sistema midiático-comunicacional se estabelece a partir de uma profunda imersão tecnológica da sociedade, ele também é de natureza social à medida que suas operações se realizam a partir da comunicação. Têm, portanto, natureza técnica, mas também social e discursiva (SOSTER, 2009-b, p.3).

Assim, o pesquisador considera este momento evolutivo do jornalismo relevante o suficiente para qualificá-lo como marco delimitatório em relação ao processo evolutivo da profissão.

Ao observarmos o jornalismo por este viés, estamos afirmando, também, que suas formas e processos sofrem novamente complexificações substanciais, tão ou mais relevantes que a invenção da rotativa (1850) e a digitalização (1970), na escala proposta por Marcondes Filho (2000), e que requerem gramática específica de reconhecimento caso queiramos compreendê-las (ibid., 2009-b, p.3).

Ao jornalismo que emerge no século 21, Soster (2009c) nomeia de jornalismo midiático que está estruturado em rede e suas operações baseiam-se, principalmente, em fluxos de informações entre dispositivos. O pesquisador considera que a midiática do jornalismo se dá, com maior visibilidade, a partir de 1995, com as primeiras transposições dos jornais para a web³. Nesse momento as formas e processos da produção jornalística passam por nova complexificação, a exemplo do que ocorreu em dois momentos anteriores, como bem explicou Marcondes Filho (2000), com a transformação do jornalismo em empresa capitalista – em que a forma passa a sobrepor o conteúdo, e no segundo momento com a digitalização dos processos.

³ Utilizaremos o termo web quando nos referimos a World Wide Web (WWW)

A partir de 1995, após investimentos em telemática⁴, o uso da internet se amplia no Brasil. Cresce o acesso à rede pelos cidadãos, empresas, governos e instituições. “É nesse período que as formas do jornalismo começam a se complexificar uma vez mais em termos de produção, emissão, circulação e recepção” (SOSTER, 2009-a, p.121). O primeiro movimento do jornalismo na internet foi o da transcrição pura e simples, como demonstra Mielniczuk (2003), até chegar ao que se convencionou chamar de webjornalismo. Os detalhes desse processo serão tratados adiante, ao explorarmos os novos dispositivos midiáticos e a construção da informação.

Seguindo o viés do jornalismo midiaticizado, proposto por Soster (2009), compreendemos por midiaticização a instauração de uma nova ambiência que faz a sociedade se reconhecer a partir da mídia.

O processo de midiaticização manifesta-se em um cenário de heterogeneidades trazidas, em sua maioria, pelos avanços tecnológicos, em que a natureza da organização social é descontínua (VERÓN, 1997; SODRÉ, 2002). Nessa perspectiva, as tecnologias da comunicação, cada vez mais presentes, ofertam novas possibilidades sociotécnicas as quais nos levam a presumir que, sob o ângulo da midiaticização, não basta para os sujeitos se fazerem visíveis, é preciso interagir através dos dispositivos.

Soster (2009) considera ainda que a midiaticização da sociedade, e por consequência do jornalismo, não é um acontecimento novo e tem suas origens quando o jornalismo passa a se valer de inovações tecnológicas como o telégrafo, cabos submarinos para transmissão de informações, agências de notícia etc. Portanto a midiaticização da sociedade e, por conseguinte do jornalismo, deve ser entendida como um processo. Mas é com a transposição dos jornais para a web, em 1995, que o fenômeno da midiaticização ganha maior visibilidade.

No cerne desta transformação encontra-se a presença de uma estrutura em rede, personificada nos nós e conexões da web, que acabou por dar forma ao sistema que chamamos midiático-comunicacional, porque formado por dispositivos jornalísticos (SOSTER, 2009-a, p. 121).

⁴ Telemática aqui é entendida como o conjunto de tecnologias de transmissão de dados resultante da junção entre os recursos das telecomunicações (telefonía, satélite, cabo, fibras ópticas etc.) e da informática (computadores, periféricos, softwares e sistemas de redes), que possibilitou o processamento, a compressão, o armazenamento e a comunicação de grandes quantidades de dados (nos formatos texto, imagem e som), em curto prazo de tempo, entre usuários localizados em qualquer ponto do planeta.

Com a internet tem-se a interligação dos dispositivos em rede o que faz com que esses dispositivos estabeleçam diálogos cada vez mais freqüentes entre os pares. Soster (2009-a) aponta três características principais do jornalismo midiaticizado, quais sejam: autorreferencialidade, correferencialidade e descentralização.

Autorreferencialidade se dá quando os dispositivos midiáticos passam a falar de si mesmo, ou seja, citando uns aos outros e fazendo desse processo a própria notícia. Para Soster (2009-a) essa característica altera a forma como o jornalismo, incluindo os jornalistas, realiza suas operações. Na perspectiva da midiaticização, as operações jornalísticas se voltam para o próprio sistema midiático-comunicacional.

De acordo com Soster (2009-b) a correferencialidade, como segunda categoria do jornalismo midiaticizado, se estabelece quando os dispositivos dialogam entre si por meio dos nós e conexões da web, o que permite ser pensado em especial a partir do amalgamento do sistema midiático-comunicacional pela internet.

Entendemos por correferência o movimento por meio do qual os dispositivos jornalísticos, uma vez midiaticizados, referenciam aos seus pares em suas operações. Mais do que uma mera mudança no estatuto da fonte jornalística, esse movimento salienta, de um lado, a natureza das operações sistêmicas – autorreferenciais – mas também o fato de, neste contexto, o acontecimento se estabelecer ao longo dos fluxos informativos, e não apenas no ambiente em que o sistema se insere (SOSTER, 2009-a, p.136).

Por fim, a descentralização aparece como terceira característica do jornalismo midiaticizado pelo fato do mesmo não operar com centralidades, por se materializar em uma estrutura em rede. Ou seja, os dispositivos que compõem o sistema midiático-comunicacional se estabelecem como nós e conexões de uma rede maior, afetando e sendo afetados uns pelos outros em suas operações por meio de fluxos informacionais, transformando-se mutuamente, mas sem ocuparem um lugar central nesta arquitetura.

(...) a internet, ao amalgamar o sistema midiático-comunicacional, dá forma, de um lado, ao próprio sistema, à medida que interliga os dispositivos por meio de uma rede, mas também provoca deslocamento, por exemplo, das instituições jornalísticas dos lugares discursivos que tradicionalmente ocupavam. Essa característica nos permite observar que estamos diante de um momento evolutivo

diferencial, à medida que instituições jornalísticas, ou empresas, têm seu lugar deslocado em termos de importância. Eles seguem sendo importantes, naturalmente, mas cada vez mais como nós e conexões de um sistema maior, neste caso o midiático, o que é possível porque sua constituição é antes rizomática que axiomática (ibid. p. 135).

1.2 – Os novos dispositivos midiáticos e a construção da informação

Um dos avanços na Teoria da Comunicação (e do jornalismo), segundo Wolf (2008), reside na consciência dos meios como vetores fundamentais no processo de construção da realidade. Ou seja, para além da influência, dos efeitos, da persuasão, as críticas das teorias da “Agenda Setting”, “Gatekeeper” e “Newsmaking” descortinaram novos horizontes, abrindo caminhos para uma compreensão dos meios de comunicação como construção do real; isto é, como agendamento, edição e mediação da realidade.

Por esse prisma, os blogs, como uma das extensões midiáticas que moldam a realidade social, são vistos aqui como dispositivos, fenômenos sociotécnicos e biopolíticos que forjam uma noção da realidade social.

É aqui evidente a contribuição da perspectiva do “interacionismo simbólico”, Escola de Chicago, mas principalmente a assimilação das teorias de Berger & Luckman (1998), na obra *A construção social da realidade*, valioso contributo da sociologia do conhecimento (inspirada nas idéias de Schütz) para a Teoria da Comunicação.

Assim, tendo evoluído conceitualmente após o conceito da mídia como instrumento de persuasão e controle do imaginário (uma perspectiva adotada tanto pelos funcionalistas quanto pelos frankfurtianos), o grande *insight* – no campo da comunicação - foi desvelar a configuração da realidade construída pelos processos midiáticos. Mas havia uma lacuna a ser preenchida objetivando melhor a natureza desses processos midiáticos. Então, o conceito de “dispositivo” se inscreve aqui como uma “alavanca metodológica” para uma análise da sociedade mediada, que apreende o papel da técnica e o uso socio-político como partes do dispositivo midiático.

Partimos do pressuposto que o blog constitui um vigoroso dispositivo sociotécnico, midiático, e no contexto atual da nossa cultura tecnoinformacional atua ativamente nos procedimentos de construção (e desconstrução) da realidade.

1.2.1 – O dispositivo como ferramenta conceitual

O desenvolvimento da pesquisa no campo da Comunicação tem contribuído para a otimização do trabalho na área de Jornalismo, em níveis acadêmicos e institucionais. O diálogo entre profissionais e pesquisadores tem resultado numa experiência fecunda, principalmente na medida em que ambos reúnem esforços para a reflexão e atualização das rotinas de trabalho na era dos dispositivos hipermediáticos como os blogs.

Concordarmos com Soster (2009c), teórico e profissional da área – para quem o jornalismo praticado no século 21 se vincula ao processo de midiatização, estruturado em rede e baseado nos fluxos de informação realizados entre os dispositivos.

Logo, para entendermos os blogs cumpre observar as relações que se efetivam entre os autores, meios, suportes e linguagens, compreendendo que estas dependem dos dispositivos que tornam possível a sua realização.

A noção de dispositivo é abrangente, polissêmica e controversa. O termo tem sido utilizado em várias áreas: na educação (dispositivo pedagógico), na psicanálise (dispositivo de sexualidade), na informática (dispositivo técnico) e no campo das mídias (dispositivo de enunciação e de comunicação).

Nas engenharias a noção está ligada à idéia de mecanismo, de engrenagem. Nas ciências sociais, o dispositivo está relacionado aos procedimentos sócio-técnicos, lingüísticos, ético-comunicacionais, a assimilação dessa perspectiva aqui vai nortear o caminho em nossa argumentação.

O ponto de partida para a compreensão do conceito de dispositivo está nas teorias de Michel Foucault. Para o filósofo francês, o dispositivo se constitui em uma rede que pode ser estabelecida entre diferentes elementos, tais como: o poder em relação a qualquer formação social; a relação entre fenômeno social e o sujeito; e a relação entre discurso e a prática, as idéias e as ações, atitudes e comportamentos.

Ainda na perspectiva de Foucault, o dispositivo é um mecanismo de poder com múltiplas dimensões em jogo e que, para ele, podiam ser percebidas no panopticon⁵. Desse modo, explica Lia Seixas (2009), o dispositivo conceituado por Foucault está associado à idéia de mecanismo de poder e por isso seria de natureza estratégica. Trata-se de um conceito elaborado em Foucault, em sua “arqueologia do saber” e refinada na “genealogia do poder”. Inspirado em Deleuze e Guattari, o conceito busca traduzir a complexa trama antropológico-cultural e semiótico-discursiva, em que concorrem

⁵ Metáfora aplicada ao mecanismo de vigilância nas prisões.

fatores econômicos, políticos, técnicos, cognitivos, agenciamentos sociais, estratégias ético-discursivas, mecanismos institucionais, enunciativos e epistemológicos⁶.

Entretanto, se o conceito formulado por Foucault acerca do fenômeno “panóptico” (e do panopticismo), a rigor descreve a natureza de invisibilidade dos discursos e enunciados como dispositivos de controle sobre a sociedade, é interessante observar a pertinência conceitual do seu contrário, ou seja, o efeito “sinóptico”, referente aos discursos, enunciados e dispositivos sociais que subvertem as estratégias do poder estabelecido. Leituras recentes focalizando as interfaces da comunicação, tecnologia da visibilidade e política, apontam para esse movimento, em que o “sinótico” (o “sinopticismo”) significa uma operação que repercute favoravelmente junto às experiências dos e-leitores, usuários, cidadãos.

A categoria “dispositivo” é utilizada de modo original no estudo de Braga, *A sociedade enfrenta sua mídia, Dispositivos sociais de crítica midiática* (2006), cujas emanções de forma e sentido estão presentes ao longo do texto.

Assim, nessa direção, a convergência das mídias, dos blogs e blogueiros consistem em dispositivos midiáticos que asseguram os modos de empoderamento coletivo face aos poderes hegemônicos, incluindo os governos, os partidos políticos, as grandes corporações midiáticas⁷.

Em outras palavras, os blogs funcionam como dispositivos tecno-sociais e discursivos, através dos quais os blogueiros penetram nas redes blindadas da

⁶ “Em 1975, Foucault publicava *Vigiar e punir*, dando corpo a uma investigação que denotava um deslocamento dos seus interesses da constituição do saber à genealogia do poder. Não mudava apenas o objecto, mudavam, correlativamente, os conceitos. Entre outros, e sobretudo, o conceito de *episteme* deixa o lugar central que tinha ocupado até então para ser ocupado pelo conceito de *dispositivo*. E Foucault tem nisto, sobretudo, uma dívida com Deleuze. (...) Nos anos seguintes, o conceito não deixa de ganhar importância. Foucault fala de dispositivo disciplinar, dispositivo carcerário, dispositivos de poder, dispositivos de saber, dispositivo de sexualidade, dispositivo de aliança, dispositivo de subjectividade, dispositivo de verdade, dispositivos de segurança, dispositivo estratégico de relações de poder, entre outros. Só em *A vontade de saber*, encontramos 70 ocorrências do conceito (mesmo se desaparecerá por completo nos seguintes volumes da *História da sexualidade*). O conceito também ganha em precisão. Assim, Edgardo Castro assinala que o dispositivo implica: 1) uma rede de relações que se podem estabelecer entre o visível e o enunciável (discursos, instituições, arquiteturas, regulamentos, medidas administrativas, enunciados científicos, morais, filantrópicos); 2) um nexo não representativo entre esses elementos heterogêneos (por exemplo, o discurso pode aparecer como programa de uma instituição, como um elemento que pode justificar ou ocultar uma prática, ou funcionar como uma interpretação a posteriori dessa prática, etc); e 3) uma função estratégica (por exemplo, a reabsorção de uma massa de população flutuante que era excessiva para uma economia mercantilista, isto é, o hospital geral, como dispositivo de controlo-sujeição da loucura).” Cf. Eduardo Pellejero. Dos dispositivos de poder ao agenciamento da resistência. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=35&id=419> Acesso: 09.09.2011.

⁷ Cf. Lyon, David. “11 de setembro, sinótico e escopofilia: observando e sendo observado”. In: Bruno, Fernanda; Kanashiro, Marta e Firmino, Rodrigo. *Vigilância e visibilidade: espaço, tecnologia e identificação* Porto Alegre : Sulina, 2010. “O autor analisa as complementaridades e tensões entre os modelos sinótico, em que muitos vêem poucos (Mathiesen, 1997), e o panóptico, em que poucos vêem muitos (Bentham, 2000; Foucault, 1983), buscando evidenciar as relações entre a escopofilia e o *voyeurismo* vigentes na cultura visual midiática e os sistemas de poder das atuais práticas de vigilância”. BRUNO, KANASHIRO, FIRMINO (2010, p. 10).

informação global, normativa e institucionalizada liberando formações discursivas, narrativas telemáticas, enunciados que vão revigorar o espaço público midiaticizado.

Assim, o acontecimento das eleições presidenciais quando reportado pelo *broadcasting* passa pelo crivo do controle e agendamento pelas megaempresas de comunicação, grandes grupos econômicos e políticos; obedecem à gramática e ao uso tecno-instrumental dos dispositivos midiáticos dominantes. Por outro lado, quando a reportagem (a interpretação) do acontecimento político passa pelo crivo dos blogs jornalísticos (redes sociais, ambientes, mediações colaborativas) tem-se uma experiência informativa arejada pela diversidade de opinião, críticas, discussões e réplicas dos e-leitores e cidadãos, participando dos processos de decisão pública.

Para Foucault o dispositivo discursivo é um amálgama que mistura o enunciável e o visível; as palavras e as coisas; discursos e arquiteturas; programas e arquiteturas; formação discursiva e formação não-discursiva. Logo, os dispositivos são forças sócio-técnicas, maquinações concretas que geram modos de participação na sociedade.

Em relação aos discursos na sociedade, Foucault afirma que existem procedimentos de exclusão e de controle fazendo com que estes discursos, só possam ser compreendidos em relação ao meio em que se encontram. Além disso, existem também os procedimentos internos de seleção e controle, que deixam as suas marcas.

Nesse sentido, um determinado discurso, para ser compreendido, necessita que seja explicitado o dispositivo que envolve os seus contextos e seus códigos de linguagem. Para Foucault o mais importante nos discursos é o fato de constituírem os seus objetos. Eles são práticas que dão forma aos objetos sobre os quais falam. Nessa direção é esclarecedora a sua leitura para entendermos os dispositivos midiáticos (como os blogs), assim como é importante a sua inserção enquanto uma estratégia de empoderamento no contexto histórico e sociocultural:

Em se tratando de discurso, os dispositivos se configurariam nas práticas que sistematicamente dão forma aos objetos. Não contam as ações individualizadas dos sujeitos envolvidos, mas sim as ações relacionadas e os resultados do conjunto. Em Foucault, a noção de dispositivo está associada à ideia de estratégia, ideia esta que também fundamenta os estudos culturais, conforme Martin Barbero (SEIXAS, 2009, p. 23).

Para um estudo sistemático dos blogs, vistos aqui como um elemento inovador que desafia as reflexões sobre a prática jornalística, recorreremos ao trabalho organizado por Mouillaud & Porto, *O Jornal - da forma ao sentido* (2002), que reúne o argumento de vários pesquisadores empenhados em discutir os temas urgentes da realidade como as relações entre o jornal e o poder, as estratégias comunicativas, as regras de formulação dos enunciados, o modo de construção da realidade, a produção de sentidos, a tessitura do processo cultural.

Numa época em que os fenômenos aparecem e desaparecem depressa, convém examinar o arcabouço teórico-conceitual daqueles que estudaram os dispositivos midiáticos já consolidados como os impressos e os audiovisuais, e cuja permanência tem resultado em pesquisas proativas que podem ajudar na problematização e esclarecimento acerca dos atuais dispositivos midiáticos digitais.

Mouillaud, explica Seixas (2009), entende a acepção de “formato” como algo que estrutura o sentido da informação. Como Simmel, que percebe as configurações sociais, “organicamente”, a partir de “formas” organizativas da vida em sociedade, em que sensibilidade, inteligência, tecnologia e vida mental se entrelaçam, Mouillaud compreende o “formato”, como um dispositivo que confere sentido à realidade informada pelos jornais, pelas mídias.

Assim, o blog deve ser visto também pelo viés da sua forma (design, configuração, formatação) que atua sobre a percepção dos usuários de maneira performativa: instruindo, atualizando e levando a novos modos de comunicar. Por essa ótica, pode-se ressaltar os formatos do livro, revista ou jornal, que para Mouillaud, são dispositivos (materiais ou imateriais), feitos de enunciados, suportes, matrizes, modelagens lingüísticas, formais, que atuam no imaginário, na construção da realidade⁸.

⁸ Mouillaud (2002) oferece uma minuciosa cartografia para entendermos a configuração dos dispositivos e suas inscrições do dorso da cultura midiática que nos envolve: 1) Os dispositivos são os lugares materiais e imateriais nos quais se inscrevem (necessariamente) os textos (despachos de agências, jornal, livro, televisão, etc. ...); 2) Chamamos de “texto” qualquer forma (de linguagem, icônica, gestual etc. ...) de inscrição; 3) O dispositivo tem uma forma que é a sua especificidade, em particular, um modo de estruturação do espaço e do tempo; 4) O dispositivo não é um “suporte”, mas uma matriz que impõe suas formas aos textos (uma conversação “informal” se inscreve nas formas da conversação, como variante de um paradigma); 5) Os dispositivos se encaixam uns nos outros. O jornal se inscreve no dispositivo geral da informação e contém, ele próprio, dispositivos que lhe são subordinados (o sistema de títulos, por exemplo); 6) Os próprios dispositivos pertencem a lugares institucionais: um anfiteatro de universidade não é apenas uma cena espacial, mas um subconjunto da instituição universitária. Os dispositivos e as instituições têm uma relativa autonomia entre si (um lugar institucional pode ser o mesmo com dispositivos diferentes, e um dispositivo pode funcionar em diferentes lugares). Entretanto, o dispositivo e o lugar são indissociáveis do sentido no qual só se atualizam um pelo outro; 7) Considerados do ponto de vista genético, o dispositivo e o texto se precedem e determinam-se de maneira alternada (o dispositivo pode aparecer como uma sedimentação do texto, como uma variante do dispositivo, por exemplo, um número do jornal diário e sua coleção).

O “dispositivo de enunciação” de Mouillad é uma matriz que impõe sua forma aos textos, que prepara para o sentido. Logo, convém estender o olhar e investigar os blogs para além dos seus conteúdos, e explorar a sua dimensão cognitiva, sensorial, ecológica e ambiental forjada pela comunicação colaborativa.

Detemo-nos aqui no conceito de dispositivo e buscamos atualizá-lo à guisa de uma compreensão do blog como um objeto cujas dimensões materiais e simbólicas se aglutinam impondo um novo significado à experiência da informação na era da comunicação compartilhada. Especificamente, recorrendo à interface metodológica que contempla a interface Comunicação e Discurso, encontramos nas formulações de Charaudeau (2007) novas contribuições para uma teoria da blogosfera.

O pesquisador define o dispositivo como um componente do contrato de comunicação que inclui um ou vários tipos de material (matéria na qual toma forma), se constitui em suporte (canal de transmissão) com ajuda de uma determinada tecnologia (conjunto de maquinaria que regula a relação entre material e suporte). Para o autor os contratos de comunicação estabelecidos pelos dispositivos midiáticos encerram uma dimensão de afetividade que envolve o público, por meio das encenações midiáticas.

Por esse ângulo, o blog constitui um dispositivo que faz parte do contrato comunicacional do qual participam jornalistas, blogueiros, usuários, e-leitores. No interior do “discurso das mídias”, da “mídiosfera”, o blog se instala como um dispositivo de enunciação que captura a atenção dos e-leitores pela estratégia dos enunciados de sedução incluídos nas formas de encenação linguística (CHARAUDEAU, 2007).

Numa outra direção, na perspectiva da midiologia, o conceito de dispositivo aparece em Debray, conforme descreve Seixas (2009), como parte do *midium*, a parte lógica de transmissão e mensagem. O suporte está ligado aos objetos técnicos, enquanto o procedimento à dimensão cultural da tecnologia. O *mídium*, entretanto, não seria a soma desses elementos, mas o conjunto material e tecnicamente determinado por suportes, relações e meios de transporte, numa dada época de sua existência social.

Destarte o significado (e o êxito) dos blogs jornalísticos experimentam uma íntima relação com o caráter técnico, material, simbólico e imaterial também; o importante é a consciência de que são “dispositivos midiológicos” (no sentido empregado por Debray), os quais nos moldam as lógicas de fazer e de ler as notícias, editam as maneiras de influenciar e de colaborar, e que se estruturam sob a forma de enunciados, “jogos de linguagem” cujos usos definem a construção do real.

Na epistemologia formulada por José Luiz Braga (1994), o autor utiliza conceito de dispositivo de conversação, construído nas relações entre linguagem e sociedade (interações e contexto). Os dispositivos conversacionais são definidos aí como um conjunto de regras, modelos, roteiros mais ou menos elaborados, “que não definem o conteúdo dos enunciados que vão ser produzidos, mas fornecem as marcações para o trabalho de cena” (BRAGA, 1994, p. 295).

De maneira sistemática, o significado do dispositivo é esclarecido no estudo de Otavio José Klein (2007), o qual explica que é possível relacionar três dimensões do conceito de dispositivo: sócio-antropológica, semio-lingüística, tecno-tecnológica.

A dimensão sócio-antropológica do dispositivo midiático significa estar atento a tudo que é humano e social na comunicação midiática e que participa do processo produtivo. [...] Na dimensão semio-lingüística do dispositivo, são destaque, as operações de linguagem que participam da midiatização, as quais oferecem múltiplas possibilidades de articulação ou desarticulação, bem como regras que criam significados por meio da utilização de códigos e símbolos que são organizados a partir dos enunciadores. O dispositivo enquanto dimensão técnico-tecnológica [...] diz respeito às operações realizadas, e enquanto tecnologia, aos suportes tecnológicos, ou seja, as máquinas, os equipamentos e instrumentos utilizados nos processos de comunicação (KLEIN, 2007, p. 220).

A reflexão teórica e epistemológica pode aprofundar a discussão do uso dos dispositivos, além da descrição meramente conceitual. Uma investigação mais apurada pode identificar relações dialéticas e de interações dinâmicas entre diferentes dimensões do dispositivo. Para compreender os processos comunicativos é preciso analisar os dispositivos que lhes servem de auxílio. A compreensão de situações diretamente relacionadas ao jornalismo também deve seguir o mesmo rigor em relação aos dispositivos que ordenam a forma de apresentação e apreensão das notícias.

Para compreender as particularidades do blog jornalístico, trabalhamos numa perspectiva comparativa. Buscamos colocar a comunicação mediada por computador (particularmente o blog jornalístico) em relação a outros dispositivos midiáticos amplamente estudados – jornal impresso, rádio e TV – no intuito de desvelar o que há de inovador, ou, por outro lado, aquilo que se repete ou exige somente adaptações em diferentes níveis de atuação.

1.2.2 – Internet, ciberespaço e cibercultura

A partir de meados do século 20 se instaura o processo de digitalização da informação, com o uso de computadores no processamento e armazenamento de grande quantidade de dados. As informações digitalizadas estavam vinculadas aos setores econômico, governamental, acadêmico, técnico-científico e administrativo. Com o tempo, surge a necessidade de interligar essas informações que estavam dispersas. É nesse cenário que a internet é concebida.

A internet é o principal fruto da revolução tecnológica ocorrida no final do Século 20, mais precisamente em 1969, na Califórnia, cenário da formação da primeira rede de computadores a longa distância: a ARPANET, fundada pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos (WERTHEIM, 2001). Nos anos seguintes, a rede se expandiu, deixou o domínio militar e se espalhou pelo mundo.

A criação e o desenvolvimento da internet nas últimas três décadas do século XX foram consequência de uma fusão singular de estratégia militar, grande cooperação científica, iniciativa tecnológica e inovação contracultural (CASTELLS, 2009, p. 82).

A descentralização e a distribuição da informação foram as primeiras vantagens vislumbradas no início das pesquisas para implantação da internet. A popularização da cibernética e da informática, com início na década de 70, resultou na introdução do microcomputador no espaço público. Estabeleceu-se ao longo dos anos 80 e na década de 90 atingiu sua plenitude com as redes telemáticas.

É nesse contexto que a internet se populariza, graças também ao barateamento dos microcomputadores e da conexão em rede através da telemática. Com a internet, alargam-se as possibilidades de expressão e socialização através das ferramentas de comunicação mediada por computador.

Através de diversas ferramentas de navegação que oferecem e virtualizam as mais variadas formas de comunicação, o internauta tem a chance de estreitar os laços e estabelecer as mais variadas trocas de informações. Correio eletrônico, salas de bate papo, fóruns, lista de discussões, comunicadores instantâneos e sites de redes sociais na

internet são as principais ferramentas da comunicação mediada por computador em que “o virtual é, antes de tudo, um prolongamento da sociabilidade do frente a frente” (MAIGRET, 2010, p. 404).

Em comparação a outras do passado, as tecnologias digitais distinguem-se por ampliar a capacidade intelectual do homem. Não apenas elas possibilitam centralizar conhecimentos e informação numa rede técnica informatizada, como permitem aplicar esses conhecimentos na geração de novos conhecimentos e mecanismos de processamento da informação. O que mudou, segundo Castells (2009), não foi o tipo de atividade em que a humanidade está envolvida desde a era industrial, mas sua capacidade tecnológica de utilizar, como força produtiva direta, aquilo que caracteriza a singularidade do homem: a capacidade superior de processar símbolos.

A revolução tecnológica possibilitou o surgimento de um ambiente cultural singular e universal constituído por técnicas, práticas, modos de pensamento e valores que inclui o conhecimento, as crenças, a ética, os costumes, os saberes cotidianos e os hábitos construídos nas relações entre pessoas, grupos, instituições ou organizações sociais informais com o aparato técnico da infra-estrutura material da comunicação digital. Progressivamente essa revolução implementa novas modalidades organizacionais, sociais e cognitivas, como as comunidades virtuais e a construção do que Lévy chama de “inteligência coletiva”.

Nesse contexto, a Internet adquiriu importância estratégica no modelo social forjado pela revolução tecnológica. Mais do que um protocolo informativo, a Internet transformou-se num espaço social e cultural que permite estabelecer a comunicação entre distintos tipos de rede. Constituí a base material da vida e das formas de relação com a produção, o trabalho, a educação, a política, a ciência, a informação e a comunicação. É o coração do novo paradigma sociotécnico, como define Castells (2003, p. 07):

Se a tecnologia da informação é o equivalente histórico do que foi a eletricidade na era industrial, em nossa era poderíamos comparar a Internet com a rede elétrica e o motor elétrico, dado sua capacidade para distribuir o poder da informação por todos os âmbitos da atividade humana.

Como epicentro do sistema sociotécnico emergente, a Internet é um ambiente e sistema de informação e comunicação (Lemos, 2002). Por natureza é multifacetada, podendo ser um ambiente onde convivem e combinam entre si várias formas. Pode funcionar num ambiente compartilhado simultaneamente como suporte, meio de comunicação que se presta à expressão; muitas vezes como sistema tecnológico ou ambiente de informação e de comunicação. A definição de função depende em muito do uso que dela se faz em determinado contexto, circunstâncias, objetivos, finalidade e aplicação social seja por interesse, atividade específica ou mesmo por fruição.

A cultura da Internet, segundo Castells (2001), é caracterizada por uma estrutura formada por quatro estratos superpostos: a cultura tecnomeritocrática, a cultura hacker, a cultura comunitária virtual e a cultura empreendedora. Juntos, esses estratos contribuíram para que a construção e sustentação da Internet se desse com base em valores tais como o de liberdade individual, de pensamento independente, da ideia de cooperação entre usuários, de comunicação horizontal, conexão interativa, informal e aberta entre os usuários.

Dentro da cultura da Internet, e a partir do uso das ferramentas de comunicação mediada por computador pela sociedade, emergiu o que hoje entendemos por cibercultura. Manovich (2005) define cibercultura como o estudo dos vários fenômenos sociais associados à internet e outras novas formas de comunicação em rede.

Lemos, por sua vez, compreende a cibercultura como a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 70. “A cibercultura representa a cultura contemporânea sendo consequência direta da evolução da cultura técnica moderna” (LEMOS, 2003, p.11).

A cibercultura é parte integrante da recente história e está devidamente contextualizada como peça chave para a compreensão dos nossos dias. Em linhas gerais, Pierre Lévy define a cibercultura como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 2009, p.17). Este, por sua vez, pode ser considerado como o espaço de comunicação criado pela interconexão de computadores com o surgimento da internet.

A rede trouxe a reboque de suas inovações técnicas uma revolução social na comunicação. De forma mais rápida e ágil, as pessoas passaram a se comunicar em diferentes pontos do globo. As fronteiras foram derrubadas e surge um novo ambiente:

o ciberespaço. O termo ciberespaço foi criado pelo escritor William Gibson no romance *Neuromancer*, de 1984. Rapidamente a palavra foi transplantada para a informática e logo em seguida, amplamente difundida e usada em outros segmentos da sociedade.

Lévy entende ciberespaço como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, p. 92). Já André Parente conceitua o ciberespaço como “o novo espaço de comunicação da humanidade, aquele que integra algumas das mais importantes inovações no campo da eletrônica, da cibernética, da computação, da informação e da comunicação” (PARENTE, 1999, p. 80). Compreendemos o ciberespaço como o ambiente de compartilhamento, um território simbólico que permite a exploração de novas experiências sociais e existenciais.

1.2.3 - Liberação do pólo da emissão

O ambiente da internet se tornou um vigoroso introdutor de novas mídias. Mídia aqui é entendida como artefato cultural, surgindo como possibilidade imaginativa e de operacionalidade tecnológica, como sugere Manovich (2005). Seguindo essa perspectiva, uma nova mídia é aquela que abre novos caminhos estéticos e permite criar estratégias de difusão e veiculação de conteúdos, mas que também pode dialogar com as que a precederam.

Desse modo, a internet se constitui num ambiente gerador de mídia de caráter predominantemente social que abre espaço para novas vozes. É o forte componente social – e não apenas tecnológico – que marca as mudanças que estamos presenciando desde as duas últimas décadas do século 20 e a primeira década do século 21.

Em sua gênese, a internet já se apresentava como ambiente gerador de mídia. Barners-Lee criador da web, concebeu a internet como uma hipermídia, ou seja, os elementos produzidos por esta rede não deveriam seguir o modelo do impresso, mas sim agregar elementos interativos.

Com a web, temos processos de comunicação bem complexos. Sua manifestação é essencialmente em hipermídia, ou seja, a informação

se materializa por meio de diversas mídias, som, imagem, sequência e animação de imagens, texto discursivo, texto/imagem, vídeo etc. (BRAGA, 2005, p. 126).

Para Maigret, a internet é, sim, uma mídia no sentido restrito do termo, isto é, um suporte tecnológico para a comunicação.

Suas gigantescas possibilidades se devem mais ao seu caráter de multimídia que reúne som, imagem e texto: um único computador conectado à rede mundial pode transmitir e receber mensagens escritas, imagem fixas ou animada, música, consultar banco de dados (MAIGRET, 2010, p. 405).

Por sua universalidade, plasticidade, seus modos de transmissão e seu baixo custo de utilização a internet acaba por gerar mídia heterogênea.

Os servidores de dados constituem ferramentas de busca, isto é, de consulta funcional da informação mais do que de comunicação. O correio eletrônico é um instrumento de comunicação interpessoal, ao passo que os fóruns de debates servem ao mesmo tempo de espaço de discussão coletiva e de trabalho comum. A web transmite em parte conteúdos de outros tipos de meio de comunicação de massa ou mídias especializadas, pois alguns sítios informativos ou lúdicos preenchem funções próximas das revistas de papel, do panfleto (minúsculo jornal de opinião), do programa televisivo, do concerto visto e ouvido... Os sítios mercantis têm funções publicitárias de outdoor (plaquetas de apresentação de empresas) ou mais simplesmente comerciais (apresentação dos produtos e operações de compra). Se a internet, portanto, traz reais inovações na comunicação, a suposta unidade só existe no suporte empregado: a inter-relação dos computadores (ibid, p. 409).

Manovich contribui mais uma vez para a discussão ao considerar a internet como parte constituinte do campo das novas mídias. Para o autor, a internet, os sites, a multimídia dos computadores, os jogos de computadores, os CD-ROMs e o DVD, a realidade virtual e os efeitos especiais gerados por computador enquadram-se todos nas novas mídias, que “se ocupam de objetos e paradigmas culturais, capacitados por todas as formas de computação, não apenas pela rede” (MANOVICH, 2005, p. 27).

Os novos dispositivos midiáticos transformam-se de meros meios de transporte de mensagens ou de veículos de conteúdos prontos em mecanismos de agenciamento e de multiplicidades que incorporam diferentes materialidades que passam a ser desdobradas também em múltiplos fluxos de informação. Já não se trata de pacotes de mensagem, mas de fluxo ininterrupto de informação que desterritorializam e reterritorializam novos espaços da cultura transformando-os em lugares apropriados para o consumo do entretenimento.

Novos meios e modos de produção possibilitam, acreditamos, o surgimento de um novo tipo de autor/leitor para mídias, com múltiplas habilidades, reunindo por um outro caminho a escrita e a leitura. A despeito das previsões catastróficas, parece surgir a possibilidade não excludente em que novos e velhos processos midiáticos possam coexistir (SOARES, 2009, p.98).

A internet – como ambiente gerador e agregador de mídia – propicia mudança significativa no modo de produzir, difundir e consumir informação a partir da liberação do pólo da emissão (Lemos, 2002). Impulsionados pela web e pelas novas tecnologias de comunicação, as pessoas passam a produzir conteúdos e difundi-los via internet. A produção personalizada de conteúdo não é algo advindo apenas com a internet, os gravadores de som já possibilitavam o registro pessoal de informações e a produção de uma fita cassete com músicas diversas selecionados pelo ouvinte.

A câmera de vídeo e o vídeo cassete também contribuíram com a produção de material, muitas vezes registros de acontecimentos familiares, íntimos ou experiências cinematográficas alternativas⁹. O rádio também possuía nuances da liberação do pólo da emissão através de rádios piratas que invadem as frequências comerciais ou se instalam em frequências disponíveis, mas sem autorização para o funcionamento.

É a internet aliada ao barateamento do computador e da conexão em rede que promove a mudança no modelo de comunicação realizado até então. Já que a capacidade de grande difusão de informações estava nas mãos das empresas de comunicação, na indústria do cinema e da música.

⁹ O termo alternativo aqui é empregado para diferenciar o modo de produção de filmes. No cinema o material usado é a película, diferente das fitas de vídeo usadas nas câmaras filmadoras amadoras.

A liberação do pólo emissor da comunicação alterou o fluxo comunicacional, que deixou de ser apenas unidirecional, estabelecendo um processo em que as mensagens são veiculadas de “um-para-muitos” (grande mídia para a audiência), para multidirecional podendo ter várias direções e variações indo do “um-para-um”, “um-para-muitos”, passando pelo “poucos-para-poucos” e chegando ao “muitos-para-muitos”.

A nova dinâmica técnico-social da cibercultura instaura assim, não uma novidade, mas uma radicalidade: uma estrutura midiática ímpar na história da humanidade onde, pela primeira vez, qualquer indivíduo pode, a priori, emitir e receber informação em tempo real, sob diversos formatos e modulações, para qualquer lugar do planeta e alterar, adicionar e colaborar com pedaços de informação criados por outros (LEMOS, 2003, p. 02).

Para Kerckhove (1997), na cibercultura, o processo passa do ponto de vista dos indivíduos (associado ao uso dos livros) e da coletividade (através do modo de difusão de massas do rádio e da televisão) para um processo dominado pela conectividade (com os computadores). A liberação do pólo da emissão favorece também as “inteligências coletivas” (Lévy) e “conectivas” (Kerckhove). Enfim, é justamente no blog que encontramos a expressão máxima da liberação do pólo emissor.

1.2.4 – Web 2.0

Como vimos, a internet é criada na década de 70 e na década seguinte se populariza com o desenvolvimento do computador pessoal. A década de 90 assiste a uma evolução importante da internet – a World Wide Web, que é o componente mais público da rede. O advento da Web, em 1992, foi decisivo para o crescimento e consolidação das publicações na rede. Pela primeira vez, a rede ganhava uma interface gráfica comutativa, baseada em hipertexto e multimídia, permitindo o acesso a qualquer tipo de conteúdo com um simples clique no cursor.

A partir do momento que em a internet ficou mais próxima e ao alcance da população, o acesso e o desenvolvimento das publicações online deram um salto evolutivo em tempo recorde. Para o jornalismo, a web também possibilitou melhor adaptação de jornais e revistas ao suporte digital. Já que até então a circulação de informações na internet se processava em sistemas de troca de mensagens, principalmente via email e fóruns de conversação.

A primeira década do século 21 assiste nova evolução da internet – sua versão web 2.0, cuja importância se deve, principalmente, à participação dos usuários na construção dos conteúdos na rede de forma participativa e colaborativa (BRIGGS, 2007). A melhoria dos softwares permitiu a publicação de conteúdo e a transferência de arquivos entre os usuários de forma rápida sem ter que passar por servidores FTP ou que fosse necessário conhecimento em programação HTML.

A web 2.0 potencializou a descentralização das informações, já que não há um ponto gerador único de informações. Um vídeo, por exemplo, quando postado no site Youtube pode ser arquivado por qualquer pessoa que se interesse pelo conteúdo. Além da descentralização de conteúdos, a web 2.0 potencializou a inteligência coletiva através da arquitetura da participação em rede, que funciona a partir da ética da cooperação, conectando vários pontos na rede e combinando o poder dos próprios usuários.

Na medida em que os usuários adicionam conteúdos e sites novos (através de hiperlinks), esses passam a integrar a estrutura da rede na medida em que outros usuários descubrem o conteúdo e se conectam a ele. A rede de conexões cresce organicamente (Lévy) como resultado da atividade coletiva de todos os usuários da rede. O conjunto desses usuários gera massa crítica, ou seja, sabedoria crítica.

Os softwares livres, como o Linux, são exemplos da materialização da inteligência coletiva em ação. Em várias partes do mundo, programadores contribuem para a melhoria do sistema operacional e o fazem de forma gratuita e colaborativa. É também a web 2.0 que potencializa o uso dos blogs, já que as plataformas que oferecem o serviço são mais fáceis de utilizar, sem que haja necessidade de conhecimento em programação ou linguagem especializada. A tecnologia web 2.0 também deu o suporte necessário à inserção dos conteúdos das mídias tradicionais na internet.

1.2.5 – Webjornalismo

O Webjornalismo tem pouco mais de dez anos, os quais viram pelo menos três etapas de desenvolvimento dos veículos noticiosos para a web. Mielniczuk (2003) classifica em três as gerações do webjornalismo.

Primeira geração é da transposição do modelo impresso para as redes digitais. Nesse momento, os produtos oferecidos eram reproduções de parte dos jornais impressos, que não passavam de transposição de uma ou duas principais matérias de algumas editorias. Parte do material era atualizado a cada 24 horas, acompanhando o fechamento do jornal impresso. A produção da notícia que ia para web era totalmente atrelada ao modelo estabelecido nos jornais impressos. Não existia preocupação com a relação a uma possível forma inovadora de apresentação das narrativas no novo meio;

Na segunda geração é a fase em que alguns elementos específicos da web passam a ser agregados à notícia online, embora esta continue seguindo o padrão de texto da edição impressa. Aqui passam a ser usados recursos de hipermídia, como áudio e vídeo. Com uma internet melhor estruturada, a segunda geração de jornais on-line é favorecida. Apesar de manter o atrelamento ao jornal impresso, começam a ser lançadas na rede mundial de computadores novas experiências na tentativa de explorar as características específicas oferecidas pela web. Novos ambientes são explorados, com links para camadas de informação, notícias, fatos que acontecem no período entre as edições do impresso. A elaboração das notícias começa a usar os recursos do hipertexto. O e-mail passa a ser utilizado como possibilidade de comunicação entre jornalista, leitor ou entre leitores. Os fóruns são outra opção de interatividade.

Na terceira geração o cenário se transforma com o surgimento de iniciativas empresariais e editoriais destinadas exclusivamente à internet. Os sites jornalísticos extrapolam a simples ideia de ser uma versão do impresso na web e tentam explorar, de forma sensata, os recursos multimídia, como som e animações, que enriquecem a narrativa jornalística. Ampliam-se, também, as possibilidades de interatividade; as configurações do produto com base interesses pessoais de cada leitor; emprego freqüente do hipertexto; e, atualização contínua do webjornal, em suas diferentes seções. Nessa fase, as publicações online incorporam a hipermídia à produção do texto, aprofundando a hipertextualidade e a multimodalidade permitidas pela convergência das mídias digitais. Passa a ser levada em conta a possibilidade de distribuição do conteúdo

para outras plataformas, como telefones celulares e handhelds. Ao mesmo tempo, a notícia ganha interconexão para além do material de apoio e menus de navegação.

No webjornalismo o conteúdo é predominantemente hipertextual. Para Dalmonte (2009), a principal potencialidade do hipertexto no âmbito digital consiste nas interconexões entre os discursos, segundo critérios do próprio navegador, o que caracteriza uma nova textualidade para a narrativa do fato jornalístico. O hipertexto confere ao texto na web uma característica discursiva em constante construção, tendo um início, porém, o percurso e a conclusão estariam a critério do internauta.

Segundo Landow (1995) o hipertexto possui cinco características: a *intertextualidade* (relação entre os textos potencializada pelo link), a *multivocalidade* (associada à idéia de polifonia proposta por Bakhtin, que sustenta a possibilidade de coexistência de diversas vozes na narrativa), a *descentralização* (o leitor através de seus caminhos de leitura que eleger temporariamente os sucessivos centros), o *rizoma* (a partir do conceito proposto por Deleuze e Guatarri, o rizoma se opõe a hierarquia pois pode conectar qualquer ponto a qualquer outro ponto) e a *intratextualidade* (ligações internas entre lexias dentro do mesmo sistema ou site).

O webjornalismo reconfigurou as práticas midiáticas com relação ao jornalismo. Na internet o jornalismo recebe várias nomenclaturas: código aberto (open source), participativo, cidadão, colaborativo e em rede. Esses termos têm em comum o fato de designarem a internet como meio de interação, o uso de procedimentos técnicos que viabilizam o envio de matérias pelos usuários, a criação de ambiência propícia à discussão pelo cidadão comum.

Além da possibilidade de publicação de idéias sem censura convencional, uso de plataformas para o formato colaborativo e adoção de dispositivos de tecnologia digital cada vez mais sofisticado e potente por parte dos cidadãos.

Para Silva, os meios de comunicação de massa nunca ofereceram espaço digno ao leitor, ouvinte ou telespectador. Nos jornais, os espaços são limitados em cartas dos leitores que, muitas vezes, são ocupados para respostas de autoridades a matérias publicadas (como direito de resposta) e não, necessariamente, por leitores comuns visto que “o sistema produtivo de características industriais, que se aperfeiçoa em todos esses canais, delimita papéis bem definidos, tanto na divisão do trabalho quanto na separação entre quem lê (escuta ou assiste) e quem fala” (SILVA apud PRIMO; TRASEL, 2006 p.3-4).

Esse pensamento é compartilhado por Palácios e Munhoz (2007, p.59) quando afirmam que “as posições estavam bastante bem definidas a priori: ao jornalista cabia informar; ao leitor, quando muito, comentar”. Para Silva (2007), esse processo faz parte da lógica do *gatekeeping*, visando o controle do conteúdo a ser coletado e publicado baseado em critérios de noticiabilidade, que estabelece o que deve ou não ser divulgado.

O movimento do jornalismo participativo, que se difere da lógica dos meios de comunicação de massa, é denominado por Bruns (2005) como *gatewatching* por se opor ao modelo do *gatekeeping* porque ele identifica que a produção jornalística dos circuitos alternativos é constituída de uma elaboração colaborativa com a participação de cidadãos comuns tanto na entrada (coleta) quanto na saída (publicação) da informação quebrando a justificativa de espaço ou de filtragem visto que a web oferece um outro nível de inserção (SILVA, 2007, p. 10).

A dissolução do pólo emissor-receptor, a mudança do papel do jornalista - que passa de emissor para co-autor, e o caráter líquido, inconstante e permanentemente em construção são algumas das características próprias da informação veiculada na internet. Também o leitor assume o seu posto de co-autor, “quase não há ninguém que queira se manter informado e ficar calado” (VARELA, 2007, p.53).

Gunter (2003), ao se referir à expansão do ciberespaço como meio informativo, assinala que os usuários de sites noticiosos têm a chance de se envolver mais com o processo de produção da notícia a partir da interação proporcionada pela web.

Os atuais processos vividos na contemporaneidade permitem pensar de fato em uma outra articulação do jornalismo, transformado pelas redes midiáticas, a partir do delineamento de suas especificidades de maneira complementar e integrada, afastando-se de uma concepção clássica baseada na idéia de informação e na separação entre produtores e receptores. Dessa forma, mais do que levar à realidade impessoal dos infográficos e das pesquisas de opinião em oposição à realidade dinâmica das relações pessoais e dos discursos, os recursos visuais e tecnológicos hoje disponíveis podem constituir novos espaços de participação (SOARES, 2009, p.98).

As tecnologias digitais têm servido para uma maior interferência popular no processo noticioso. Além da dimensão operacional, tecnológica, é preciso considerar a livre circulação de informação como outro fator que inspira e justifica a emergência de experiências com jornalismo participativo, principalmente as informações que circulam nos blogs. Ou seja, para além da funcionalidade e do viés tecnológico, os blogs definem um novo modo de compartilhamento das informações, gerando consequências éticas, cognitivas, sociais, econômicas e políticas.

Capítulo 2 – Interfaces do Blog e do Jornalismo

2.1– O dispositivo blog

No contexto atual da sociedade midiaticizada, os diversos meios de comunicação têm convergido para os suportes interativos. A convergência digital é uma realidade e a internet, o principal canal de difusão dos conteúdos digitalizados. E se a internet é o canal, o uso da tecnologia da comunicação em rede organiza os conteúdos jornalísticos.

A chamada “tecnologia web” tem como característica fundamental o hipertexto, e permite o que Jenkins (2008) chama de convergência digital - ou seja, a possibilidade de conjunção dos diversos formatos como o impresso, rádio ou televisão, colaborando na produção de notícias em um único suporte tecnológico. Mas, o importante é que fornece – de maneira original – ferramentas próprias e que independem dos suportes anteriores (jornais, rádio e televisão). É o caso do blog, considerado o meio nativo da web (ORIHUELA, 2007).

Com a web 2.0 ocorre a ascensão dos blogs que logo caem no gosto dos usuários. “Desde esse instante, qualquer pessoa que saiba ligar um computador, escrever um texto e navegar pela internet pode criar um blog” (ANTÚNEZ, 2007, p. 22). Varela (2007) situa o blog como uma mídia social, um espaço em que os indivíduos estão associados em rede, conectando “idéias, textos e outros conteúdos informativos e de opinião” que vão “estimular a participação dos cidadãos na criação de conteúdos em rede” (VARELA, 2007. p.54).

O blog nasceu em 1992 como uma forma de catálogo de links. Neles, usuários da internet listavam links úteis de interesse de internautas, incluindo comentários, críticas e sugestões. Logo, o blog passou a ser um guia de navegação, um “diário de bordo”, para outros utilizadores da internet. De acordo com Antúnez (2007), no ano de 1999 surgem as ferramentas *Pitas e Blogger*, permitindo a qualquer pessoa criar seu próprio blog usando um formulário simples. Além disso, o serviço era gratuito.

Os serviços *Pitas e Blogger* foram resultantes do desenvolvimento dos sistemas de gerenciamento de conteúdo. Tais sistemas permitem aos usuários gerar, de maneira dinâmica, os elementos constituintes de um site, desde a criação de páginas, escrita, design, gerenciamento de arquivos e até licenças. Os gerenciadores de conteúdo

facilitaram a vida dos usuários comuns, pois antes era preciso dominar a linguagem de programação de computadores para que se pudesse publicar algo mais estruturado na internet (informações além das listas de discussões, *e-mails* ou fóruns já existentes).

O desenvolvimento dos gerenciadores de conteúdo foi, e ainda é, uma experiência coletiva, ou seja, usuários da internet, programadores, *designers*, arquitetos de redes digitais trabalham para melhorar os sistemas de gerenciamento de conteúdo, na maioria dos casos, de forma gratuita, colaborativa e interativa. “Como ocorre em grandes mudanças, os usuários com demandas concretas, não satisfeitas nem contempladas pelo mercado, criam o caminho para satisfazer os hábitos de comunicação que ajudam a sociedade do conhecimento” (ANTÚNEZ, 2007, p.22).

Então, além de gerar *links* dos conteúdos interessantes para os usuários, o blog surgiu como uma ferramenta de publicação pessoal: não apenas contendo *links* para páginas recomendadas pelo seu autor, mas, acima de tudo, possibilitando a publicação com facilidade e fidedignidade à mensagem do autor.

Tendo nascido na internet, identificar um blog não é difícil: é uma página que obedece à estrutura da informação numérica. Basicamente consiste em dois elementos: uma série de anotações ordenadas cronologicamente, do mais recente ao mais antigo, e uma lista de *links* favoritos, normalmente dispostos no lado direito da janela.

Outra característica fundamental do blog é a hierarquia bem definida: o autor tem a última palavra. Apesar disso, o blog introduz a possibilidade de um diálogo entre o autor e o leitor através de uma “comunicação dialógica”, em que os comentários podem ser deixados pelos visitantes, assim como as respostas disponibilizadas pelo autor. Muitos temas podem ser abordados em um blog, desde os mais pessoais aos de caráter organizacional, contemplando as experiências da informação e entretenimento, mas também educação, economia e política.

É importante destacar as várias possibilidades que a ferramenta blog abre na comunicação mediada por computador. Além das características pontuadas – quais sejam: conteúdos ordenados cronologicamente; *links* de entrada e saída; e ferramentas interativas – é fundamental salientarmos dois aspectos: a credibilidade do blogueiro e a qualidade dos conteúdos em suporte de texto, som, vídeo ou fotografia. Entretanto, convém sublinhar, apesar das possibilidades de publicação de imagem e som, os blogs têm como base de conteúdo o texto escrito.

O autor é a chave para entendermos o blog, por isso assinalamos a importância do mesmo. É ele quem define o conteúdo a ser publicado, quem estabelece a frequência

de atualização, além de gerenciar as conversas geradas através dos comentários postados no blog. É ele quem decide se o comentário se tornará público ou não. Desse modo, ler um blog é ler as intenções do seu autor, da pessoa que está por trás do meio.

De fato, a relação entre leitor e autor de um blog pode ser entendida como um pacto de leitura: um acordo implícito entre ambos, por meio do qual se medem as expectativas do leitor quanto ao texto. Quando o autor torna as condições da escrita claras, contribui para a segurança de sua relação com os leitores, para o fortalecimento dos blogs como meio e para a consolidação de sua credibilidade (ORIHUELA, 2007, p. 04).

As pesquisadoras Amaral, Recuero e Montardo (2009), buscando mapear o objeto blog, apontam algumas definições. A primeira delas chamada de definição estrutural, diz que “os blogs foram inicialmente definidos como uma ferramenta de publicação que constituía um formato muito particular”, (AMARAL, RECUERO, MONTARDO, 2009, p.29).

A segunda definição, chamada funcional, em que os blogs são vistos a partir de sua função como meio de transmissão de comunicação, ou seja, como mídia que difere das demais pelo seu caráter social, expresso através de sua propriedade conversacional, o que se demonstra tanto pelos textos publicados quanto pelas ferramentas anexadas ao blog e *links* geradores de novas páginas.

Outra definição conceitual apresentada pelas autoras compreende os blogs como artefatos culturais, e tal compreensão se origina de um olhar antropológico, etnográfico.

Essas três opções conceituais auxiliam-nos a compreender como os weblogs são, atualmente, compreendidos pela literatura especializada. Como artefatos culturais, eles são apropriados pelos usuários e constituídos através de marcações e motivações. Além disso, perceber os blogs como artefatos indica também a sua percepção como *virtual settlement* (Jones, 1997), uma vez que são eles o repositório das marcações culturais de determinados grupos e populações no ciberespaço, nos quais é possível, também, recuperar seus traçados culturais. Como meios de comunicação, os weblogs são compreendidos por meio de sua função comunicativa e dos elementos que dela decorrem. A própria Rebecca Blood (2002), em uma das primeiras obras a respeito dos blogs, explica que a apropriação deles focou o uso do sistema também como forma de conversação. A

percepção dos blogs como espaços de sociabilidade, como constituintes de redes sociais, está presente nessa vertente. Blogs como meios de comunicação implicam também sua visibilidade enquanto meios de práticas jornalísticas, seja através de relatos opinativos, seja através de relatos informativos. No conceito estrutural, por outro lado, permite apreender-se o blog enquanto formato, abrindo-se para múltiplos usos e apropriações (AMARAL; REDUERO; MONTARDO, 2009, p. 32-33).

Para Amaral, Recuero e Montardo (2009), independentemente dos blogs serem interpretados sob um olhar estrutural, funcional ou como artefato cultural, consistem suportes para a comunicação mediada por computador, ou seja, permitem a socialização online de acordo com os mais variados interesses. O aspecto mais relevante dos blogs como ferramenta de comunicação é a constituição de estruturas sociais.

A simplificação do processo de publicação na *web* é fator fundamental para o êxito da ferramenta. Desde 1999 até agora, o número de blogs só cresce. De acordo com o *site* Technorati¹⁰, especializado no monitoramento de blogs na internet, são mais de um milhão de blogs publicados sobre os mais variados assuntos. O sucesso da ferramenta pode estar relacionado ao fato de que o blog solucionou três obstáculos para publicação de conteúdo na internet: domínio de linguagem HTML, pagar para publicar conteúdo e ter habilidade com *design* gráfico.

Do ponto de vista funcional, o blog é uma ferramenta de publicação de conteúdo na internet caracterizada pela personalização, ou seja, o blog tem a voz de seu autor. “A partir de sua vocação midiática, o blog é uma personalização de seu autor que é expressa a partir de suas escolhas de publicação” (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009, p. 33).

O fato de ser um serviço gratuito, e de fácil manuseio, fez com que a ferramenta se popularizasse. Se o autor tinha a voz, o blog amplificou a sua fala. “Os blogs têm consolidado um modo de expressão individual e interação pessoal, a promover nesse processo o surgimento de uma existência mediada e midiática” (BRAGA, 2009, p. 79).

Como sites geridos pelos usuários e personalizados por cada autor, os blogs acabam por gerar comunidades com alto grau de fidelidade, baseadas em interesses comuns e na construção coletiva do conhecimento.

¹⁰ <http://technorati.com/blogs/directory/> Na consulta realizada no dia 07 de setembro de 2010 o número de blogs monitorados pelo Technorati era de 1.239.231.

O estilo dos blogueiros baseado na atualização contínua que os leva a publicar quase diariamente, a navegação intensiva que se reflete nas múltiplas conexões de suas histórias e um forte sentido de comunidade dão valor agregado à informação disponível na rede e contribuem para sua paulatina conversão em espaço semântico (ORIHUELA, 2007, p. 15).

Enfim, é importante salientar a importância da designação dispositivo, primeiramente porque indica a conjunção do aporte tecnológico e o uso social das plataformas digitais como uma instância importante para entendermos a transição do jornalismo tradicional para o webjornalismo. Depois porque nos permite situar historicamente e socialmente as transformações do jornalismo no contexto da chamada era da informação. E finalmente, porque alerta para a necessidade de compreender o sentido da prática jornalística num contexto mais amplo, orientado pelas premissas filosóficas, antropológicas e sociológicas, ultrapassando uma visão dos processos jornalísticos (e midiáticos) para além da sua dimensão meramente técnico-instrumental.

2.1.1 – A blogosfera

Formalmente a blogosfera é o agrupamento de todos os blogs. A partir de um ponto de vista funcional, que o blog é um formato de publicação de conteúdo na internet, a blogosfera é o fenômeno sociotécnico gerado pelo dispositivo resultante da interação entre os diversos autores de blogs e seus leitores.

Os blogs têm na blogosfera sua estrutura social e fazem parte do novo cenário midiático por complementar as funções dos meios de comunicação tradicionais (ORIHUELA, 2007). O termo blogosfera, empregado para definir o universo dos blogs, foi criado em 1999, pelo blogueiro Brad L. Graham (VARELA, 2007).

Dois significados aparecem quando nos referimos à blogosfera. O primeiro está ligado à noção de espaço criado pelos blogs, que se organizam numa estrutura em rede, onde os blogs estão unidos por *links* e pelo hipertexto. O segundo significado aponta para a cultura que emerge nesse ambiente, caracterizando-se pela interação entre autores e leitores dos blogs. Falar de blogosfera significa, também, falar da cultura própria dos

blogueiros, incluindo os autores e leitores, e das interações que acontecem entre eles. A essa interação podemos chamar de conversação.

Para os blogueiros, escrever um blog é a possibilidade de se expressar e de construir uma identidade própria na internet. No contexto dessa experiência, vai se tecendo uma teia de relações com outros blogs, autores e leitores e, por conseguinte, a formação de um espaço de comunicação que emerge materialmente (através da web), como elementos que, simbolicamente e substancialmente, constituem a blogosfera.

Isto é, o autor do blog não só escreve, mas cultiva relações com outros autores e leitores e vai além da mera transmissão de informações. Essa interação acaba por reforçar os laços da comunidade formada em torno do blog. A natureza de interação gerada pelos blogs é algo específico, e apresenta um meio cuja lógica comunicacional é distinta da lógica dos meios de massa tradicionais.

A blogosfera, como qualquer comunidade *online*, tem como base interesses compartilhados entre os que circulam no meio, no caso, a Web. Desde sua criação, os blogs “impulsionam um novo tipo de comunidade com base no conhecimento e contribuem para a enorme tarefa de dar sentido e relevância à informação que se encontra disponível na rede” (ORIHUELA, 2007, p.16).

A diferença fundamental na blogosfera, quando comparada com outros fenômenos colaborativos, é a falta de um interesse específico. Temos como exemplo o desenvolvimento do Sistema Operacional Linux, alimentado pelas contribuições de usuários envolvidos com o compartilhamento de conhecimento objetivando especificamente a construção de um *software* mais eficiente. Por sua vez, distintamente, o blog foi aberto ao público, sem objetivo específico para a comunidade, o que autores como Blood (2001), Gilmor (2004), Orihuela (2007) chamam de escrita desinteressada.

2.1.2 - Interatividade

A interatividade é uma forte característica da internet amplamente assimilada pelos blogs. Nesse sentido, Lemos (2002) propõe uma classificação das diversas formas de interação que fazem parte do cotidiano. O autor se refere à troca de informações entre homem-homem definindo-a como interação social e à troca entre homem-máquina, denominada de interação técnica.

Numa outra perspectiva, Alex Primo (2005) distingue a “interação mediada por computador”, definindo-a como “uma ‘ação entre’ os participantes do encontro”. Segundo ele, “o foco volta-se para a relação estabelecida entre os integrantes e não para as partes que compõem o sistema global” (PRIMO, 2005, p.38). O autor propõe a existência de dois tipos de interação mediada por computador: a interação mútua, em que ocorre uma transformação em ambos os pólos da comunicação, com constante negociação entre eles; e a interação reativa, em que há “previsibilidade e automação nas trocas” (ibid, p.55).

Lévy (2009) compreende que é possível definir o tipo de interatividade a partir da relação entre receptor e mensagem, classificando essa relação em: “mensagem linear não-alterável em tempo real; interrupção e reorientação do fluxo informacional em tempo real e implicação do participante na mensagem”. O filósofo da cibercultura propõe a seguinte classificação dos dispositivos de comunicação: “difusão unilateral, diálogo, reciprocidade e diálogos entre vários participantes” (LEVY, 2009, p.82).

A interatividade, ou seja, o diálogo entre o homem e a máquina, se dá em uma zona de contato chamada de interface gráfica. A interface organiza os signos em um todo lógico comunicativo (BRAGA, 2005), possibilitando ao usuário interagir não mais apenas com o objeto (a máquina ou a ferramenta), mas também com a informação, isto é, com o conteúdo.

O desenvolvimento da microeletrônica caminha para a superação de barreiras físicas entre os agentes (homens e máquinas) e para uma interação cada vez mais intensa do usuário com as informações e não só com os objetos técnicos. A evolução das interfaces gráficas é um processo contínuo de melhoria do diálogo entre homens e máquinas digitais e visa, principalmente, a manipulação direta da informação.

Na modalidade interativa a mensagem é modificável e está em constante mutação na medida em que responde às solicitações daquele que a manipula. Já o emissor constrói uma rede, não uma rota, e define um conjunto de territórios a explorar. Ele não oferece uma história a ouvir, mas um conjunto intrincado de territórios abertos a navegação e dispostos a interferências e modificações. O receptor, por sua vez, é participante ativo e manipula a mensagem como co-autor, co-criador.

2.1.3 – Tipos de blogs

Criados há mais de dez anos, os blogs são o fenômeno social originário da web e têm sido utilizados das mais diversas formas, todas relacionadas à publicação de idéias, algumas pessoais e outras informacionais. Podemos elencar três tipos de blogs como os mais comuns na internet. O primeiro tem a característica de diário virtual, onde autores relatam o dia a dia, expõem ideias e pensamentos. Do ponto de vista do leitor, esses blogs oferecem um novo tipo de voyeurismo, que satisfaz mais à vontade de saber sobre as vidas privadas do que sobre os fatos que ocorrem no espaço público. Neles a vida pessoal é exposta por quem escreve e acompanhada de perto por quem lê.¹¹

A principal função desses diários virtuais é noticiar as visões de mundo do autor, e eventualmente instituem espaços de construção e representação das identidades individuais. Nesses blogs há o cultivo exacerbado do individualismo e a busca pela audiência. É nesse espaço, que Lemos (2002) chama de ciberdiário, que ocorre o culto à pessoa comum, dos anônimos conectados em rede.

O segundo tipo de blog está relacionado à exploração de temas específicos. Geralmente criado e mantido por usuários que detêm conhecimento sobre determinado tema; o conteúdo dessas publicações é repleto de informações pertinentes ao tema escolhido e, na maioria dos casos, aberto à participação dos leitores, não apenas em comentários, mas também na elaboração do conteúdo. Os interesses temáticos variam desde a música, literatura, poesia, quadrinhos, cinema, passando por culinária, vinhos, animais de estimação, artesanato, livros, antiguidades, enfim, uma gama variada de assuntos que agregam leitores/participantes justamente pelo conteúdo abordado.

Os blogs que relatam acontecimentos de interesse público são o terceiro tipo. São usados por instituições, empresas, jornalistas, artistas e até mesmo governos, que se dedicam a trabalhar com notícias e informações relacionadas às suas atividades. É importante ressaltar que, quando elencamos três tipos de blogs, não o fazemos de modo reducionista. Antes, porém, buscamos entender o objeto blog a partir dessas características sem deixar de lado a natureza social do objeto e suas múltiplas facetas. “As interações em blogs constituem um fenômeno social emergente, em constante mutação, que escapa a qualquer intenção normatizadora” (PRIMO, 2008a, p. 125).

¹¹ Cf. “O Show do Eu. A intimidade como espetáculo” (Sibilia, 2008). Particularmente, o capítulo 2: “Eu narrador e a vida como relato”. p. 29—54.

Em estudo recente, o pesquisador Alex Primo (2008a e 2008b) apresenta uma matriz para tipificação da blogosfera. O autor considera que não apresenta um modelo novo, “mas sim um conjunto de dimensões que deve ser considerado na elaboração de modelos para a tipificação de blogs em categorias” (2008a, p. 8). A matriz inicial de Primo classifica os blogs em individuais, que podem ser subdivididos em pessoais e profissionais; e quanto aos blogs coletivos, podem ser grupais ou organizacionais.

Primo (2008b) avaliou os 50 blogs mais populares em língua portuguesa. A lista foi fruto do ranking apresentado pelo site *Technorati*, um mecanismo de monitoramento especializado em blogs. Com base na pesquisa anterior, o autor chegou a uma nova versão da matriz, “observando-se condições de produção como número de redatores (e suas relações) e o impacto de condicionamentos profissionais, além do estilo dos textos (reflexivos ou simplesmente informativos), a pesquisa identificou 16 gêneros de blogs” (PRIMO, 2008b, p.2).

O autor identificou a classificação dos blogs como profissional, pessoal, grupal e organizacional, todos subdivididos em auto-reflexivo, informativo interno, informativo e reflexivo. Cada tipificação detém características próprias e foram levadas em conta as condições de produção dessas publicações digitais.

Partindo do entendimento de que as tecnologias não determinam as atualizações das práticas sociais, mas sim as condiciona, o uso que é feito dos blogs pode variar, até mesmo o termo pode ser empregado em três contextos, como apresenta Primo e Amaniotta (2006): o blog como texto, blog como programa (plataformas *Blogger* ou *Wordpress*) e por fim, blog como lugar (visto apenas como endereço na *Web*).

Da confusão entre blog/programa e blog/texto decorre boa parte dos estereótipos sobre esse fenômeno da cibercultura. É preciso que fique claro que um blog/programa não determina que o blog/texto deverá seguir um gênero específico. Deve ficar claro que blogs são muito mais que uma simples interface facilitada para a publicação individual, como são freqüentemente definidos. Faço tal alerta não apenas para criticar uma definição que se resume à descrição do meio, mas também para lembrar que blogs são espaços coletivos de interação. Ou seja, blogs/espço podem converter-se em um ponto de encontro (PRIMO, 2008a, p.123).

A apropriação social e técnica do blog é correlata ao fenômeno da liberação do pólo emissor (LEMOS, 2003), no qual indivíduos e/ou pequenos grupos são favorecidos pela possibilidade de manter seu próprio canal de comunicação.

A tomada do pólo emissor nos blogs se deve, em grande parte, aos atributos específicos das suas ferramentas de criação baseadas no princípio da manipulação direta, ou seja, mecanismos que facilitam a criação e manutenção de uma página *web*. A liberação do pólo da emissão pulverizou o controle sobre a produção de informação e notícias gerando um novo cenário midiático, em que as *small media* concorrem mais fortemente com os *mass media*.

Por outro lado, as diversas formas de apropriação social dos blogs culminam na formação de uma cultura própria, fomentada não somente a partir de seus usuários, mas também através de uma série de sistemas incorporados que promovem a interação entre leitores e autores em geral.

As diversas formas de apropriação social dos blogs culminam na formação de uma cultura própria, fomentada não somente a partir de seus usuários, mas, também, através de uma série de sistemas incorporados que promovem a interação entre leitores e autores em geral. Cientes desse processo, jornalistas que trabalham na mídia impressa, rádio e televisão estão usando os blogs para produção, divulgação e consumo de notícias. Com grande potencial interativo, tais blogs se apresentam como a possibilidade de um jornalismo coletivo, construído a muitas mãos, numa comunicação horizontal.

Desse modo, os jornalistas têm se apropriado dos blogs para aumentar a visibilidade de seu trabalho e também dialogar com o público. Eles utilizam a internet como meio de expressão, criam uma ambiência propícia à discussão das notícias pelo cidadão comum. O público deixa de ser encarado como uma massa disforme e passa a se constituir de sujeitos ativos, prontos para colaborar, se expressar e opinar. Ao mesmo tempo, os blogs permitem aos jornalistas a publicação de ideias sem as formas de controle convencionais dos veículos onde atuam.

2.2 – Guerra e paz na blogosfera

A aproximação entre o jornalismo e os blogs começa no final da década de 1990, a partir do crescente número de páginas que são criadas após a popularização das

ferramentas de publicação de conteúdo na internet. Com os sistemas de geração de conteúdo criar e manter uma página na web ficou mais fácil e prático, já que não era necessário ter conhecimento de linguagem HTML¹².

Quadros, Rosa e Vieira (2005, p.04) contam que o primeiro furo de jornalismo em blogs foi o caso ocorrido com o Drudget Report que, em 18 de janeiro de 1998, saiu na frente ao publicar a revelação de que o Presidente dos Estados Unidos na época, Bill Clinton, mantinha um caso extraconjugal com uma estagiária da Casa Branca, Monica Lewinsky. O jornalista Matt Drudge, editor do blog, ao saber da informação - sendo apurada por outra publicação, a Newsweek - lançou-a antes em seu blog e através da newsletter. Na semana seguinte, o caso passou a ter repercussão nacional e internacional, com todos os principais jornais dos Estados Unidos fazendo a cobertura do assunto e tendo como base o informe do jornalista Matt Drudge.

Em 1999 o blog do jornalista americano Dan Gillmor passa a ser publicado na versão para a internet do jornal *San José Mercury News*. A publicação era uma das mais importantes do Vale do Silício, no Estado da Califórnia, e Gillmor mantinha uma coluna sobre tecnologia nas páginas do jornal desde 1993. Para Orihuela (2006) a publicação na *web* da coluna de Dan Gillmor é considerada um dos primeiros blogs produzidos por jornalistas em um meio de comunicação *on-line*.

A aproximação do jornalismo com os blogs se dá no momento que pesquisadores como Silva Jr. (2002), Palácios (2002) e Mielniczuk (2003) classificam como primeira fase do webjornalismo, caracterizada pela transposição de conteúdos produzidos em primeira mão para as edições em outros meios, a exemplo de jornais e revistas impressos.

A partir da experiência do jornal *San José Mercury News*, outras publicações americanas passaram a usar os blogs em suas versões *on-line*.

Os blogs destas empresas eram colunas publicadas nos veículos impressos que migraram para o formato *on-line*, mantendo inicialmente as mesmas características da coluna impressa, com a

¹² HTML (acrônimo para a expressão inglesa HyperText Markup Language, que significa Linguagem de Marcação de Hipertexto) é uma linguagem de marcação utilizada para produzir páginas na Web. Documentos HTML podem ser interpretados por navegadores. A tecnologia é fruto do "casamento" dos padrões HyTime e SGML. HyTime é um padrão para a representação estruturada de hipermídia e conteúdo baseado em tempo. Um documento é visto como um conjunto de eventos concorrentes dependentes de tempo (como áudio, vídeo, etc.), conectados por hiper-ligações. O padrão é independente de outros padrões de processamento de texto em geral. SGML é um padrão de formatação de textos. Não foi desenvolvido para hipertexto, mas tornou-se conveniente para transformar documentos em hiper-objetos e para descrever as ligações.

única diferença de que, por conta de se situarem na web, não tinham o limite de espaço que o formato físico do jornal impunha. (FOLETTTO, 2009, p. 37)

De acordo com o autor, o surgimento destes blogs refletia uma percepção que ainda era minoria entre os jornalistas e teóricos: a de que o blog poderia servir como uma ferramenta de publicação e organização de conteúdo útil para o Jornalismo. Nesta época, ainda dominava a idéia de que o blog era somente um “diário pessoal” que nada tinha que ver com a atividade jornalística.

Aos poucos, os blogs passam a ser incorporados aos portais e sites de notícias, mas ainda como ferramenta acessória das publicações. O cenário muda a partir de 2001, com o atentado às Torres Gêmeas de Nova Iorque, em 11 de setembro daquele ano. Para os pesquisadores Orihuela (2007), Recuero (2003), Gillmor (2004) é a partir do atentado que os blogs passam a ter maior apropriação social, ou seja, mais e mais pessoas passam a publicar seus relatos sobre o acontecimento. Após os atentados, com a publicação de testemunhos (relatos, fotografias e até vídeos) sobre os acontecimentos os blogs ganham maior importância como informação de relevância jornalística.

Os blogs passam a dar voz às pessoas que tinham informações para compartilhar sobre o atentado (a maioria relatos de sobreviventes) ou que também buscavam informações. Os eventos que seguiram após o 11 de setembro, primeiro a guerra no Afeganistão e em seguida a invasão ao Iraque, ampliaram ainda mais a procura por informações “não oficiais” nos blogs. Os leitores passaram a valorizar as informações dos blogueiros que presenciavam os conflitos. Para Orihuela (2007), essa migração da audiência tinha um caráter crítico à mídia tradicional.

Os atentados de 11 de setembro, a Guerra do Iraque e a campanha presidencial dos Estados Unidos, assim como o desastre do Prestige, as eleições catalãs e gerais na Espanha e os atentados de 11 de março ressaltaram a importância informativa dos blogs como fontes complementares, alternativas e críticas diante da mídia tradicional. (ORIHUELA, 2007, p. 07)

Stuart Allan (2006) afirma que “centenas de páginas da web reformadas começaram a aparecer depois dos acontecimentos de 11 de setembro, publicizando

testemunhos e fotografias pessoais, e em alguns casos gravações em vídeo de desdobramentos das catástrofes ocorridas” (ALLAN, 2006, p. 60 *apud* FOLETTO, 2009, p. 39).

As referidas páginas pessoais, em sua maioria blogs, passaram a ter grande visibilidade na esfera pública, o que acabou por modificar a idéia pejorativa e até então corrente de que o blog era apenas um “diário pessoal” apresentando detalhes intimistas dos autores. É assim que o Jornalismo, para além das publicações especializadas em tecnologia, passa a se interessar pelos blogs, reconhecendo-os como vigorosas fontes de informação e também como alternativa de publicação de conteúdos a serem utilizados na atividade jornalística.

Os atentados nos Estados Unidos, as guerras do Afeganistão e do Iraque, que se seguiram após o 11 de setembro, além de atentados terroristas na Espanha e Inglaterra, ganharam visibilidade com os blogs, à época denominados *warblogs* (blogs de guerra). Os escritores destas páginas contavam o dia-a-dia dos conflitos sob o seu ângulo, o que potencializava a informação transmitida a partir da reportagem da experiência vivenciada em campo de guerra.

Os *warblogs* também concorriam com a mídia tradicional, pois na cobertura dos conflitos, nos blogs, os “repórteres” apresentavam os detalhes dos acontecimentos ocorridos in loco, sem as pressões de ordem editorial, econômica, política a que estavam submetidos na rotina de trabalho das redações. Certamente, a “imprensa oficial” acabava por conferir grande parte das informações contidas no *warblogs* para só então divulgar na televisão, jornais e sites ligados as empresas jornalísticas.

De acordo com Foletto (2009), um dos *warblogs* de maior destaque à época, tanto em número de acessos quanto de influência na própria mídia, foi o *Where is Raed*, escrito por um arquiteto iraquiano residente em Bagdá que usava da alcunha Salam Pax. Criado no final de 2002, o blog continha relatos pessoais sobre os acontecimentos do confronto, escritos com uma riqueza de detalhes que muitas das melhores matérias jornalísticas não conseguiam oferecer. Com o término da guerra, Salam continuou escrevendo desta vez contratado pelo jornal inglês *The Guardian*.

Ainda segundo o autor, outro *warblog* que também ganhou destaque na cobertura do conflito foi o *Back to Iraq 3.0*, do jornalista americano Christopher Albritton. Ex-jornalista da agência de notícias *Associated Press* e na época *freelancer*, Albritton fez uma cobertura independente do conflito, financiado apenas por doações de leitores. O jornalista criou o blog em 2002, e através dele lançou uma campanha para

arrecadar dinheiro para ir ao Iraque fazer a cobertura do evento de maneira independente. Na época, o jornalista arrecadou 14 mil dólares entre os 25 mil leitores diários de sua publicação. Com o dinheiro, ele permaneceu no Iraque postando notícias da guerra no blog que mantinha.

No Brasil, segundo Foletto (2009), o blog Diário de Bagdá, criado em 2003 pelos enviados ao país do jornal Folha de S. Paulo Sérgio Dávila e Juca Varella, é um marco na história do blog jornalístico no país, pois se tornou a primeira experiência oficial brasileira de cobertura jornalística realizada através de um blog.

Para a cobertura, os jornalistas apropriaram-se da ferramenta blog e deram a ela o uso à qual ainda era intimamente ligada na época - o de diário pessoal - com a diferença de que este diário tinha o compromisso de ser um relato sério e jornalístico do conflito, já que o blog tinha a responsabilidade de estar vinculado à uma empresa jornalística tradicional. Por sua vez, o fato de ser um blog – e principalmente o de ser também um diário – permitia aos jornalistas escreverem de forma mais livre e pessoal do que escreveriam se estivessem produzindo uma matéria para a Folha de S. Paulo, seja na versão impressa ou on-line do jornal. (ibid. p. 41)

O Diário de Bagdá se tornou resultado da tentativa de equilibrar, de um lado, o uso das potencialidades do blog e a responsabilidade e o compromisso com a deontologia jornalística, de outro, para a constituição de um produto híbrido entre estes dois mundos: o blog jornalístico.

No Brasil, as narrativas das guerras expostas nos *warblogs* também tornaram a ferramenta popular entre os jornalistas. No primeiro momento como fonte para-jornalística, pois os blogs continham o testemunho dos presentes nos conflitos. No segundo momento, no final de 2003, com os blogs já sedimentados na cibercultura, a ferramenta é incorporada pelo webjornalismo e passa a integrar os portais noticiosos. Estes, por sua vez, priorizavam os blogs escritos por jornalistas ou especialistas em áreas específicas (educação, saúde, tecnologia, música etc.) que potencializava os blogs dando à sua informação um status de maior credibilidade. A lógica predominante, porém, ainda era a migração do meio tradicional, o impresso, para a versão digital.

Essa lógica passa a se inverter no ano seguinte, 2004, até o ano de 2006 quando jornalistas profissionais passam a priorizar os blogs como principal veículo noticioso. Mais que comentários ou textos opinativos, os jornalistas/blogueiros começam a fazer

cobertura de fatos jornalísticos em seus blogs, seguindo os mesmos caminhos de apuração, checagem e divulgação da notícia. São exemplos desse trabalho os blogs dos jornalistas Ricardo Noblat, Patrícia Kogut, Arnaldo Bloch, Luís Nassif, entre outros.

Embora nem todos os jornalistas blogueiros estejam engajados na cobertura política, foram estes que potencializaram o uso da ferramenta. A sucessão de escândalos político-econômicos passou a ser acompanhada também nos blogs. Muitos acabavam por serem os responsáveis em trazer fatos novos acerca do “escândalo do momento”. Sendo a lógica do blog a da constante atualização, o trabalho de apuração junto às fontes, dos fatos reportados pelos jornalistas, resultavam em novos posts e, conseqüentemente, no aprimoramento da informação veiculada.

Além dos blogs vinculados às empresas jornalísticas, despontam também os blogs jornalísticos independentes. A grande maioria deles traz o nome do jornalista como marca registrada do trabalho. Na era da informação, em que os fluxos noticiosos – graças aos meios temáticos - se processam em alta velocidade, busca-se compensar a falta de estrutura informacional dos grandes jornais aproveitando o potencial coletivo da blogosfera, seja através do uso de links, da participação ativa dos leitores ou do reaproveitamento do material jornalístico produzido pelos meios impressos e digitais. É o caso dos blogs aqui estudados dos jornalistas Luis Nassif e Luis Carlos Azenha.

A apropriação jornalística dos blogs acabou por gerar uma série de estudos acadêmicos sobre o tema. Para Foletto (2009), após uma década de uso dos blogs é possível perceber que a definição do conceito de blog jornalístico passa por três etapas principais: 1) o crescimento exponencial do uso dos blogs a partir dos anos 1999-2001 com o aprimoramento dos CMS; 2) a adoção dos blogs na prática profissional jornalística a partir, principalmente, de 2003; 3) a incorporação dos blogs ao jornalismo, ocasionada pela adequação do meio a deontologia jornalística, o que dá origem a criação do blog jornalístico.

O primeiro movimento na tentativa de conceituar o blog jornalístico se dá no início da popularização da ferramenta. Na época, a pesquisadora Rebecca Blood (2002, 2003, 2004) atestava que blogs e jornalismo eram coisas diferentes. Desde o princípio, ela faz a distinção necessária entre jornalismo e publicação pessoal, ao classificar o blog como, primeiramente, um meio de comunicação pessoal, que pode vir a ser também jornalismo, mas não do jeito que, na época de seus artigos, acontecia na web. “Weblogs e jornalismo são simplesmente coisas diferentes. O que os weblogs fazem é impossível

para o jornalismo tradicional de reproduzir, e o que o jornalismo faz é impraticável de ser feito em um weblog” (BLOOD, 2003a, on-line).

Para J.D. Lasica (2002) jornalismo e blogs são coisas distintas, mas que precisam um do outro e que se relacionam através de uma relação simbiótica. Já o pesquisador José Luis Orihuela (2006) salienta que não é qualquer blog que pode ser considerado jornalístico e isto só ocorre quando o blog segue determinadas regras da profissão que também podem ser praticadas pelos blogs. Para ele, o blogueiro só fará jornalismo se respeitar as normas referentes ao jornalismo. “A chave do problema se encontra em separar o meio do gênero e perguntar-se quando existe jornalismo. Aqueles weblogs que são jornalismo não são por ser blogs, mas por outras razões”(ORIHUELA, 2006, p. 156 apud FOLETTTO, 2009, p.46).

Em uma segunda fase, as discussões envolvem o jornalismo no ambiente da blogosfera e passam a estudar as transformações em processo com o advento dos blogs. Os debates tratam de questões relacionadas à transparência caracterizada nos blogs, maior aproximação dos jornalistas com suas fontes e com o ambiente conversacional proporcionado pelo blog.

Essa última característica, da conversação, marca a terceira etapa dos estudos sobre blogs jornalísticos. A maioria dos estudos indica que o blog, por forjar um ambiente dialógico, descentralizado e conversacional, estaria produzindo um novo tipo de experiência informativa e oferecendo ao campo do jornalismo um ponto de vista intertextual e multiperspectivo.

2.3 – O blog jornalístico

O jornalismo possui atributos que o consolidam como uma prática social relevante no contexto da informação nas sociedades democráticas. Entre esses atributos estão: a novidade, atualidade, veracidade, universalidade e interesse (LAGE, 2005; TRAQUINA, 2005). Luiz Beltrão e Newton Quirino (1986) definem jornalismo como:

O processo de produção de mensagens culturais relativas a fatos, ideias e situações atuais, interpretadas à luz do interesse coletivo e

transmitidas periodicamente à sociedade, com objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum (BELTRÃO; QUIRINO, 1986, p.156).

Tais atributos também legitimam a experiência do jornalismo como uma prática profissional ligada aos saberes, poderes e discursos formadores do espaço público, do bem comum, das ações afirmativas. O jornalismo consiste numa prática social resultante do trabalho de profissionais que se resume na captura do acontecimento e a sua elaboração sob a forma da notícia. E os procedimentos ético-comunicacionais, as competências técnicas e cognitivas concorrem para a otimização do exercício profissional, além de contribuir para a formação da cidadania.

Para Márcia Benetti (2007, p. 107) o jornalismo é compreendido como um lugar de circulação e produção de sentidos. “De forma sucinta, o jornalismo é um discurso: a) dialógico; b) polifônico; c) opaco; d) ao mesmo tempo efeito e produtor de sentidos; e) elaborado segundo condições de produção e rotinas particulares”.

Logo, o campo jornalístico passou a utilizar os suportes que já potencializam o exercício do radiojornalismo e telejornalismo, no formato recente do webjornalismo. Cada uma dessas modalidades possui características que se relacionam com o potencial técnico da mídia usada – rádio, televisão e internet, respectivamente.

O aparato conceitual construído no campo do jornalismo acaba valendo para os outros formatos. No caso do webjornalismo é preciso acrescentar as características específicas deste, quais sejam: 1) multimídia, 2) interatividade, 3) hipertextualidade, 4) personalização, 5) atualização e 6) memória.

Para o jornalismo, a adoção dessas tecnologias da informação sinaliza mudanças que não ficam apenas no nível da troca de roupa, sendo bem mais profundas do que muitas costumam analisar, podendo até mesmo salutar valores fundadores dessa práxis social (BIANCO, 2004, p.2).

As características do webjornalismo estão presentes em outros suportes e a interatividade é uma delas, que se antecipa – de algum modo – no rádio e televisão. Nesses suportes, a interatividade aparece de forma “reativa”. Os jogos de perguntas e

respostas nos programas de rádio ou enquetes telefônicas dos noticiários das emissoras de televisão são exemplos desse tipo de interatividade.

Quanto à informação digital disponibilizada através da internet, o seu grau de interatividade é maior, pois o ambiente permite a participação direta e imediata. A atualização também é uma característica encontrada nos suportes midiáticos, mas que é potencializada no ambiente internet já que as informações são publicadas “em tempo real”, gerando um fluxo informacional bem mais dinâmico.

Como características próprias do webjornalismo estão a multimidialidade, que é a capacidade de integrar todos os formatos da informação – texto, audio, vídeo, gráficos e fotos – em um só meio multimídia. A hipertextualidade é uma característica que marca o webjornalismo. Aliada a capacidade da mente humana de relacionar ideias, fatos e dados diferentes, o hipertexto se apóia em links incluídos no texto principal facilitando o acesso a todo tipo de arquivo (texto, imagem e som).

Assim, uma das chaves desta nova narrativa está em dividir, com base nos critérios jornalísticos, todo o conjunto noticioso e documental em elementos menores que podem ser manejados de forma que a navegação pela informação seja fácil e dentro de uma lógica compreensível.

O ponto fundamental do hipertexto é tratar-se de um dispositivo que concede ao leitor a capacidade de selecionar o conteúdo e a forma de acesso à informação. O leitor decide a trajetória e a ordem que quer seguir na auto-estrada da informação.

A personalização é uma característica do webjornalismo que se expressa também no hipertexto, pois reflete um agendamento antecipado, uma pré-seleção ativa dos conteúdos, cujas leituras serão capturadas e reordenadas pelo e-leitor. Mágda Cunha (2006) afirma que durante muito tempo a personalização foi entendida como uma prerrogativa do emissor, mas com o fluxo informacional digital essa perspectiva mudou.

A notícia tem características de quem a produz, neste caso. Em uma cultura que viveu durante muitos anos baseada na segmentação de informações, ainda relacionadas aos meios convencionais, com finalidades especialmente comerciais, as tecnologias digitais oferecem a perspectiva de personalizar as informações chegando ao extremo da individualização. Mais uma vez, os meios, acostumados a falar para as grandes massas, a informar à grandes audiências, encaram um paradoxo: a demanda por uma informação individual (CUNHA, 2006, p.138).

A autora argumenta ainda que a personalização em comunicação pode estar ligada também à possibilidade de o público interagir sobre a forma e o conteúdo da informação, para consumir unicamente o que quer e como quer, dentro dos limites da própria tecnologia.

Fausto Neto (2008) aponta para o campo da circulação como instância de autonomia no processo comunicacional, e no que concerne aos blogs, é importante notar, eles produzem sentido (suas informações são fisgadas pelo público) no ato de sua circulação na internet. O modo de acesso às notícias escapa aos condicionamentos do pólo emissor, da produção e edição da notícia. As informações são fisgadas em pleno fluxo midiático e estas operações geram edições particulares do texto. Ocorrem também modificações no estilo da experiência de consumo da informação nos jornais e na TV, devido sua natureza interacional e colaborativa do meio digital. Os usuários agendam o seu noticiário a partir de captura das reportagens de fatos que são extensivos aos seus gostos, interesses e expectativas; este é um aspecto da personalização (e experiência de subjetividade) dos blogs, visto na perspectiva dos seus e-leitores blogueiros.

Juliana Escobar (2009) considera que a personalização é o que torna possível considerar um blog como jornalístico, “pois a apropriação específica de cada agente humano é o que determina o tipo de conteúdo de um blog” (ESCOBAR, 2009, p.223). A pesquisadora situa o blog jornalístico como categoria do webjornalismo e aponta a personalização como característica mais distintiva dos blogs jornalísticos. “É a maneira como este novo mecanismo de publicação de conteúdo on-line é utilizado que nos permite classificar determinado blog como jornalístico” (ibid. p.224).

Conforme argumenta Escobar, para ser considerado jornalístico, um blog deve possuir os atributos considerados necessários para o jornalismo de maneira geral: difusão para grande número de pessoas, com periodicidade, de acontecimentos reais dotados de atualidade, novidade, universalidade e interesse. A partir destas delimitações, a pesquisadora define o blog jornalístico como:

Aqueles cujos endereços são públicos, estando acessíveis a qualquer pessoa com acesso à internet; que se destinem, na totalidade ou na maior parte do tempo, a divulgar acontecimentos reais dotados de atualidade, novidade, universalidade e interesse; e, ainda, cujos blogueiros tenham a preocupação e se esforcem para: a) disponibilizar frequentemente conteúdos novos, ainda que sem periodicidade fixa ou

determinada; b) e divulgar seus blogs/lugares, tornando-os endereços na web amplamente conhecidos com o intuito de atrair um número expressivo de internautas, ou seja, uma grande audiência (que na internet é expressa por número de *page views*). (ESCOBAR, 2009, p. 225-226)

Neste trabalho reconhecemos o conceito formulado por Escobar como pertinente para definição e identificação do blog jornalístico. Consideramos também que os blogs, por si só, não expressam uma prática jornalística. São jornalísticos quando o autor usa os processos adequados de apuração e elaboração na divulgação das informações. Outro ponto importante é que a informação deve ser verdadeira e passível de checagem. Para nós, os blogs de conteúdo jornalístico possuem quatro funções principais que afetam o ecossistema comunicativo: 1) filtram as informações na web selecionando aquilo que é importante; 2) disseminam informações através da blogosfera contribuindo para divulgá-las; 3) expressam a opinião do autor do blog e 4) criam um fórum de debates através das conversas expressas nos espaços de comentários da informação publicada.

2.4 – As projeções do jornalismo no ciberespaço

Mais que simples acessórios de transmissão, as diferenças de materialidade entre os suportes midiáticos incidem “sobre as representações do tempo, do espaço e das condições de recepção” (CHARAUDEAU, 2007, p.106).

Realizamos um mapeamento seletivo da postagem de notícias no blog Viomundo, do Luis Carlos Azenha, e no Blog do Luis Nassif, objetivando compreender como estes se constituem enquanto dispositivos que atuam no campo profissional dos jornalistas e como repercutem na opinião pública gerando novas experiências informativas, cognitivas e comunicacionais.

Metodologicamente, para compreender as singularidades de cada um desses blogs jornalísticos, trabalharemos numa perspectiva comparativa, observando os elementos de ordem sociodiscursiva, em níveis operacionais e pragmáticos, e em níveis ético-cognitivos e comunicacionais.

Colocar a comunicação mediada por computador (e o blog jornalístico particularmente) em relação a outros dispositivos midiáticos amplamente estudados –

jornal impresso, rádio e TV – ajuda a revelar o que há de inovador – para o campo jornalístico - nessa prática sócio-tecno-comunicativa emergente.

Uma primeira - e fundamental - diferença, em relação aos demais dispositivos, se dá na esfera da apresentação. O blog se apresenta como uma intrínseca carga de unicidade em relação ao sujeito falante. O blogueiro surge como figura central e determinante para o funcionamento da engrenagem que dá forma e sentido ao conteúdo.

Quando lê uma notícia no jornal ou assiste ao telejornal, o leitor/telespectador sabe que a produção não se concentrou em uma única pessoa. Uma equipe se mobilizou para formatar aquilo que é apresentado. Trata-se de um trabalho em que as empresas e os produtos se sobrepõem às pessoas. O blog, ao contrário, como dispositivo jornalístico está inexoravelmente vinculado à figura central do blogueiro. Mesmo que exista uma equipe de suporte (repórteres, infografistas etc.), todo o crédito (ou eventual descrédito) se concentra na figura do dono do blog.

Daí a percepção de um fato novo: o sujeito se reveste em instituição sem perder a personalidade. Ao contrário das instituições jornalísticas, o caráter pessoal é diretamente relevante aos processos que ali se desenvolvem. O debate sobre a cobertura diária do “Jornal Nacional”, por exemplo, é marcado pela representação social da instituição ou do produto. Claro que as figuras dos apresentadores William Bonner e Fátima Bernardes também são intrínsecas ao dispositivo, mas os debates sobre o noticiário se dão em relação ao produto ou à instituição. Durante ou após o telejornal, é possível ouvir frases como “Você viu? A Globo está do lado do Sarney!”; “Puxa, o Jornal Nacional não falou nada sobre a CPI hoje”. Os apresentadores são figuras cotidianas, íntimas, indispensáveis ao dispositivo televisual, mas não carregam o peso integral dos enunciados.

No jornalismo online a personalização dos conteúdos está presente também na proximidade do diálogo. No blog jornalístico, o leitor assíduo e participativo torna-se personagem da narrativa, sendo nomeado e tendo seus comentários incorporados pelo titular da página.

Além dessa característica, o usuário tem acesso aos bastidores da notícia, acompanha seu processo de produção, sua origem e apuração; neste sentido, as idas e vindas que, na mídia tradicional, antecedem a publicação são públicas, dando nova transparência à atividade do jornalista.

Esta revelação das técnicas e procedimentos jornalísticos, propiciada pela informalidade e coloquialidade do blog, desmistifica o papel do jornalista. O jornalista

que publica num blog o faz com intenção de dar ao leitor outro viés da notícia, opinativo e mais abrangente, que pode variar desde uma nota de bastidores a um desabafo.

Isso faz com que no blog ocorra a mútua sobreposição entre os enunciados e o enunciador. Aos olhos do público, tudo que está ali vem de uma única fonte responsável por todas as etapas. Qualquer erro ou acerto será imediatamente creditado e cobrado ao blogueiro. Isso porque a rotina de produção do blog está diretamente ligada ao seu autor. No jornal impresso, por exemplo, o erro pode acontecer na apuração do repórter, na “correção” do redator ou na edição do texto. Independente de qual instância de produção o erro tenha ocorrido, a sua reparação ocorre no dia seguinte à publicação e é assumido pelo jornal. As seções “Erramos” dos jornais impressos é o local onde acontece a reparação do erro. Note-se que a seção é nomeada no plural, desse modo o erro passa a ser coletivo, não assumido por ninguém.

Nos blogs, mesmo que um post siga todo o receituário de uma notícia tal qual ocorre no jornal impresso, a centralidade do ato enunciativo, o impossível afastamento entre blogueiro e post, faz com que a notícia ganhe roupagem de opinião, afinal, o conteúdo é consumido junto com a chancela altamente personalizada do blog. O “Jornal Nacional”, usado por nós como exemplo, serve para mostrar que, mesmo em situações nas quais a imagem pública dos jornalistas é fundamental para o sucesso do dispositivo, o peso da instituição é invariavelmente maior que o peso das personalidades. Até mesmo os discursos dos colunistas e articulistas são relativizados pelo espaço que ocupam na televisão, rádio ou jornal.

Em jornais impressos e revistas o caráter institucional se acentua ainda mais, visto que a assinatura do repórter ou o crédito do fotógrafo não se sobressai diante do editorial, nome do jornal ou da revista. Já os articulistas do impresso têm uma responsabilidade maior pelo que publicam. A título de exemplo, tornou-se emblemático o nome Diogo Mainardi, colunista da Revista Veja, pelas opiniões e posições que defende no espaço semanal.

Nos casos dos blogs jornalísticos, mesmo ficando clara a presença de colaboradores (uma vez que os post publicados de outras fontes são creditados, normalmente, no início do texto), as publicações dos artigos assinados parecem ressaltar a força centrípeta que exerce o dono do blog. A maior parte dos comentários sobre as postagens dos colaboradores tenta articular o texto da colaboração com a linha editorial fortemente vinculada à imagem do jornalista.

Exemplo da forte carga de personalização dos blogs pode ser comprovado no blog do Luís Nassif, em post publicado no dia 06 de dezembro de 2010, sob o título “A resposta de Dilma sobre o Irã”¹³. A informação foi alvo de polêmica envolvendo os movimentos sociais em defesa do feminismo, tudo porque um comentador, que assinou o comentário com o nome de André, usou o termo “feminazi”¹⁴. A liberação do comentário que continha a palavra foi imediatamente repudiado pelas mulheres que leem e comentam o *luisnassifonline* e gerou uma discussão sobre ética, rotina de produção do blog, feminismo, machismo e outros “ismos”.

O debate transcorreu durante todo o mês de dezembro de 2009 e envolveu mais de 500 comentários. Por fim, o jornalista acabou sendo responsabilizado diretamente pelo termo empregado, mesmo ele tendo assumido que desconhecia o significado de “feminazi”. O episódio exemplifica que a relação leitor-blogueiro revela a brutal carga exercida sobre o nome do jornalista.

Como dito anteriormente, todo discurso do blog - mesmo que repleto de interações - contém uma aparente origem enunciativa única. O que parece surgir é um paradoxo entre a univocidade enunciativa e a intensa interatividade entre atores presentes na comunicação. Afinal, como o blog jornalístico pode ao mesmo tempo ter uma voz central e abrigar tantas outras vozes? Eis outra característica fundamental do dispositivo: a necessidade síncrona de convocação dos leitores. A interface chama a atenção do público para o espaço de comentários. O discurso não se encerra na fala do dono do blog. Cada post é, ao menos em tese, um convite para o debate e o blog “constrói a informação a partir da conversação, na qual a participação é fundamental para que se possa concluir o discurso e a informação” (VARELA, 2007, p.74).

Pesquisadores que trabalham a partir da perspectiva conversacional tendem a desclassificar os blogs que não possuem a ferramenta de comentários. Um blog sem espaço de comentários não é blog. Concordamos com tal perspectiva. Defendemos a ideia de que um blog só pode ser assim denominado se a interface possuir instrumentos que dotem o leitor de capacidade de participação. A caixa de comentários não é acessório nem pano de fundo, é elemento constitutivo do dispositivo. Portanto, os comentários contidos no dispositivo blog tanto agem sobre o “enunciador-chefe” – em nosso caso os jornalistas Luís Nassif e Luis Carlos Azenha – quanto estes agem sobre o

¹³ Cf. <http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/a-resposta-de-dilma-sobre-o-ira>

¹⁴ Palavra advinda da contração de FEMI(nino) e NAZI(smo) que, de forma pejorativa, compara as mulheres militantes do movimento feminista aos nazistas.

dispositivo na forma de lidar com os comentários. Novamente se verifica a impossível dissociação entre os elementos que constituem o espaço comunicativo.

Outra característica do jornalismo que sofre alterações com a chegada dos blogs é a hierarquização dos fatos narrados. A forma de apresentação dos posts, sempre privilegiando a informação mais recente, impõe uma lógica de hierarquização bastante diferente da encontrada nos jornais impressos. Nestes últimos, o alto da página é mais importante que a parte de baixo. Uma manchete em corpo maior é mais relevante que outra escrita em letras menores. O jornal é o melhor dispositivo para uma leitura hierarquizada da informação. O dispositivo blog compromete a hierarquização do noticiário em termos de importância. Um post sobre o impeachment do presidente da República, em exemplo hipotético, pode ficar abaixo de outro sobre a renúncia de um vereador, notícia notadamente menos relevante que a primeira.

Apesar da hierarquização do conteúdo nos blogs seguir a lógica da publicação, os blogs aqui pesquisados foram refinando, desde sua criação até hoje, o modo como apresentam as publicações. Tanto Luís Nassif quanto Luis Carlos Azenha criaram categorias em seus blogs o que permite aos leitores mais assíduos familiaridade com o ambiente navegado. No viomundo.com.br, blog do Azenha, há um menu construído com as seções “denúncias”, “entrevista” “você escreve”, “política”, “opinião do blog”, “rádio” e “tv”. As seções podem funcionar como editorias e foram criadas para facilitar a leitura do blog.

O blog também impõe novidades na audiência ao conformar um público permanentemente alerta. A atualização contínua impõe à recepção a necessidade de acessar mais e mais para sempre estar ciente das novidades. Os posts se sucedem em intervalos muito pequenos de tempo. À medida que se achata o tempo de emissão de novos conteúdos, alarga-se o tempo de convocação até o limite onde se rompe a própria barreira temporal do consumo. Esta não é uma característica exclusiva do blog, mas, de maneira geral, da própria comunicação mediada por computador.

Nos blogs, assim como na produção jornalística profissional na internet, não há um horário definido de consumo, um tempo de se tornar audiência, como ocorre com os programas de radiofônicos e televisivos. Com isso, destacam-se duas importantes características do webjornalismo que, segundo Franciscato (2007), têm vinculação direta com as experiências temporais da instituição jornalística e de seus leitores: a atualização contínua e a memória.

A atualização contínua demarca um fluxo contínuo de disponibilização de novos conteúdos, com mínimo dispêndio de tempo entre cada atualização; e a memória, iniciada pela operação de consulta a arquivos em banco de dados de sites, transformando materiais jornalísticos produzidos em um “tempo passado” passíveis de serem resgatados conforme interesses do leitor e de comporem um conjunto jornalístico significativo que amplie a compreensão de um fato noticioso no tempo presente (FRANCISCATO, 2007, p. 46).

Para o autor, as redes telemáticas das últimas décadas do século 20 inauguraram um novo horizonte para a instantaneidade nas comunicações, pois, além de uma comunicação instantânea, romperam com a linearidade de seqüências ou percursos na leitura e permitiram, com isso, criar uma interação continuada e sincronizada (a simultaneidade) entre uma multiplicidade de atores fisicamente separados.

Estes quatro aspectos conjugados (instantaneidade, não-linearidade, simultaneidade e multiplicidade) colocam a experiência social do tempo nas sociedades contemporâneas em uma dimensão qualitativamente nova (o que leva autores como Castells a denominá-la até de “tempo intemporal”). O termo “tempo real” surge não somente para afirmar que ações e interações podem se realizar sem dispêndio de tempo, mas para marcar que esta não é apenas uma conquista tecnológica, mas um redefinidor de práticas sociais (ibidi. p. 48).

O rádio e a TV também guardam o potencial de emissão a qualquer momento, mas uma vez realizada a entrada do repórter ao vivo, perde-se a conexão. As emissões radiofônicas e televisivas são permanentes, mas a inscrição do que é veiculado não. A internet permite atualização contínua sem a necessidade de participação síncrona da audiência. Assim, nenhum internauta será convocado pela manhã para ler ou ver, às 16h, o que ocorreu durante uma briga entre políticos no Congresso. A publicação já foi efetuada após o desfecho do acontecimento. Ou se consome a informação assim que esta é publicada ou a qualquer outro momento. A convocação é permanente, assim como a produção e publicação de conteúdo. Não se interrompe a programação para um alerta ao vivo, porque o dispositivo é ao vivo, mas com a possibilidade de consulta permanente ao conteúdo já produzido, ao contrário do rádio e da televisão. A relação

audiência-tempo é ainda mais marcante no caso do jornal impresso, pois este arrisca-se a ficar ultrapassado no decorrer do dia. Pode-se afirmar que a instantaneidade do dispositivo blog gera um público em tempo integral.

A multimidialidade é outra característica fundamental para compreender não somente os blogs, mas as potencialidades da comunicação mediada por computador. O jornal tem o texto escrito e as imagens, o rádio tem a oralidade e as entonações, a televisão tem a oralidade casada com imagens. A internet faz convergir os diversos formatos em um mesmo ambiente. O jornalista pode publicar um vídeo, um áudio, uma fotografia ou um infográfico interativo. As competências narrativas do produtor de informação e as capacidades de decodificação da audiência são ampliadas. Sabemos que assistir a um vídeo na internet é bem diferente de assistir ao mesmo vídeo na televisão.

A internet como plataforma agregadora reordena os dispositivos, mas também explora as capacidades de todos eles. A narrativa de um crime pode contar com uma reportagem audiovisual com o relato daquilo que é mais importante. Ao mesmo tempo, arquivos de áudio com os envolvidos no acontecimento podem emocionar o público, enquanto infográficos revelam detalhes da cena do crime. Assim, o blog jornalístico opera na lógica da convergência a partir de uma plataforma-dispositivo agregadora e reordenadora de outros dispositivos.

Capítulo 3 – Mapeando o objeto

O corpus da pesquisa é formado pelos blogs dos jornalistas Luis Nassif (www.advivo.com.br/luisnassifonline) e Luis Carlos Azenha (www.viomundo.com.br). A escolha dos dois blogs não foi aleatória e seguiu três critérios: sua natureza jornalística, sua criação e manutenção por jornalistas profissionais e, por fim, sua autonomia e desvinculação face às empresas ou grandes grupos de mídia. Os três critérios são fundamentais para que possamos delimitar o campo de análise e, de fato, perceber as nuances da relação blogueiro/e-leitor/comentador-participante, observando o exercício da interacionalidade e empoderamento coletivo no processo comunicacional.

Os dois blogs se encaixam na definição de blogs jornalísticos, apresentada por Escobar (2009) para quem blogs jornalísticos são endereços públicos destinados, na sua totalidade ou parcialmente, à divulgação de acontecimentos reais dotados de atualidade, novidade, universalidade e interesse. Ambos os blogs se enquadram na categoria webjornalismo, ou seja, do jornalismo feito especificamente para o ambiente da internet seguindo regras e características próprias do meio, conforme explicamos anteriormente.

Além de serem considerados blogs jornalísticos, os dois blogs foram criados, e são mantidos, por dois jornalistas profissionais: Nassif e Azenha. Ambos são reconhecidos no meio jornalístico pela qualidade do trabalho. Os dois são jornalistas com mais de 30 anos de experiência na área, premiados por suas atividades (o que confere reconhecimento pelos seus pares) e ambos têm formação jornalística nas mídias tradicionais. Nassif tem vivência profissional em veículos impressos, televisão e rádio. Já Azenha tem larga experiência em emissoras de televisão: começou a carreira jornalística em 1980, passando pela TV Manchete, Rede Globo e atualmente é repórter na Rede Record de televisão.

Por fim, os blogs dos dois jornalistas não possuem nenhum vínculo institucional com empresas jornalísticas que por ventura atuem. Consideramos esse critério de extrema relevância, pois a independência de um blog jornalístico marca o lugar de fala do sujeito do blog. Entendemos que um blog situado em empresas jornalísticas (UOL do Grupo Abril, globo.com da Rede Globo, Correio Brasiliense, por exemplo) traria prejuízo às percepções acerca das interações nos blogs, pois grandes empresas jornalísticas possuem vínculos, explícitos e implícitos, com grandes e poderosos grupos econômicos e políticos. Por essa razão, pressupomos que há uma filtragem (seleção)

mais intensa dos assuntos tratados nos blogs vinculados à grande mídia do que nos blogs independentes.

Dada a explicação, passamos agora a explorar os blogs aqui trabalhados.

3.1 – Azenha vê o mundo

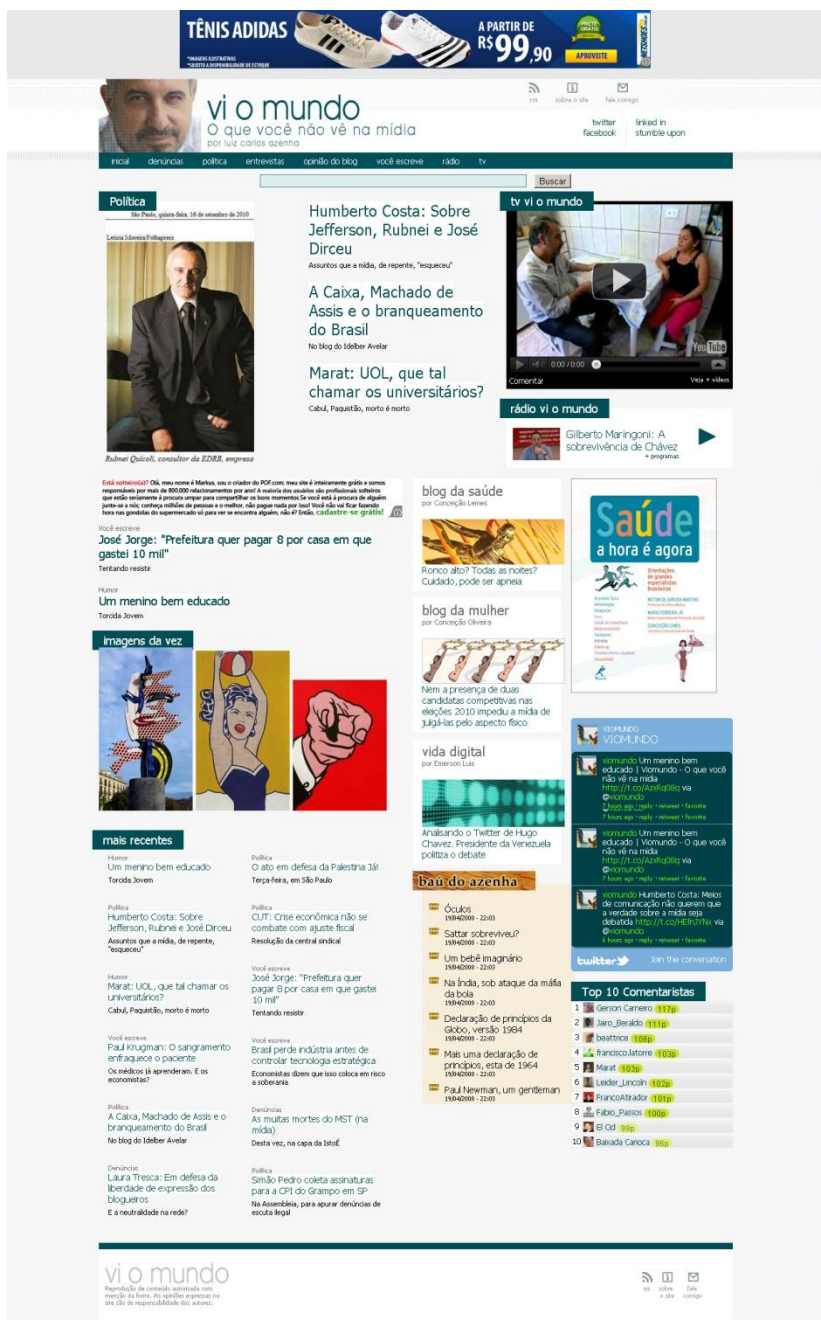


Figura 1 – Blog Viomundo – imagem geral

O que você não pode ler nem ver na mídia¹⁵. É com essa oração que Luis Carlos Azenha abre o texto que apresenta o viomundo.com.br (Figura 1).

O Viomundo nasceu em 2003, pelas mãos de Roberto Chahim, que me ajudou a dar os primeiros passos na internet. Eu era, então, correspondente da TV Globo em Nova York. Sentia uma insatisfação profissional com as reportagens de 45 segundos no Jornal Nacional. O site, portanto, nasceu como uma válvula de escape. Nasceu com o subtítulo: “O que você nunca pôde ver na TV” (AZENHA, Luis Carlos, 2011)

Azenha explica ainda que o blog foi a maneira encontrada por ele de contar os bastidores das reportagens que fazia como correspondente, fazer relatos das viagens e dar informações que eram colhidas durante a produção das matérias, mas que não entravam na edição final do produto. O jornalista conta que recebeu ajuda de profissionais de informática que o ajudaram a formatar o blog.

Leandro Guedes, que teve a paciência de um professor para desfazer minhas dúvidas, *lidar com meu analfabetismo digital* e ouvir minhas diatribes contra essa tal de internet, sempre à distância: eu, em Nova York; ele, em Santo André. O Leandro me ajudou a levar o Viomundo para a Globo.com, recém-criada, onde demos muito trabalho ao Rui Cruz. (AZENHA, Luis Carlos, 2011, grifo nosso)

Em entrevista concedida a esta pesquisadora¹⁶, o jornalista disse que no início o blog foi aceito pela emissora na qual trabalhava, a TV Globo, por não tratar de “questões maiores”. O conteúdo era basicamente os relatos de viagens e acréscimo de material de matérias que iam ao ar na emissora, como nos contou Azenha:

Era um blog em que eu relatava coisas que eu não conseguia colocar na televisão. Não era necessariamente questões políticas, até porque eu tive um amadurecimento político tardio, as minhas ideias políticas vinham amadurecendo ao longo da minha vida mas eu acho que foi muito importante um episódio pra fazer a minha ficha cair de fato.

¹⁵ Grifo nosso. O texto está disponível no link: <http://www.viomundo.com.br/sobre>

¹⁶ A entrevista presencial foi concedida no dia 16 de abril de 2011, em São Paulo.

O Viomundo cresceu a partir de outubro de 2006, ano de eleições gerais no Brasil e candidatura à reeleição do então presidente Luís Inácio Lula da Silva. Na época, Azenha divulgou em seu blog uma gravação que, supostamente, apontava a montagem de um fato político envolvendo o candidato do PSDB, José Serra, contra o candidato Lula, do PT¹⁷. A gravação divulgada por Azenha, no Viomundo, era o que ele chamou de “bastidor desconhecido da notícia”.

O post publicado no blog, além de outras “atitudes¹⁸” do jornalista na emissora provocou um “mal-estar” na Rede Globo. Azenha conta que apenas durante a participação na cobertura das eleições de 2006 percebeu como funcionava a emissora no Brasil como ele mesmo explicou em entrevista concedida a esta pesquisadora:

Fui correspondente muitos anos, e quando eu fiz a cobertura das eleições de 2006 aqui no Brasil [...] é que eu vi na minha própria pele, que a mídia brasileira tinha se tornado um partido político. Porque eu vi, presenciei e vivi o fato de que a Globo fazia reportagens que poderiam afetar o governo do PT, mas não fazia – não tinha isonomia, não tratava iguais como iguais – não fazia o mesmo em relação ao PSDB.

No final de 2006, Azenha se desligou da Rede Globo e retornou para os Estados Unidos. A partir daquele ano, o blog Viomundo passou por várias transformações.

¹⁷ O próprio Azenha descreve o caso: “Eu era, então, repórter especial da TV Globo em São Paulo. Participei da cobertura da campanha eleitoral. No dia do primeiro turno eu estava diante da casa do candidato a governador de São Paulo, José Serra, quando fui procurado por um colega. Ele tinha uma gravação e se ofereceu para me mostrar. Era a gravação de uma conversa entre o delegado da Polícia Federal, Edmilson Bruno, e quatro repórteres. A gravação registrava o momento em que o delegado fazia o vazamento das famosas fotos do dinheiro que petistas supostamente usariam para comprar um dossiê contra o candidato Serra. Àquela altura as fotos do dinheiro eram a grande notícia. Estavam na capa de dezenas de jornais brasileiros. Tinham estrelado a edição da noite anterior dos telejornais e estavam à mostra nos sites mais importantes da internet. Mas a gravação da conversa entre o delegado e os repórteres era um bastidor desconhecido da notícia. Enquanto eu ouvia a gravação, fiz anotações às pressas. Pedi para ouvir de novo. Cheguei em casa, escrevi um post e publiquei no Viomundo. Eu achei a notícia relevante pelo fato de que o escândalo do dossiê já ocupava as manchetes por vários dias, mas as fotos só vazaram na antevéspera do primeiro turno. Foi coincidência? No domingo de eleição, o presidente Luís Inácio Lula da Silva teve 48,61% dos votos. Faltou menos de 1,5% para se reeleger no primeiro turno. As fotos do dossiê fizeram a diferença? Impossível ter certeza disso. O fato é que, no segundo turno, elas foram parar na campanha eleitoral do candidato Geraldo Alckmin, acompanhadas da pergunta: De onde veio o dinheiro? Até hoje não sabemos. O post que publiquei sobre a gravação, no Viomundo, foi um hit na internet. Causou mal estar na TV Globo, uma vez que a emissora tinha uma cópia da gravação mas havia decidido não divulgá-la. Logo a gravação original se tornou pública, na íntegra. Mas os jornalistas, tão interessados em perseguir a origem do dinheiro e o escândalo do dossiê, não demonstraram o mesmo interesse em analisá-la amiúde. Algumas coisas, nela, até hoje chamam minha atenção. Ao conversar com os repórteres, o delegado Bruno age como se fosse uma espécie de editor. Diz a eles que vai mentir ao superior hierárquico. Cogita de jogar a culpa pelo vazamento na faxineira que trabalha no prédio da Polícia Federal. E se refere a uma certa “foto da Globo”. Ora, se as fotos foram tiradas no curso de uma perícia, qual seria o sentido de haver uma “foto da Globo”?”.

¹⁸ Durante o processo eleitoral de 2006, Azenha fez uma reportagem, que mostrava que no famoso escândalo das ambulâncias superfaturadas, 70% delas tinham sido entregues quando o José Serra (então candidato) era Ministro da Saúde, só isso. A reportagem ia de encontro aos interesses da emissora na época que era eleger o candidato do PSDB. Além da gravação do “suposto dossiê”, o desgaste gerado pelas matérias que o jornalista levava ao ar (ou era encorajado a não publicá-las) fizeram com que ele pedisse a rescisão do contrato com a emissora no final de 2006. No ano seguinte, Azenha foi morar em Washington e se dedicou a estudar a internet.

Ganhou independência e passou a ser hospedado na Hostnet, onde permanece até hoje. A conta de manutenção do blog no provedor é paga pelo próprio jornalista. Os anúncios inseridos no blog (são dois espaços dedicados a eles como mostra a figura 2) são de responsabilidade do Google, através da empresa Groupon.



Figura 2 – Espaços publicitários do blog – os círculos identificam as publicidades

Ainda no texto de apresentação do blog, o jornalista explica que devido ao furo de reportagem (caso do dossiê), o blog ganhou como novo foco “tentar explicar aos leitores porque, no Brasil, alguns escândalos são mais escandalosos que outros, algumas notícias são mais noticiosas que outras e algumas investigações interessam, outras não” (on-line). Por fim, o jornalista arremata o texto de apresentação do blog creditando aos leitores e comentaristas do Viomundo o aprendizado que obteve no seu novo modo de fazer jornalismo.

Foram eles que me fizeram descer do pedestal imaginário em que nós, jornalistas, muitas vezes nos colocamos. Aprendi que a internet transforma o resultado de meu trabalho de forma instantânea: assim que publico um texto e surge o primeiro comentário, o texto original

ganha outra dimensão. Pela crítica, por um acréscimo de informação, por um novo ângulo oferecido pelo leitor (AZENHA, Luis Carlos, 2011).

Formalmente, mais quatro pessoas participam do processo de produção do conteúdo para o Viomundo. Além de Luis Carlos Azenha, trabalham no blog as jornalistas Conceição Lemes (que gerencia o blog da Saúde linkado no Viomundo e também atua como repórter), Conceição Oliveira (responsável pelo blog da Mulher e por reportagens no Viomundo), Leandro Guedes (cuida das questões de tecnologia no blog) e Manuela Azenha (repórter).

Mesmo com a organização formal, no que se refere à participação dos jornalistas que auxiliam Azenha, o trabalho relacionado ao blog (produção de conteúdo e moderação de comentários) é feito remotamente, ou seja, não há um ambiente físico (escritório) que sirva como redação. Todo trabalho, mesmo executado individualmente, é feito colaborativamente. Apesar da divisão formal do trabalho, Azenha considera que “milhares de pessoas, os leitores, colaboram de forma decisiva para fazer o blog”.

3.1.1 – O que você não vê na mídia

O subtítulo do blog Viomundo (Figura 3) não aparece em vão. A expressão procura situar o leitor que visita o site pela primeira vez e também serve de provocação para esse mesmo leitor. A intenção é dar conta do tipo de conteúdo disponibilizado no blog, também é uma maneira do autor enunciar e anunciar a função do dispositivo que, em nosso entendimento, quer sair dos temas pautados na grande mídia (*agenda setting*) e propor aos leitores novas discussões a partir do modo como ele próprio vê o mundo.



Figura 3 – detalhe do título e subtítulo do blog

Em entrevista a esta pesquisadora, Azenha explica o motivo da escolha do subtítulo e diz que, mais que uma nomenclatura, “o que você não vê na mídia” funciona como um critério na escolha dos temas que serão tratados no blog seguindo dois eixos estruturantes: 1) fugir do “economicismo” dominante no noticiário e, 2) resgatar pautas que são desprezadas pela grande mídia que segue a ideologia do neoliberalismo. Durante a entrevista, o jornalista justificou seu posicionamento:

Tudo (o que ocorre) na mídia hoje é em função das questões econômicas, então existe um domínio do economicismo sobre as nossas vidas. A pauta toda é em função da economia. Ah, mas não trata mais das questões humanas? Trata também, mas o jornalismo tá muito relacionado com questões econômicas: olha o PIB tá bem, o PIB não tá bem, o emprego, a taxa de desemprego, as questões macroeconômicas, os juros... Isso domina a pauta de uma maneira tão avassaladora que coloca todas as questões sociais, sindicais, humanas em segundo plano. Isso é o número um. [...] Muitas questões que são essenciais pra nossa vida sumiram na mídia, isso por um lado. Por outro lado dentro do neoliberalismo, das propostas do neoliberalismo que basicamente prega que o Estado deve ser pequeno, deve ser reduzido, você não deve ter investimento público em saúde, em educação ou grande investimento, que isso pode ou não ser cortado de acordo com a situação econômica. A pauta ficou muito unificada que a gente brinca, a pauta única do PIG¹⁹. [...] Essa visão de mundo de que o Estado é o comedor do nosso dinheiro, de que ele não deve existir, de que o mercado tem que se sobrepor a tudo é uma visão que o neoliberalismo implantou na mídia de uma forma tão forte que uma série de outras pautas desapareceu. Essa combinação, um, do economicismo dominando o noticiário e a pauta jornalística. Dois, o neoliberalismo dentro disso, as suas teses, as suas teorias dominando fez com que muitíssimas pautas não fossem aproveitadas ou não

¹⁹ PIG é a abreviação do termo “Partido da Imprensa Golpista” (PiG). Surgiu na blogosfera brasileira em 2007 para caracterizar de forma pejorativa determinados grupos de comunicação pertencentes à grande mídia. O termo foi popularizado pelo jornalista Paulo Henrique Amorim em seu blog *Conversa Afiada*. Amorim faz uso do termo com o i minúsculo, em referência ao portal iG, de onde foi demitido abruptamente em 18 de março de 2008. Tal episódio é descrito por ele como um processo de “limpeza ideológica”. Depois de sua demissão, Paulo Henrique Amorim conseguiu na justiça o direito ao acesso a todo conteúdo produzido por ele até então. Paulo Henrique Amorim afirma também que mesmo políticos passaram a fazer parte do PIG. “O partido deixou de ser um instrumento de golpe para se tornar o próprio golpe. Com o discurso de jornalismo objetivo fazem o trabalho não de imprensa que omite; mas que mente, deforma e fraudas. O ex-presidente FHC foi o primeiro que percebeu que a força política de que precisava estava no PIG”. O termo também é constantemente utilizado pelos jornalistas Luiz Carlos Azenha e Rodrigo Vianna em seus blogs, que também ajudaram em sua popularização. O termo se tornou parte de um discurso do deputado federal pernambucano Fernando Ferro, do Partido dos trabalhadores, em que sugeriu a Arnaldo Jabor o cargo de presidente do PIG. Paulo Henrique sustenta que a imprensa brasileira é golpista sempre que o presidente da república é de origem trabalhista. O PIG, segundo ele, teve sua origem com Carlos Lacerda, que ajudou a “matar Getúlio Vargas”; continuou travando sua luta contra JK e João Goulart, até se aliar à ditadura militar; perseguiu o governo Brizola; e agora conspira contra o governo Lula. Segundo o jornalista, os principais meios de comunicação que estariam à base do PiG, seriam quatro grandes grupos midiáticos importantes. Por ordem: a TV Globo e o jornal O Globo, da família Marinho, o jornal Folha de S. Paulo, da família Frias, o jornal O Estado de São Paulo e a revista Veja, da Editora Abril, da família Civita.

fossem discutidas na mídia. [...] Daí a nossa (a minha decisão) que é uma coisa neocientífica, enfim, daí eu falei olha, por aí tem uma coisa boa, brincar com essa ideia. Então por isso que as pautas que eu escolho, e que as pessoas que ajudam meu site escolhem, são essas, são pautas de assuntos especialmente que não saiu, ou que saiu com um viés distorcido na mídia.

O depoimento do jornalista expressa uma atitude de indignação, perplexidade e uma tomada de posição autônoma e independente no que diz respeito aos discursos das corporações midiáticas. Aponta para uma necessidade de elaboração das notícias, de maneira que estas possam ser acessíveis aos leitores, escapando aos jargões economicistas. E, principalmente, define um “lugar de fala”, um campo de produção dos enunciados através de um novo dispositivo midiático, o blog que assegura um espaço de liberdade de expressão e exercício da subjetividade do jornalista, além – evidentemente – de promover uma “formação discursiva” aberta à participação e interação social mediadas pelas tecnologias.

3.1.2 – Uma prática “webjornalística”

O Viomundo apresenta as características elencadas por pesquisadores do webjornalismo, como Marcos Palácios, Luciana Mielniczuk e Elias Machado. No blog do jornalista Luis Carlos Azenha é possível localizar as características de: “instantaneidade”, “interatividade”, “memória”, “multimediação”, “hipertextualidade” e “personalização do conteúdo”.

A “instantaneidade” do blog está relacionada à atualização do mesmo. A média diária de atualização do Viomundo é de 20 publicações, divididos entre as seções do blog, quais sejam: denúncia, política, entrevista, opinião do blog, você escreve, rádio e tv. Exceto as duas últimas, as outras cinco seções são de conteúdo escrito. As publicações de todas as seções trazem links de interatividade e **compartilhamento**, em todas elas é possível identificar o ícone referente ao comentário, localizado no início e final da publicação, e de compartilhamento, este último sempre ao final dos textos, *podcast* ou vídeo, com mostra a figura 4.



Figura 4 – Ferramentas de interação

A seção rádio (figura 5) traz um podcast com entrevistas, opinião, reportagem, ou seja, material editado para ser ouvido, levando em conta todas as regras de produção radiofônica.



Figura 5 – Seção rádio

A seção televisão é composta de vídeos (figura 6), boa parte deles reportagens de Luis Carlos Azenha exibidas na rede Record, o espaço também é destinado aos leitores/participantes do blog que enviam material gravado em vídeo para o Viomundo.

Todo material passa pelo crivo da equipe de jornalistas do blog e dentre os critérios de avaliação do material é importante não conter ofensa, material pornográfico, acusações sem que seja dado o contraditório e difamação. Além da publicação estar *linkada* no blog, os vídeos estão disponíveis no *Youtube*, no canal de exibição relacionado ao blog. No canal estão disponíveis mais de 630 vídeos, dos mais variados temas, formando também um banco de dados audiovisual do blog.



Figura 6 – Seção TV

Os conteúdos de áudio e vídeo conferem ao Viomundo o caráter **multimidiático**. Além disso, o blog traz uma seção dedicada à fotografia, situada na sua página inicial, como mostra a figura 7.



Figura 7 – Seção fotografias

A **hipertextualidade** é outra característica identificada no blog estudado. As possibilidades são múltiplas e os *links* encaminham o e-leitor tanto para dentro do blog, ligando-o a assuntos relacionados com o texto publicação, para o ranking dos mais acessados e para uma lista com temas relacionados ao assunto tratado. Outra forma hipertextual é a possibilidade de compartilhamento através das redes sociais na internet, quando compartilhados via *Twitter* ou *Facebook* as publicações atingem um novo alcance. Elas também permitem que novos leitores sejam atraídos para blog alimentando a blogosfera e o ciberespaço e sendo realimentado por eles. Os exemplos podem ser vistos na figura 8.

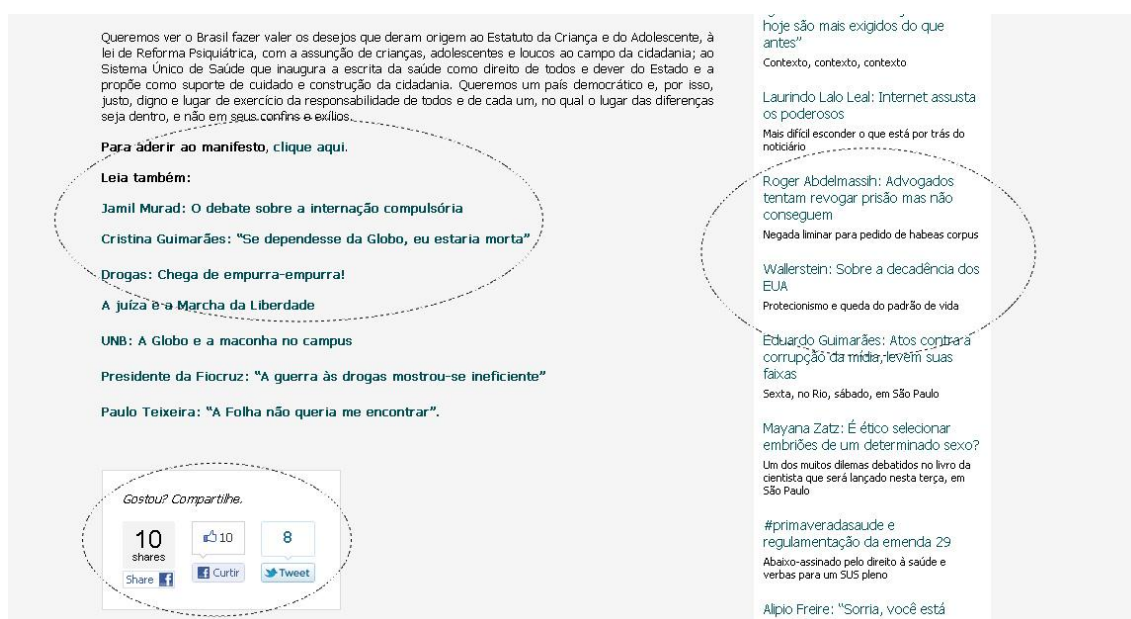


Figura 8 – Hipertextualidade – os círculos marcam os links hipertextuais

Outro fundamento do webjornalismo, o de formar um banco de dados próprio do site ou blog de todo material publicado também aparece no Viomundo. O banco de dados ajuda a manter a **memória** da publicação. No blog estudado, a relação com os post publicados estão disponíveis por suas seções, além disso, o blog dispõe de um mecanismo de busca interno, como mostram as figuras 9 e 10.



Figura 9 – Mecanismo de busca – indicado pelo círculo

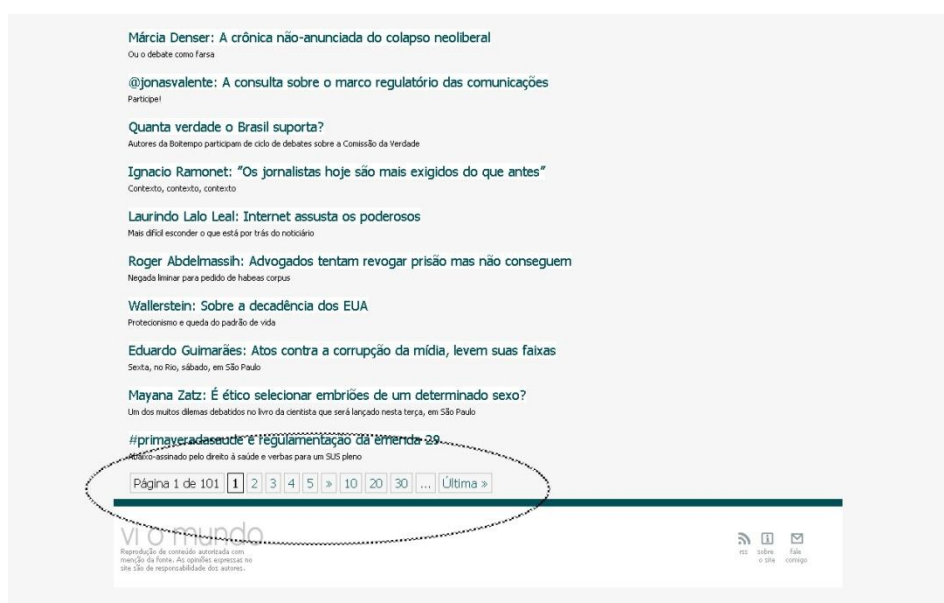


Figura 10 – lista com publicações e arquivo dos mesmos – círculo indica o arquivo

Por fim, a **interatividade** é característica fundamental também contida no blog Viomundo. O próprio blog já é uma ferramenta interativa, pois oferece ao e-leitor ferramentas de navegação dentro do dispositivo. Mas o caráter interativo vai além do aparato tecnológico, ele é mais forte e dinâmico no mecanismo fundamental do blog: a seção de comentários.

Azenha reconhece e afirma que os comentaristas constituem a parte mais rica do blog, considerando que 90% das críticas e opiniões são de fato pertinentes a informação publicada. Atualmente, a média de visitação do Viomundo é de 15 mil visitas por dia, que geram 500 comentários diários que são publicados.

Em entrevista concedida a esta pesquisadora, Azenha reconhece que:

os comentários trazem muitas novas informações, sugestões de leitura, de informação, de link, esses caras são sensacionais. E eles são cumulativos. Esses leitores, os mais ativos, frequentam muito a internet e eles pesquisam muito, eu costumo dizer que eles são as abelhas de polinização, eles ficam pulando de um lado para o outro na internet, na blogosfera, polinizando, deixando informação aqui, pegando daqui, levando pra lá, é muito bacana. [...] A carga de informação que eles trazem é tamanha que você tem que ter muito cuidado pra não ser muito definitivo em nada. O processo pelo qual eu passei dentro da internet foi muito importante, porque eu era repórter da Globo, imagina o Jornal Nacional! Segurador de microfone, que dá toda autoridade, você tá controlando o microfone. E aí na internet eu fui recuando, porque fui me vendo muito mais ignorante do que eu sempre me imaginei. E vêm os comentaristas, são médicos, são engenheiros, são gente formada em informática e aí eles começam a te descascar se você fala besteira. [...] **Eu comecei a ver que fazer blog é isso, é você compartilhar informação, não é ditar o que os outros devem ou não ler, é compartilhamento. Muda o papel do jornalista completamente na medida em que você adquire essa consciência.** A lógica é “vou compartilhar uma informação que eu tenho”. Não é mais aquela coisa “toma, toma que isso é bom”. Não é mais assim. É dizer “eu li alguma coisa que eu acho que é bacana, deixa eu colocar aqui pra vocês me dizerem o que vocês acham disso”. E **estes comentaristas, eles não são receptores, como são na mídia tradicional, eles são co-autores.** Eu acredito em produção de conteúdo próprio da blogosfera. **Mas os comentaristas são o centro** (grifo nosso).

Com base na lógica do compartilhamento e do dispositivo enquanto lugar de conversação, o Viomundo oferece espaço para comentários em todas as seções dos blogs, sejam elas de texto, imagem ou som. Apesar do modo otimista com que Azenha reconhece o potencial da ferramenta blog, o jornalista criou uma série de regras para os

comentários. Segundo ele, os comentários são abertos, não necessitando, ainda²⁰, o cadastro prévio para comentar.

Apesar do cadastro no blog não ser uma exigência, apenas os usuários cadastrados podem possuir assinatura com fotos. Também aos usuários cadastrados é dada a participação no sistema de classificação (figura 11) que opera de forma quantitativa, a pontuação é dada ao usuário não pela qualidade do seu comentário, mas pela soma de dois outros critérios: o número de vezes que ele comenta e os votos que o comentário desse usuário recebe pelos demais que também participam comentando no blog. Colocada dessa forma, não há como medir se os votos que o comentário recebe foram dados pelos “outros” ou pela mesma pessoa que comentou.



Figura 11 – Ranking dos comentaristas que aparece na página inicial do blog

A dinâmica faz com que a comunidade virtual formada em torno do blog funcione com base em um conjunto de regras criadas pelo autor do blog (no caso Azenha), mas devidamente reconhecidas e respeitadas pelos e-leitores. Além disso, os comentários são moderados pelos jornalistas que trabalham no Viomundo.

²⁰ No dia 19 de setembro de 2011, esta pesquisadora testou se os comentários estavam abertos. Até esta data, qualquer leitor poderia comentar as publicações. Achemos importante fazer essa observação devido a mutação e aprimoramento que passam os blogs.

Em entrevista a esta pesquisadora, Azenha explica que os critérios para não postagem dos comentários são:

Não conter palavrões, ofensas pessoais, acusações de falatórios também não entra. Por exemplo, um cara diz assim: “o autor desse texto aí é um corrupto, ele roubou”. Isso não entra nos comentários, difamação contra colegas comentaristas ou contra autores de textos publicados não entra. É bastante rígido. A gente deu uma apertada bastante porque quem não comenta e lê não gosta de ficar lendo as baixarias. É preciso manter o nível do debate porque os próprios comentaristas, eles não querem que você fique censurando. (...) Então eu e a Conceição Lemes lemos os comentários. Por vezes o Leandro Guedes também lê, os comentários não entram sem leitura. A gente lê um por um e liberamos um por um. Já existe um processo de vigilância, vamos dizer assim, dos próprios comentaristas, uns em relação aos outros e eles denunciam às vezes. “Olha aí passou uma coisa que eu não acho que é legal pro seu blog deixar passar uma coisa dessa”. Dito isso eu verifico e quando percebo que realmente houve ofensa o comentário é apagado, não tenho nenhum tipo de constrangimento em relação a apagar comentário que já foi aprovado.

Na parte interna das publicações é possível acompanhar o desenrolar dos debates desenvolvidos na seção de comentários. Nesse campo, além da possibilidade de comentar, é dado ao usuário ferramentas de avaliação do que é dito. Outro ponto importante na estrutura dos comentários é a possibilidade de responder diretamente a um comentário. Graças a essa ferramenta ficou mais fácil estabelecer um diálogo entre os usuários, como mostra a figura 12.



Figura 12 – Mecanismos de resposta e avaliação dos comentários

3.2 – Luis Nassif Online

O jornalista Luis Nassif criou o *Blog do Nassif* em maio de 2006; à época o blog esteve hospedado no portal UOL, quando o jornalista integrava os quadros do Grupo Abril, como colunista do jornal impresso Folha de São Paulo. O blog já nasceu com o nome do jornalista, sem título ou subtítulo. Deste modo, o nome do jornalista aparece como marca registrada. Assim através do expediente da personalização Nassif estabelece o seu território desde o início da publicação. Jornalista atuante desde 1970, quando entrou para os quadros da Revista VEJA, em São Paulo, onde permaneceu até 1979. De lá foi para o Jornal da Tarde, onde criou as seções “Seu Dinheiro”, sobre finanças pessoais, e “Jornal do Carro”. Em 1983, mudou para a “Folha de S. Paulo” onde atuava como colunista e membro do Conselho Fiscal. Embora escrevesse sobre economia, possuía também uma coluna de crônicas no jornal.

Ficou na “Folha de S. Paulo” até 2006, com intervalo entre 1987 a 1991 quando criou a Agência Dinheiro Vivo, especializada em notícias sobre economia. Atualmente,

Nassif dedica seu tempo aos projetos jornalísticos vinculados a essa Agência. Desde que começou como jornalista, Nassif venceu vários prêmios da categoria, entre eles o “Esso de Reportagem” (1986), “Ayrton Senna” (2003) e do site “Comunique-se” (2003, 2005 e 2008). Além da atuação no impresso, o jornalista também trabalhou como comentarista econômico na TV Bandeirantes e TV Cultura, atualmente ele mantém na Rede Brasil de Televisão o “Brasilianas.Org”, programa de entrevistas vinculado ao “Projeto Brasil”.

A atuação profissional do jornalista explica porque o seu nome é impresso como marca em seu blog. Luisnassifonline tem média de acesso de 70 mil visitas por dia, de segunda a sexta, e outra média de 30 mil visitas nos finais de semana. Os comentários que chegam ao sistema do blog atingem a média de mil por dia; essa cifra se eleva nos finais de semana chegando a 1.500 comentários recebidos nos sábados e domingos. Os dados foram fornecidos pelo próprio Luis Nassif, durante entrevista concedida a esta pesquisadora no dia 14 de abril de 2011, na Agência Dinheiro Vivo, em São Paulo.

Criado em 2006, o blog Luisnassifonline passou por três mudanças de endereço e hospedagem. A primeira no mesmo ano de 2006, quando da saída do jornalista do Grupo Abril (portal UOL, Folha de S. Paulo e Folha da Tarde, Revista Veja). De lá, Luisnassifonline migrou para o Portal IG (Internet Group). O próprio Nassif explica a mudança de hospedagem do seu blog: “saí porque recebi uma boa proposta de cada público. Eu tinha saído da Folha também então estava mais ou menos esperando, conhecendo melhor esse novo ambiente (blogs na internet) pra saber onde me colocar. Daí o Caetano foi pro IG e me fez uma boa proposta e eu fui pra lá”.

Nassif manteve o blog no IG até 2010, quando o seu contrato com o portal terminou. Hoje, o Luisnassifonline tem hospedagem independente e vínculo com a Agência Dinheiro Vivo, empreendimento criado e mantido pelo próprio Nassif. Após as mudanças, o blog fixou o layout conforme mostra a figura 13.



Figura 13 – Imagem geral do blog Luis Nassif Online

O blog faz parte de um sistema de rede informativa formada pelo Portal Luis Nassif – Construindo Conhecimento²¹ e Brazilianas.Org²². Embora não possua editorias

²¹ <http://blogln.ning.com/> Comunidade dos leitores do blog para a participação em discussões sobre política, cultura e economia. Criado em 2009, o portal reúne a comunidade virtual que se formou a partir do blog do Nassif. Segundo o jornalista, o portal possui mais de 17 mil usuários cadastrados.

²² <http://www.advivo.com.br/brazilianas/blog> O Brazilianas.org foi criado em 2010, a premissa básica do projeto é a interatividade, ou seja, criar um ambiente que permita a participação dos leitores em fóruns e grupos de discussões, além de estimular o envio de estudos e colaborações sobre as principais políticas públicas da atualidade. O Portal está em linha com as novas tendências de redes sociais, o sistema permite o cadastramento rápido e fácil adaptação dos usuários. Atualmente Brazilianas.org atua em três diferentes frentes, Televisão, Internet e Seminários. A cada semana é apresentado um tema na TV Brasil chamando para discussão no portal. Os comentários e perguntas dos leitores do portal são base para fomentar o debate entre Luís Nassif e convidados do programa. De acordo com o jornalista, o Brazilianas possui mais de sete mil usuários cadastrados.

específicas, as publicações do blog são classificadas em categorias. A regra de atualização continua é a mesma do webjornalismo, ou seja, as informações são postadas na medida em que vão sendo produzidas. A hierarquização e a personalização, características do dispositivo blog, podem ser facilmente percebidas no Luisnassifonline e o próprio jornalista reconhece isto sem deixar de lado o aspecto de “escrita coletiva” de seu blog. Durante a entrevista, Nassif explicou que:

A hierarquia sobre o blog é inevitável. O blogueiro é o dono do blog, digamos, então parte do conteúdo é autoral, mas o que fiz foi das condições de igualdade no blog a quem comenta e participa cooperando com informações. O que me move nesse processo de blog é a curiosidade jornalística mesmo. Evidente, eu tenho minhas posições pessoais em relação a câmbio, política, mas o que me move é essa possibilidade de você ter essa riqueza de posições e informações que o jornalismo convencional não te dá. Porque no jornalismo convencional o repórter e o editor são donos da matéria. O repórter vem te entrevista, para dez informações ele seleciona as três que ele considera relevante. Na internet a riqueza dessa construção coletiva é isso, você joga a informação no blog, vem um cara embaixo nos comentários e rebate o que foi escrito, traz informações novas, traz questionamentos consistentes. É uma guerra permanente, mas não é uma guerra nesse sentido de embates ideológicos. O que eu quero é o debate, a boa polêmica que é aquela que no final do processo os dois lados tão pensando diferente, um aprende com o outro.

Mesmo sem divisão de editorias e com uma enorme lista de categorias disponíveis no canto direito da página principal do blog (Figura 14), o Luisnassifonline segue uma rotina de sistematização das informações. Todos os dias o blog traz as seções “Clipping do Dia” (seleção com matérias para serem lidas e comentadas). O espaço é alimentado pelos leitores, em alguns dias há a contribuição do Nassif, mas geralmente as informações são dos leitores que trazem no campo de comentários textos, vídeos, áudios, fotografias e charges que os próprios leitores elegem como relevantes para serem compartilhadas e comentadas.

As informações são variadas e advêm de fontes diversas como blogs, portais de notícias, revistas on-line, jornais, agências de notícias oficiais (ligadas ao governo nas três esferas: Federal, Estadual e Municipal), instituições de ensino, enfim, uma gama de temas e assuntos que são trazidos para o debate. Além do “Clipping do Dia”, Luisnassifonline também traz “Multimídia do Dia” (a seleção diária de vídeos.), “Fotos, charges e tirinhas” (o espaço para as imagens), como mostram as figuras 15 e 16, respectivamente.

Categorias

- Brasil
- Brasilianas.org
- Cultura
- Blog Victal
- Economia
- Em Observação
- Esportes
- F1
- Justiça
- Tutorial
- Internacional
- Fora de Pauta
- Justiça
- Nassif
- Não categorizado
- Raio X dos Estados
- Sem categoria
- Gestão
- História
- Meio Ambiente
- Mídia
- Música
- Política
- Políticas Sociais
- Religião
- Tecnologia

Figura 14 – Lista das categorias do blog

Fora de Pauta

Enviado por luisnassif, qua, 21/09/2011 - 08:30

O espaço para os temas livres e variados.



» Link Permanente

37 comentários

Clipping do dia

Enviado por luisnassif, qua, 21/09/2011 - 08:30

As matérias para serem lidas e comentadas.



» Link Permanente

55 comentários

Figura 15 – Seções “Fora de Pauta” e “Clipping do Dia”



Figura 16 – Seções “Multimidia do dia” e “Fotos, charges e tirinhas”

Esses espaços são povoados de estímulos semânticos, eletrônicos, sensoriais que agilizam uma linguagem envolvente, que captura os interesses e expectativas dos e-leitores, usuários, cidadãos, blogueiros. Mas sobretudo criam as condições técnicas e infocognitivas para a liberdade de participação social. Esse efeito se evidencia, pragmaticamente, a partir do uso de dispositivos, utilitários e ferramentas que concedem ao blog o caráter de interatividade. Na blogosfera (e no Blog de Nassif) um dos exemplos mais marcantes, nesse sentido, é a seção “Fora de Pauta” (Figura 16) destinada aos temas livres e diversificados, mas inseridos num contexto interativo que acolhe e atende a grupos específicos de demandas coletivas. Em entrevista concedia a esta pesquisadora, Nassif explica que:

As seções são uma forma de dar vazão a quantidade de informações que chegam ao blog e que os leitores querem discutir, opinar. Nas seções estão publicações que não se encaixam nas categorias pré-definidas no blog. Os espaços também geram discussões e troca de informações entre os leitores.

O blog também traz opções de compartilhamento de conteúdos, direcionando as publicações para fora do blog, mas como extensão dos gostos e interesses similares; este expediente assegura o êxito na estratégia de captura, o que se confirma na adesão permanente de novos leitores. As ferramentas usadas nos blogs permitem diversas opções de compartilhamento: estão interligadas a outros meios interativos como o email

e outros mecanismos geradores de redes sociais, a exemplo do Facebook, Google+ e Twitter, como mostra a figura 17.



Figura 17 – Compartilhamento do conteúdo

O banco de dados do Luisnassifonline está melhor estruturado do que no blog Viomundo. Há uma área de pesquisa interna das publicações que oferecem sete possibilidades de busca, todas relacionadas à combinação de datas e termos. Com a ferramenta é possível obter dados acerca do volume de postagens diárias (figura 18), de comentários em cada publicação por dia ou por semana. Isso facilita a navegação no blog, colaborando com os leitores que – sem muito tempo em determinados dias para se dedicar a uma leitura assídua das publicações no blog – podem resgatá-las criando critérios de pesquisa das informações a partir dos oferecidos pelo blog.

Posts recentes | Vídeos do Blog

Postagens no geral

Filtrar por data
É igual a
2011 Set 13
Aplicar

	Data de publicação		Comentários
1	13/09/2011 - 21:34	Facebook: As manifestações contra a mídia	54
2	13/09/2011 - 21:32	Cisne Negro	3
3	13/09/2011 - 21:28	Rio terá ato contra corrupção da velha mídia	46
4	13/09/2011 - 20:00	A história do Ensaio Vocal	5
5	13/09/2011 - 19:24	Love in Vain	3
6	13/09/2011 - 19:21	Trivial de Itamar Assunção	20
7	13/09/2011 - 19:00	O apóstrofo que trava o sistema	25
8	13/09/2011 - 18:00	A alegre Anna Netreb	5
9	13/09/2011 - 18:00	Sobre a alienação parental em casais gays	7
10	13/09/2011 - 17:00	Vanessa Da Mata e a gata de 'Saltimbancos'	16
11	13/09/2011 - 16:51	O iPad fabricado no Brasil chega ao mercado em dezembro	35
12	13/09/2011 - 16:47	Ajuda à Europa pode vir dos Brics	56
13	13/09/2011 - 16:47	BC só com funcionários de carreira, por Nakano	20
14	13/09/2011 - 16:46	Icann diversificará domínios da internet	7
15	13/09/2011 - 16:30	Taxa de pobreza dos EUA chega a 15,1%	14
16	13/09/2011 - 16:00	Camarón de La Isla, música cigana espanhola	10
17	13/09/2011 - 15:45	O fim do Bukit Brown, cemitério histórico de Cingapura	6
18	13/09/2011 - 15:30	Por direitos, autores processam Universidade de Michigan	4

Figura 18 – Os círculos mostram as especificidades do banco de dados do blog, como data, hora, número de comentários relacionados à informação e os filtros de pesquisa.

As informações publicadas no Luisnassifonline constituem genericamente assuntos trazidos de outros sites noticiosos ou sites informativos diversos. As postagens (figuras 19 e 20) são sugeridas pelos leitores/usuários/co-autores que contribuem com o fluxo informacional do blog. Outra parte do material publicado é selecionado pelo próprio Nassif, que atua como “estimulador e organizador do blog”. Além de Nassif, apenas mais um jornalista vinculado à Agência Dinheiro Vivo trabalha no blog. O outro colaborador formal é um especialista em informática que se encarrega dos aspectos técnicos do blog. Com o jornalista colaborador, Nassif divide a tarefa de liberar os comentários que são uma média de mil por dia. Apenas os comentários dos usuários cadastrados entram automaticamente, os demais são lidos pelo próprio Nassif (segundo ele 80% dos comentários) ou pelo jornalista colaborador.

Especialista alerta para bolha imobiliária em SP

Enviado por luisnassif, seg, 19/09/2011 - 14:31

Atualizado às 14h26

Por Leandro C.

Da Rede Brasil Atual

Valorização artificial acende alerta de bolha imobiliária em São Paulo

Especialista afirma que risco, provocado por desinformação e falta de ética nos negócios, é maior para o segmento de renda média, mas que data de eventual estouro é imprevisível.

[Leia mais »](#)

[f Compartilhar](#) 21

[f Curtir](#) 21

[Tweet](#) 0

[+1](#) 0

[✉](#)

» [Link Permanente](#)

57 comentários

Figura 19 – Informação publicada que entra na primeira página do blog

Atualizado às 14h26

Por Leandro C.

Da Rede Brasil Atual

Valorização artificial acende alerta de bolha imobiliária em São Paulo

Especialista afirma que risco, provocado por desinformação e falta de ética nos negócios, é maior para o segmento de renda média, mas que data de eventual estouro é imprevisível.



Conjunto de edifícios para classe média em São Paulo: preços dos imóveis estão acima do crescimento da renda (Foto: Alexandre Rezende/Folhapress)

Suzana Vier

São Paulo – A capital paulista já dá indícios de viver situação semelhante à que começou a acontecer nos Estados Unidos em 2006 – embora os efeitos devastadores sobre a economia de boa parte do mundo tenham sido sentidos mais duramente dois anos depois. O alerta é de João da Rocha Lima Júnior, professor titular da Universidade de São Paulo (USP) e consultor de investimentos imobiliários.

“Os preços de empreendimentos de renda média e de escritórios estão fora do eixo em São Paulo”, alertou, em entrevista à **Rede Brasil Atual**. O xis da questão é o valor excessivamente elevado desses imóveis, com altas para além do aumento da renda da população em alguns segmentos e bairros. O especialista participou da 11ª Conferência Internacional da Latin American Real Estate Society, nesta sexta-feira (16), na capital paulista.

Segundo ele, o Índice Nacional de Custo da Construção (INCC) tem mostrado crescimento muito

Luis Nassif

Introdutor do jornalismo de serviços e do jornalismo eletrônico no país. Vencedor do Prêmio de Melhor Jornalista de Economia da Imprensa Escrita do site. Comunicou-se em 2003, 2005 e 2008, em eleição direta da categoria. Prêmio Best de Melhor Blog de Política, em eleição popular e da Academia iBest. Para enviar emails a Luis Nassif [clique aqui](#).

Pesquisar

SANEAMENTO

CAIXA

Categorias

• [Brasilanas.org](#)

Figura 20 – Ao clicar na manchete ou lead da informação o leitor é levado para a área interna do blog onde a íntegra do texto pode ser lida, incluindo todos os comentários que foram aprovados para a publicação

Para Nassif, o sentido das informações publicadas no site não se esgota no ato de postagem; a dinâmica da informação disponibilizada em rede assegura a circulação e a captura dos textos a partir de vários nós e diferentes comunidades de leitores. Ele nos conta:

Tem o caminho dos comentaristas, dos comentários que é um deles, tem o da reprodução em outros blogs, assim como textos de outros blogs vem pro meu, também tem o caminho dos e-mails. E você acaba lendo nos dias seguintes nos jornais impressos algumas daquelas teses que você levanta no blog. Então é possível perceber a abrangência do blog, a audiência. Lógico que não temos a audiência de um G1(portal de notícias vinculado a Rede Globo), mas quando percebemos o nível de nossa audiência vemos que é considerável. (Trecho extraído da entrevista concedida a esta pesquisadora)

O jornalista considera que realiza no blog um jornalismo predominantemente opinativo, por isso a grande movimentação na área de comentários, seja agregando informações às postagens, seja gerando o debate entre os comentaristas sobre o tema em questão. De acordo com Nassif, os critérios para postagens são estabelecidos pela atividade jornalistas com destaque para dois deles: relevância e interesse.

Toda “conversação” gerada no blog no campo dos comentários é mediada pelo jornalista. Assim como no blog Viomundo, os comentários no blog do Nassif precisam respeitar regras. Não entram comentários com palavrões, ofensivos e que denigram ou difamem. Nassif faz uma distinção entre crítica e radicalização e afirma que o seu papel, enquanto mantenedor do blog é o de moderação. Em entrevista concedida a esta pesquisadora, ele explicou como se dá esse julgamento:

Se não cuidar disso você acaba criando uma armadilha, por exemplo, é perceptível no blog a polarização das discussões PSDB/PT, e cada vez que eu coloco “Fernando Henrique” triplica a leitura e discussão do que se o tema da publicação for “reforma política”. E quem vem discutir? Os defensores do PT? Os defensores do PSDB? Enfim, os que estão interessados na discussão e acabam, cada um fazendo a defesa de sua ideologia, radicalizando as discussões. Tem muitos outros leitores que estão questionando isso. Então esse também é meu papel, de moderar e de dá o tom aí. Se eu dou espaço pro pessoal que tá a fim de baixaria, vira baixaria. Se eu dou espaço pro pessoal que tá a fim de radicalização, vira radical. Às vezes você perde o pé da situação, nas eleições isso ficou bem claro.

É no campo destinado aos comentários que o processo de interação, além do aspecto tecnológico, ocorre com maior vigor. É através dos comentários que as conversações são estabelecidas. E é nessa oportunidade que se estabelece uma nova modalidade do ethos comunicativo, da mediatização passamos a um nível de interação dinâmica que se realiza a partir dos processos sociotécnicos e informacionais. A figura 21 mostra o campo de comentários.

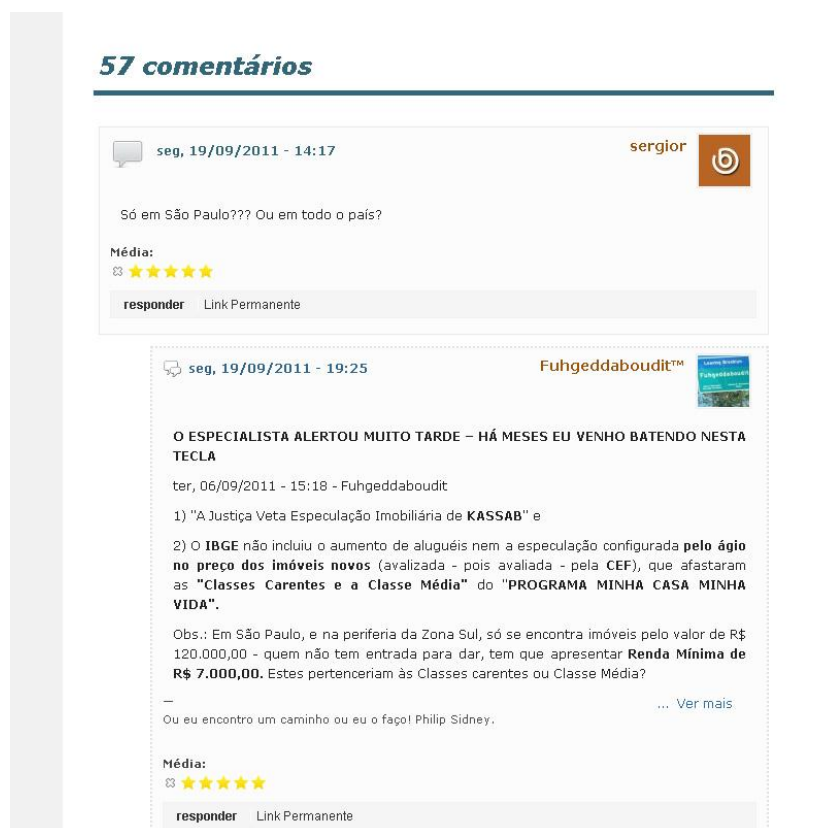


Figura 21 – Campo de Comentários que fica sempre abaixo do texto publicado

O mecanismo tecnológico de interação do blog do Nassif também possibilita a interseção dos comentários, ou seja, é possível publicar, ter o texto lido e comentado e a partir do comentário, um novo pode ser acrescentado, ampliando o diálogo a partir de um comentário inicial, como mostra a figura 22.

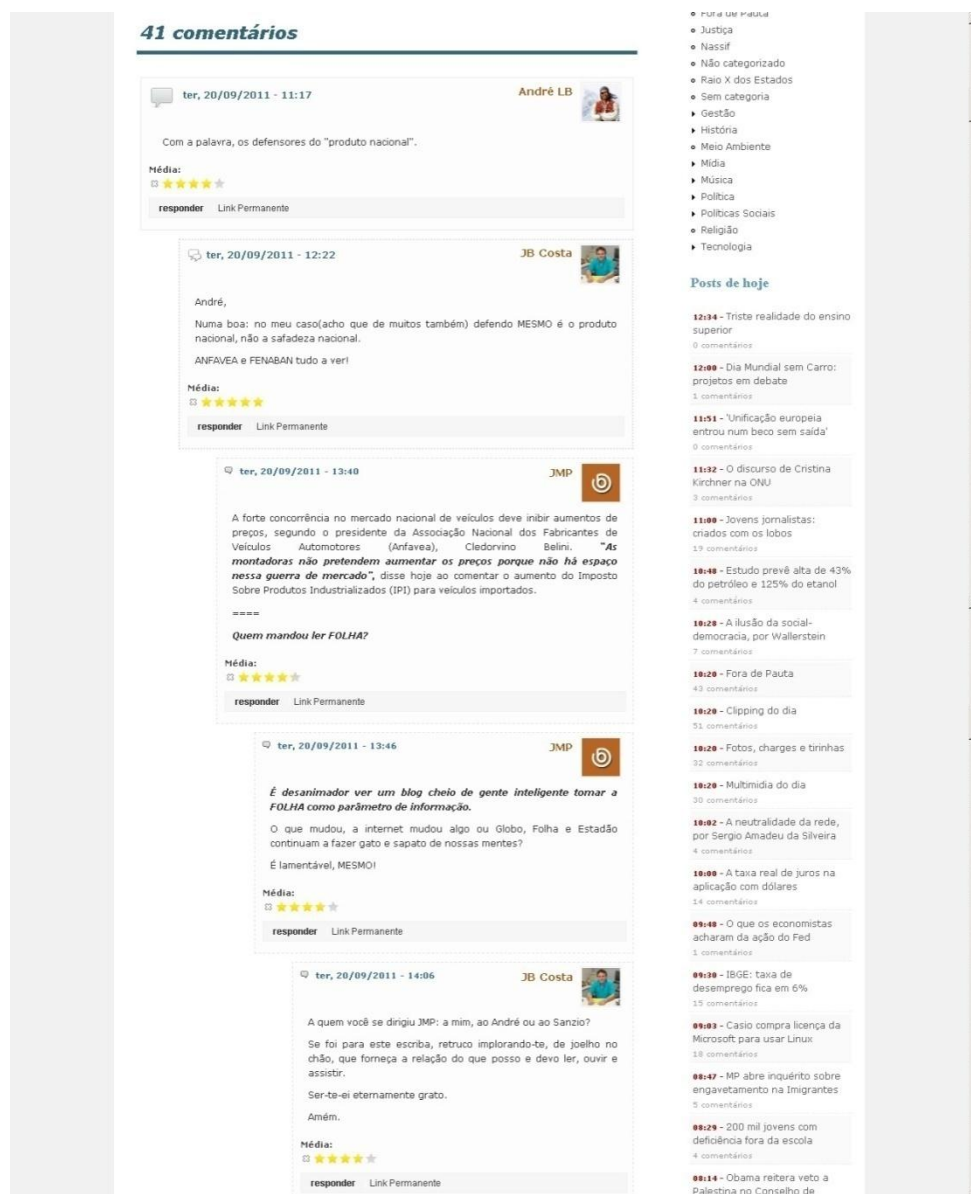


Figura 22 – Comentários que demonstram uma relação dialógica entre os participantes

Essa conversação que se dá no campo dos comentários é mediada pelo jornalista Luis Nassif e também analisada pelos próprios blogueiros. Em junho de 2011, o blog passou a oferecer um mecanismo de avaliação de comentários criando um ranking qualitativo. Logo abaixo do texto do comentário pode-se localizar a indicação “Média” e desenhos de estrelas, ícones usados para votação que varia de 1 a 5 estrelas. O ícone representa a nota dada ao comentário, como pode ser visto na figura 23.

57 comentários



Figura 23 – Avaliação dos comentários – o círculo mostra o detalhe do mecanismo

A partir desta votação é gerado o ranking de comentários e comentaristas que se localiza a direita da página inicial do blog do Nassif, como mostra a figura 24.

Comentários + votados



Figura 24 – Ranking dos comentários

O mecanismo implementado no blog do Nassif dá ao ranking dos comentários uma aspecto mais qualitativo do que quantitativo, pois em um determinado dia o comentário melhor avaliado pode ser apenas um de um leitor/usuário que comentou uma única vez. O próprio jornalista optou por esse mecanismo, qualitativo, por isso que só em meados de 2011 disponibilizou o ranking.

Nassif considera que os leitores/usuários/colaboradores são também co-autores do blog. Em entrevista a esta pesquisadora, o jornalista declarou:

Temos comentaristas excepcionais, tem comentaristas aí que são muito melhores que qualquer comentarista que trabalha na mídia. Eles são pesquisadores. Dou o exemplo da “Satiagraha”, que foi a primeira grande vitória da blogosfera contra a velha mídia, eu tinha um professor de Filosofia que contribuía no blog e que conseguiu identificar informações incorretas do Ministro da Justiça. Também um outro ex-professor que levantou dados sobre falsificações no relatório da segurança do Supremo Tribunal Federal sobre escuta. Quatro engenheiros eletrônicos montaram um relatório no blog. Então são especialistas que participam ativamente cada um na sua área de conhecimento. [...] Essa dinâmica fez com que eu entendesse uma coisa: se voce não tem conhecimento específico sobre um tema, coloque-o em discussão que a informação se constrói. Então esse é um modo totalmente diferente, muito mais amplo de fazer jornalismo. As informações chegam numa velocidade surpreendente, com qualidade e verossimilhança. Quando tenho dúvidas coloco a informação “Em observação” para que seja também debatida entre os leitores/usuários e vou mediando, julgando. As vezes até penso em fazer uma síntese final do tema, mas daí aparece um leitor e escreve “bom, como vemos não é uma causa só, é um conjunto...”. Esse leitor acaba por me tirar o “gostinho” de sintetizar a informação. Então essa é uma diferença fundamental de como o jornalismo se dá na blogosfera e que esse modelo está, eu não diria ainda alterando, mas incomodando a mídia tradicional. Tenho certeza que no meio blog eu tenho leitores que nenhum jornal vai conseguir ter.

Capítulo 4 – Elementos para uma análise dos blogs jornalísticos

Até aqui buscamos apresentar a estrutura e o modo de funcionamento dos blogs *Viomundo* e *Luisnassifonline*. Doravante cumpre indicar os elementos analíticos para uma investigação mais apurada. De saída, percebemos que as pesquisas sobre ambientes digitais, principalmente aquelas voltadas para objetos informacionais, quase sempre têm que lidar com uma relação paradoxal.

Se por um lado existe hoje a facilidade de acesso, por outro é difícil lidar com o volume excessivo de material; por isso a delimitação do corpus é fundamental. Para conceder mais objetividade às análises, propomos um recorte que – mesmo parecendo conciso e limitado – nos ajuda a compreender a dinâmica do dispositivo blog.

Empenhamo-nos em avaliar como as informações contidas nos blogs são construídas com base na experiência de participação dos leitores/usuários/cidadãos nos blogs. Nossas escolhas são norteadas por dois aspectos fundamentais: o primeiro concentra a atenção na reconfiguração da prática jornalística e no contrato de comunicação estabelecido no dispositivo blog. O segundo analisa a construção da informação a partir dos comentários, buscando identificar as interações sociais mediadas pelas tecnologias, colocando em perspectiva a blogosfera.²³

4.1 – O contrato de comunicação e a produção da informação no blog jornalístico

Ao deixar claro ao leitor que ele encontrará no blog *Viomundo* aquilo “**que você não vê na mídia**”, o dispositivo convoca o leitor não apenas a se informar em um órgão específico (CHARAUDEAU, 2007), mas em um órgão que propõe uma comunicação

²³ A observação dos dois blogs vem sendo feita sistematicamente desde março de 2009. Neste trabalho não vamos considerar as publicações do ano de 2010, ano de eleições gerais; contudo julgamos pertinente registrar o contexto sócio-histórico em que se situa o objeto de estudo concernente à blogosfera e sua interface com o jornalismo. Consideramos que o ano eleitoral altera a relação da sociedade com a mídia. Além disso, o ano de 2010 assistiu o primeiro processo eleitoral que contou com o amplo funcionamento da internet e das redes sociais. O tema é importante e merece um estudo aprofundado acerca da interface hipermídia, espaço público e cidadania.

contratual em outra esfera (neste caso o Viomundo afirma que os temas fugirão ao agendamento midiático), centralizada nas características próprias do dispositivo blog no ambiente internet.

Como ressalta Fausto Neto (2007), o contrato de comunicação é visto como uma possibilidade de ação vinculante, estando em estreita relação com as rotinas de produção. Os “modos de dizer” expressam a maneira como o enunciador quer falar com seu leitor. Para o autor, esses modos de dizer resultam:

Dos procedimentos pelos quais o jornal apresenta-se e fala ao receptor, segundo regularidades de marcas enunciativas e através das quais busca a construção de um espaço interacional. [...] É nesta complexa enunciação que o jornal faz emergir sua identidade e as características do seu modo de falar, bem como possibilidades do leitor estabelecer processos de reconhecimento de sua presença (FAUSTO NETO, 2007, p. 04).

O blog, enquanto dispositivo tecnológico estabelece uma relação contratual interativa, pois a ferramenta oferece ao leitor modos de participação a partir de seções colaborativas. Especificamente no Viomundo há duas seções dedicadas exclusivamente à participação dos e-leitores, o campo “Denúncias” e “Você escreve”, como mostra a figura 25.

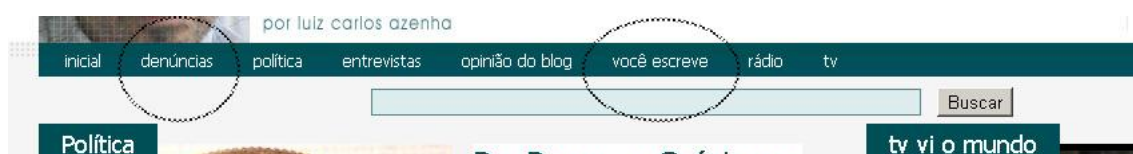


Figura 25 – Campos de interação do blog Viomundo

Ao possibilitar que novos atores sociais produzam notícias, o jornalismo praticado nos blogs (webjornalismo) oferece pontos de vista múltiplos e ferramentas colaborativas para leitura e escrita. Assim, o blog se posiciona como articulador de um espaço onde o leitor se informa, mas também pode expor sua opinião (Você escreve) e compartilhar informações (Denúncias), o dispositivo de enunciação passa a configurar uma nova relação com a instância destinatária. Tanto o leitor quanto suas expectativas

são incluídas nesse processo, pois é oferecida a possibilidade de acompanhar os fatos continuamente; emitir opinião; reagir.

Em 11 de março de 2011, através da seção “Denúncia” o blog Viomundo trouxe a seguinte matéria “*Bolsistas de pós-doutorado do Reuni/Capes estão sem receber desde janeiro*”²⁴. O texto foi escrito pela jornalista Conceição Lemes, uma das colaboradoras do blog. A matéria fala do atraso no recebimento dos valores das bolsas de pós-doutorado pagas pela Capes. Abaixo a íntegra do texto:

Bolsistas de pós-doutorado do Reuni/Capes estão sem receber desde janeiro (por Conceição Lemes)

As bolsas de pós-doutorado do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) existem desde 2010. Elas foram criadas pelo Ministério da Educação (MEC), e a concessão está a cargo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). São bolsas pagas a pesquisadores que tenham título de doutor e estejam em pós-doutorado* em universidades federais.

Atualmente, são cerca de 300 bolsistas Reuni/Capes. Todos estão sem receber pagamento há dois meses. O valor mensal da bolsa é R\$3.300,00.

“Nosso último pagamento foi em 28 de dezembro, nossos salários de janeiro e fevereiro estão atrasados. Desde então não recebemos nada”, desabafa a bióloga e pesquisadora Vanessa Vendramini, bolsista pelo Departamento de Cirurgia/Urologia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). “Tive de pedir dinheiro emprestado ao meu pai. É uma situação humilhante, desrespeitosa. Ninguém diz nada a respeito. Nenhuma satisfação. A única coisa que sabemos é que o processo está parado por culpa da Capes. Telefonei para lá no início de março e a secretária do Reuni me disse: ‘É isso aí mesmo, não sabemos o que está havendo e não temos previsão de quando o pagamento será liberado’.”

“Seguir vida acadêmica no Brasil é para filhos de pais ricos”, acrescenta Vanessa, que continua trabalhando no projeto de pós-doutorado. “Por isso, costumo dizer que, aqui, os pesquisadores vivem de luz e moram em cavernas, pois não precisam se alimentar e nem pagar aluguel. O salário é uma mera formalidade.”

“Eles [funcionários da Capes] nos dizem que a Capes deveria ter publicado em janeiro uma portaria no Diário Oficial da União que regulamenta as bolsas do pós-doutorado do Reuni”, conta a nutricionista e pesquisadora Maria Aderuza Horst, do Laboratório de Biologia Molecular do Câncer da Unifesp. “Só que não fez isso até agora e não nos diz por quê.”

“Para complicar a nossa situação financeira, todos nós assinamos contrato de dedicação exclusiva”, diz Aderuza. “Tivemos de abrir mão de empregos que já tínhamos ou recusar propostas. Agora, estamos sem receber há dois meses!!!”

SESU DIZ QUE PROBLEMA ESTÁ RESOLVIDO, CAPES NÃO SE MANIFESTA

²⁴ <http://www.viomundo.com.br/denuncias/bolsistas-de-pos-doutorado-do-reunicapes-nao-recebem-desde-janeiro.html#idc-cover>

Esta repórter contactou o Mec para saber o motivo do atraso. A assessoria de imprensa da Secretaria de Educação Superior (Sesu) do ministério respondeu por e-mail:

O atraso no pagamento das bolsas de pós-doutorado do Programa Reuni/Capes neste ano ocorreu devido a problemas operacionais, mas informamos que a situação já foi solucionada e o benefício será pago nos próximos dias, ainda no mês de março, inclusive o pagamento retroativo aos meses de janeiro e fevereiro.

Quis saber que problemas operacionais. A assessoria de imprensa respondeu:

Foram questões a respeito da operacionalização do pagamento das bolsas, processo que envolve a Secretaria de Educação Superior e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Que problemas operacionais?, eu insisti mais uma vez. A resposta foi quase igual.

Como te disse no email abaixo [anterior], foram questões sobre a operacionalização do pagamento das bolsas para a transferência do orçamento para o pagamento aos estudantes.

Voltamos a falar com bolsistas, que são unânimes em responsabilizar a Capes pela situação: “A Sesu também está de mãos atadas; enquanto a Capes não publicar no Diário Oficial da União a tal portaria, o pagamento não será feito.”

Desde quarta-feira, 16 de março, por meio de vários e-mails e ligações para Brasília, esta repórter solicitou à Capes explicações sobre a denúncia de bolsistas ao Viomundo. Nenhuma resposta até hoje.

A pergunta óbvia a essa altura: se o MEC não respeita os pesquisadores que já estão no país, como o Brasil vai repatriar os cientistas que estão no exterior?

*Ps do Viomundo: Eu havia colocado cursos de pós-doutorado, porque fui induzida a erro pela resposta da assessoria de imprensa da Sesu, do MEC. Ainda bem que o leitor Fernando Garcia notou. Já corrigi. Obrigadíssima. Conceição Lemes

Analisando o texto encontramos em sua constituição alguns elementos que nos permitem reconhecer a relação designada pelas ciências da linguagem, semiótica, sociolinguística, como “contrato de leitura” (Verón, 1985)²⁵. Ou seja, os enunciados vinculados a interesses distintos convergem no espaço do hipertexto, gerando uma solução que beneficiará uma nova construção de sentido, com ênfase no poder do e-leitor-receptor. A natureza dessa relação é prefigurada intencionalmente desde a origem do texto e enunciada categoricamente na seção “Denúncias”, já pré-destinada a receber informações dos leitores do blog, num processo interativo que confere uma outra dimensão à reportagem do acontecimento.

²⁵ VERÓN, Eliseo. L’analyse du contrat de lecture: une nouvelle methode pour les etudes de positionnement des supports presse. In: **Les médias**: expériences, recherches actuelles, applications. Paris, IREP, 1985.

No caso da notícia das bolsas de pós-graduação, logo após a sua publicação, o assunto passou a ser bastante comentado no blog. No total, 56 comentários totalizaram as respostas ao texto principal. A intervenção de alguns interlocutores chegou a alterar o conteúdo do texto, e outros e-leitores contribuíram efetivamente para a reelaboração e para postagem de uma nova matéria. O cumprimento da relação contratual pode ser igualmente percebido no comentário feito pelo leitor Fernando Garcia. Aliás, a interferência de Garcia introduz um novo ingrediente a essa formação discursiva, os demais comentários tinham um conteúdo opinativo, com frases curtas e críticas ao órgão gestor do programa de bolsas.

O dispositivo blog, devido às suas especificidades interativas, faz com que Fernando Garcia se sinta convidado a participar opinando sobre o tema, mas a sua contribuição vai além da simples opinião e concorre para a alteração do texto original escrito por Conceição Lemes. Senão vejamos:

Bem, acho que existem muitos sentimentos sendo misturados nesta notícia. A suspensão do pagamento das bolsas é algo muito grave e o pior é que parece ter origem mais na falta de organização do que na falta de recursos. Ou seja, é um "problema operacional" seja lá o que isso signifique.... no entanto, não posso deixar de comentar alguns dos comentários e fazer uma ressalva. **Primeiro a ressalva: não existem cursos de pós-doutorado. O pós-doutoramento não é um curso e sim faz parte de uma primeira etapa profissional na vida do pesquisador. Conceição, gosto muito das suas matérias, mas integrando um conselho nacional de pesquisa, vc não pode cometer este tipo de erro. E isto não é besteira. É preciso estabelecer a idéia que fazer ciência é uma profissão, o pesquisador tem um emprego, é um trabalhador como qualquer outro. Sem isso, sempre vamos ver a ciência como uma atividade de exceção que não vai estar integrada a sociedade [...].** (Grifo nosso)

A partir da observação do leitor, a jornalista Conceição Lemes modificou o sentido do texto e deixou no blog as marcas dessa alteração. Suprimiu a palavra “curso” e escreveu, em seu lugar, a palavra “pós-doutorado” (figura 26). Após a modificação, a jornalista respondeu ao comentário feito pelo Fernando Garcia (figura 27). Na perspectiva do modo de produção da informação, percebemos que a jornalista reconhece o pacto contratual implícito na disposição do blog Viomundo, pois aceita a interferência do leitor e modifica o texto. Essa ocorrência poderia ficar apenas entre os dois participantes da conversação (Conceição Lemes e Fernando Garcia), mas a jornalista

respeita as regras do contrato de comunicação do blog e eticamente opta por deixar todo o procedimento interdiscursivo às claras. O histórico do blog nos permite notar uma mudança na ordem do discurso. A autora-colaboradora, após experimentar a ação comunicativa sob a forma do “princípio dialógico” (Bakhtin), por meio de um novo tratamento semiótico-discursivo, contribui para o reconhecimento da experiência do “pós-doutorado” como uma etapa importante no percurso do pesquisador, o que extrapola a sentido da palavra de curso, como uma mera partícula de realce na argumentação, conforme havia sido publicado inicialmente.

19 de março de 2011 às 12:38

Bolsistas de pós-doutorado do Reuni/Capes estão sem receber desde janeiro

por **Conceição Lemes**

As bolsas de pós-doutorado do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) existem desde 2010. Elas foram criadas pelo Ministério da Educação (MEC), e a concessão está a cargo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). São bolsas pagas a pesquisadores que tenham título de doutor e estejam em pós-doutorado* em universidades federais.

Atualmente, são cerca de 300 bolsistas Reuni/Capes. Todos estão sem receber pagamento há dois meses. O valor mensal da bolsa é R\$3.300,00.

"Nosso último pagamento foi em 28 de dezembro, nossos salários de janeiro e fevereiro estão atrasados. Desde então não recebemos nada", desabafa a bióloga e pesquisadora Vanessa Vendramini, bolsista pelo Departamento de Cirurgia/Urologia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). "Tive de pedir dinheiro emprestado ao meu pai. É uma situação humilhante, desrespeitosa. Ninguém diz nada a respeito. Nenhuma satisfação. A única coisa que sabemos é que o processo está parado por culpa da Capes. Telefonei para lá

***Ps do Viomundo:** Eu havia colocado cursos de pós-doutorado, porque fui induzida a erro pela resposta da assessoria de imprensa da Sesu, do MEC. Ainda bem que o leitor Fernando Garcia notou. Já corriji. Obrigadíssima. Conceição Lemes

Mensagem original
De: [redacted] <[redacted]@mec.gov.br>
Para: Viomundo <conceicaolemes@unifesp.br>
Assunto: RES: ENC: Denúncia sobre bolsa Capes-SESU, URGENTE
Enviada: 16/03/2011 17:15

Oi Conceição,

Foram questões a respeito da operacionalização do pagamento das bolsas, processo que envolve a Secretaria de Educação Superior e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). As bolsas de pós-doutorado do Reuni são bolsas pagas aos pesquisadores que tenham título de Doutor, e que estejam em cursos de Pós-Doutorado em universidades federais. Atualmente são cerca de 300 estudantes que recebem a bolsa.

Figura 26 – Correção imediata da informação, os círculos marcam a movimentação em torno da alteração do texto original

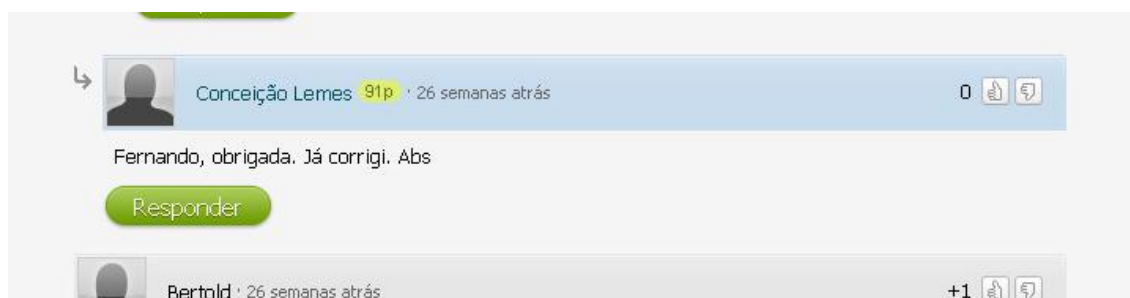


Figura 27 – resposta ao comentário

A perspectiva conceitual de “contrato de comunicação” auxilia no entendimento dos modos de organização do discurso do webjornalismo. Como ressalta Charaudeau (2007, p. 24), todo ato de comunicação é resultado da troca entre as instâncias de enunciação e recepção, compreendendo-se o jogo de intencionalidades instaurado entre elas. Para o autor, são três as instâncias constituintes desse processo: o lugar das condições de produção (instância de produção), o lugar das condições de interpretação (instância de recepção) e o lugar de construção do discurso (o texto). Conseqüentemente, a relação de intencionalidades é a base para a instauração do ato comunicacional que, no caso dos blogs, consiste numa relação contratual interativa.

Ao ser convidado a participar, interpretar, contribuir com o texto e revê-lo modificado a partir da sua contribuição dada, o usuário-e-leitor se sente gratificado; essa experiência traduz uma modalidade do contrato de leitura em que as relações entre o produtor do blog e o leitor/participante se fortalecem. Essa dinâmica só é possível graças ao modo como o blog está tecnicamente estruturado; ou seja, resulta do aparato tecnológico que o envolve, permitindo a adoção de estratégias que visam colocar o leitor em um espaço interacional.

No blog do Luís Nassif o contrato de comunicação vigora explicitamente a partir do modo como o blogueiro convida o leitor a participar desse “jogo de linguagem”. Com assiduidade, os usuários contribuem com informações, sejam autorais ou reproduzidas de outros contextos, capturados dos links de matérias postas em circulação em outros meios (sites, jornais on-line, vídeos, etc). O contrato de comunicação entre Nassif e seus leitores está ancorado no ato de colaboração, pois os temas explorados nos blogs, assim como os posts, são sugeridos pelos leitores. Para legitimar a participação, o jornalista dá o crédito ao leitor que sugeriu a publicação, como mostra a figura 28.



Figura 28 – Exemplo de post sugerido por leitor, o círculo mostra o crédito ao leitor e a fonte da informação, nesse caso o jornal Folha de São Paulo

Há ainda os posts escritos pelos leitores do blog e publicados conforme o critério de relevância da informação. No mesmo dia 31 de maio de 2011, às 07h19 da manhã o blog do Nassif publica uma postagem feita pelo leitor Wilson Yoshio replicando uma matéria publicada no site Inclusão Digital sobre o Plano Nacional de Banda Larga. Mais uma vez Nassif dá o crédito ao leitor que trouxe a informação para ser discutida no blog, como mostra a figura 29.

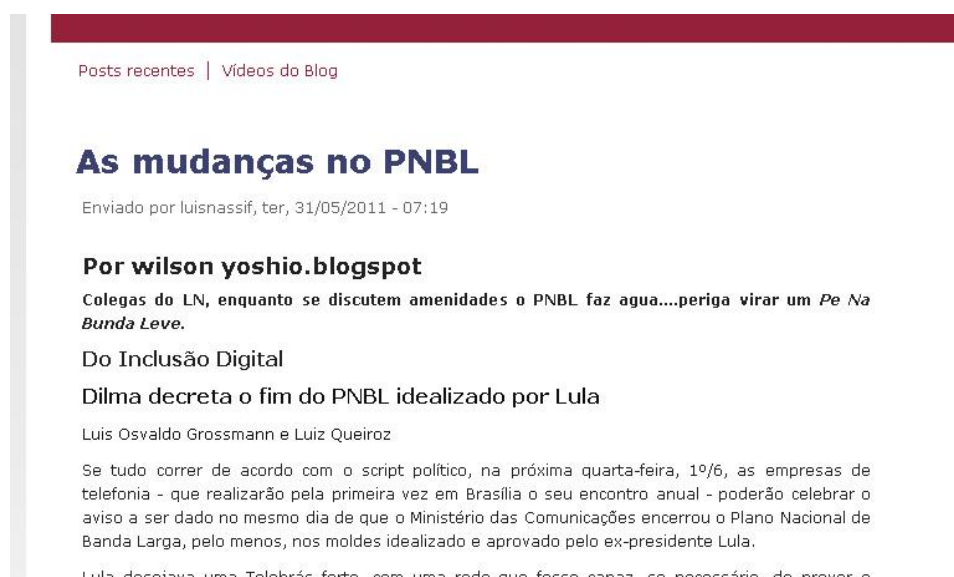


Figura 29 – Reprodução de informação no blog

Pouco mais de uma hora depois, as 08h53, um novo post é publicado: desta vez está relacionado com a notícia de que a presidente “Dilma decreta o fim do PNBL idealizado por Lula”. Dessa vez a publicação é autoral, mas não é escrita pelo jornalista Nassif e sim por um de seus leitores. Mesmo o autor não sendo identificado (nesse caso o *off jornalístico* foi preservado), Nassif deixa claro que o texto não foi escrito por ele ao destacar no início: *De um comentarista, pelo chat do Facebook, sobre o Plano Nacional da Banda Larga (PNBL)*, como mostra a figura 30.

As saídas para o Plano Nacional da Banda Larga

Enviado por luisnassif, ter, 31/05/2011 - 08:53

De um comentarista, pelo chat do Facebook, sobre o Plano Nacional da Banda Larga (PNBL):

"Olha por mais estranho q possa parecer o PNBL seria um fiasco enorme, está certo em acabar. Não era factível. Meus amigos cyberativistas não sabem nada de infraestrutura. Trabalho numa gigante operadora. Só o backbone dela é 50 vezes maior do que da Telebrás. O que sobrou da Telebrás é uma rede de fibras, pequenas e apagadas.

O Ministério DEVERIA comprar uma "operadora" virtual para Banda Larga, comprar grande capacidade de todas operadoras tipo leilão de valores coisa para 10 milhões de usuários com 2 Mega cada. Pelo menor valor, sob contrato, obrigaria a rede a se expandir. E, por fim, a Telebrás administraria o tráfego e complementaria apenas onde as rede não quisesse operar. Será menos oneroso.

Pelo meus cálculos preço final por 2M ficaria por 20,00. Usando o dinheiro do FUST, com contratos de 10 anos, com upgrade de subida de banda sendo bem administrado.

Para que inventar a roda?

A Telebrás não tem rede, capilaridade que possa fazer sombra a qualquer operadora. É bobagem pensar assim, Lula e Rogério Santana estavam errados. O exemplo Petrobrás não cabe aqui.

Figura 30 – Publicação autoral no blog do Nassif

Mais uma vez, a participação dos leitores nos blogs, tanto do Nassif quanto do Azenha, é garantida pelo contrato de comunicação que ambos conseguem estabelecer com seus públicos. Esse procedimento se realiza envolvido em forte carga interacional, e é esse caráter de interação que reconfigura a prática do jornalismo nos blogs. O modo de informar (nas redes sociais) difere do modo de informar do jornal impresso, apesar de o jornal impresso também possuir um contrato de comunicação com o seu público. Nesse caso, esse contrato de comunicação está baseado na credibilidade, ou seja, no fato de o leitor dos impressos pressupor que o jornal não irá mentir.

Naturalmente, a credibilidade é um elemento cuja presença é importante no conteúdo do blog jornalístico. E o diferencial entre a credibilidade do impresso e a credibilidade do jornalismo dos blogs passa pelo seu aspecto interacional, pois à medida em que o leitor do blog é convidado a participar, expor suas opiniões, colaborar com o conteúdo, passa a acreditar, respeitar e confiar nessa modalidade comunicativa.

4.2 – Comentários: o campo da interação

O campo dos comentários é o *lócus* privilegiado de interação dos blogs. É aí que a conversação se realiza estimulada pelo dispositivo blog, o qual desde a fase de pré-produção, intencionalmente, prevê a participação do leitor. Tomamos como exemplo para análise o post do blog Viomundo usado anteriormente. A partir da sua construção percebemos as dinâmicas interativas que se efetivam no domínio dos comentários.

Sendo blogs independentes, tanto o blog de Nassif quanto de Azenha portam as dinâmicas interacionais similares no que se respeita à criação de um ambiente propício à conversação. Nesse sentido, os recortes das notícias aqui nos servem metodologicamente para enfatizar o sentido das práticas de interação

Em ambos os blogs as interações tecnicamente previstas no campo dos comentários ocorrem em duas modalidades, quais sejam “não-dialogais” e “dialogais”.

Em 19 de março de 2011, o blog Viomundo publicou um texto que denuncia o atraso do pagamento de bolsa aos pesquisadores cursando pós-doutorado. O texto trazia uma informação factual “Atualmente, são cerca de 300 bolsistas Reuni/Capes. Todos estão sem receber pagamento há dois meses. O valor mensal da bolsa é R\$3.300,00” e a notícia poderia ficar apenas na informação do fato (atraso de pagamento) se fosse publicada em jornal impresso, de baixo teor interativo.

Mas o fato da informação ser publicizada em um blog mudou a dinâmica da própria informação. Logo após sua publicação, os leitores/participantes do blog Viomundo começaram a se posicionar vigorosamente sobre o tema. No mesmo dia da publicação, a notícia recebeu 59 comentários. Tais comentários podem ser classificados como “não-dialogais”, ou seja, aqueles que fazem relação ao texto e ao tema, mas que não receberam “resposta”. Os comentários são tipicamente “não-dialogais” porque não houve outro leitor/participante que interagiu com o comentário. Embora não esteja

relacionado a nenhuma participação anterior, as mensagens “não-dialogais” constituem igualmente enunciados, portanto, estão inseridos em cadeias de atos de fala (Bakhtin, 1981).

No post analisado, dos 59 comentários 15 deles estão fora das cadeias dialogais, como mostra a figura 31. Dos 15 não-dialogais a figura mostra três deles. Apesar de não comporem um diálogo no campo dos comentários, estão inseridos no contexto do blog e, principalmente, no contexto da informação inicial fornecida. Os comentários selecionados são assinados, assim como os demais, e os leitores/participantes se inserem na discussão. Nos comentários assinados por Jeferson e Pedro Castro Menezes fica claro que a denúncia está afetando diretamente os dois; ambos se colocam como bolsistas de programas de pós-graduação mantidos pelo Governo Federal e testemunham o problema relatado no post (a falta de pagamento das bolsas). A fala dos dois comentaristas corrobora a informação original, desse modo o critério de credibilidade essencial para o jornalismo é reforçado. E mesmo o comentário aparecendo como não dialogal é pertinente e acrescenta valor à informação original.

O terceiro post selecionado como “não dialogal” também contribui para a informação ao levantar um questionamento: “e vocês acham que esse dinheiro foi desviado para onde?”, questiona o leitor/usuário André. Ele contribui com o debate geral e opina sobre as causas que levaram ao atraso de pagamentos das referidas bolsas criticando o Governo Federal e o período eleitoral.



Figura 31 – Comentários não dialogais

Os comentários não-dialogais expostos aqui mostram que os autores possuem capacidade de argumentação. São participações heterogêneas, que não se vinculam diretamente a comentários anteriores, mas que estão claramente relacionados à temática do post e ao debate gerado.

O segundo grupo de comentários que emergem nos blogs jornalísticos são os dialogais, ou seja, aquelas participações em cadeias de interlocução contínua com ligação explícita entre as mensagens. A maior parte dos comentários está neste grupo, das 59 mensagens respondendo ao post aqui selecionado, 34 são dialogais. As relações entre esse comentários são expressas visualmente no blog do Azenha, pois ali a estrutura do dispositivo permite identificar as relações dialogais por meio da opção “Resposta” e em seguida uma seta indica a relação, além disso, os comentários em sequência são recuados, para diferenciar dos comentários não dialogais, como mostra a figura 32.

brasileira. Existem outros pontos, já discutidos em outros postes aqui do VIVIMUNDO, que são muito mais relevantes.

[Responder](#) ▼ 8 respostas · ativo menos de 1 minuto atrás

↳  Samuel Velasco · 27 semanas atrás +4  

Fernando, ao citar os pesquisadores A1 foi um modo de simplificar o esquema burocrático que a carreira científica é levada no país, tendo como critério máximo a produtividade. É fato que em determinadas instituições estrangeiras a assistência estudantil (ao graduando e pós-graduando) é mais ampla e não depende de sponsors (os pais, por exemplo). Minha namorada cursava Relações Internacionais na St. Petersburg State University e conseguia viver só com assistência estudantil... O mesmo aconteceu quando estudou em Mount Allison University no Canadá, onde encontrou melhores condições ainda. Agora me diz como fazer mestrado com bolsa FAPESP de 1392 reais e pagar aluguel nas proximidades de uma universidade de ponta, com família e pelo menos 1 filho... Por outro lado, apesar de discordar de alguns pontos, achei fundamental você bater na tecla de que o pesquisador não pode ser visto como inorgânico a sociedade e é um trabalhador como qualquer outro. Abraço.

[Responder](#)

↳  Fernando Garcia · 27 semanas atrás -1  

Oi certamente existem coisas a serem feitas: por exemplo, porque as universidades não se organizam para oferecer planos de saúde a seus pós-graduandos/pesquisadores? Também acho que, assim como na Europa, as bolsas devem ser maiores para bolsistas com filhos/conjuges, etc (é normal o conjugue largar tudo para acompanhar o pesquisador, não é mesmo?). Mas, não concordo com vc que 1392 reais é um valor baixo. Pelo contrário. Mas acho que não há um consenso quanto a isso. Cada um sabe se ganha bem ou não. Eu me sustentei muito bem com minhas bolsas, sem deixar de juntar dinheiro e até adquirir alguns bens. Mas acho que esta coisa de: ganho bem ou ganho mal é, de modo geral, uma avaliação muito pessoal. Conheço até auditor fiscal (com o salário que o colega citou acima) dizendo que ganha mal... enfim, cada um na sua.

[Responder](#)

Figura 32 – Comentários dialogais

O dispositivo favorece a identificação dos comentários dialogais e também a participação no diálogo. Basta que o leitor/participante clique no campo “Resposta” para ter a sua mensagem relacionada ao comentário que desejar. Isso amplia a possibilidade de interação e diálogo, proposta e função primeira dos blogs. Os comentários dialogais podem se apresentar em cadeias curtas ou longas. As trocas geralmente têm relação com a temática discutida. É essa relação que acaba por ampliar o diálogo, instigando os participantes a debaterem o assunto abordado. A seguir, uma cadeia dialogal nos mostra como a conversação se dá no interior do campo dos comentários. Preservamos o modo como os comentários foram escritos, reproduzindo mesmo os erros de gramática ou abreviações, no sentido de conceder fidedignidade as narrativas estruturantes da blogosfera.

Nome: Fernando Garcia

Bem, acho que existem muitos sentimentos sendo misturados nesta notícia. A suspensão do pagamento das bolsas é algo muito grave e o pior é que parece ter origem mais na falta de organização do que na falta de recursos. Ou seja, é um "problema operacional" seja lá o que isso signifique.... no entanto, não posso deixar de comentar alguns dos comentários e fazer uma ressalva. Primeiro a ressalva: não existem cursos de pós-doutorado. O pós-doutoramento não é um curso e sim faz parte de uma primeira etapa profissional na vida do pesquisador. Conceição, gosto muito das suas matérias, mas integrando um conselho nacional de pesquisa, vc não pode cometer este tipo de erro. E isto não é besteira. É preciso estabelecer a idéia que fazer ciência é um profissão, o pesquisador tem um emprego, é um trabalhador como qualquer outro. Sem isso, sempre vamos ver a ciência como uma atividade de excessão que não vai estar integrada a sociedade.

Sobre alguns comentários, é ridículo alguém falar que não vai ficar no Brasil pra não concorrer com bolsas com pesquisadores 1A do CNPq... este aí não sabe o que é pesquisador 1A, porque estes certamente não estão pleiteando bolsa de doutorado.

Outro ponto que se deve frisar é que o valor das bolsas pagas no Brasil, frente aos demais salários na sociedade brasileira, é bastante razoável e permite que o pesquisador arque plenamente com seu custo de vida e ainda tenha algum patrimônio. Acredito que o sistema deveria, por exemplo, introduzir algumas coisas como pagar uma bolsa maior para pesquisadores/estudantes com filhos, ter algum plano de saúde para pós-graduandos/pós-docs, etc. No entanto, a situação em geral é melhor que em outros países (como na Europa e nos EUA).

É também um disparate que apenas filhos da elite fazem ciência no Brasil. É exatamente o oposto que ocorre. Os filhos da elite, com poucas excessões, desprezam as carreiras científicas e procuram as áreas de gerenciamento/administração que pagam muito melhor. Isto é um fenômeno mundial, muito mais grave em países como os EUA e também na Europa. Por outro lado, não é raro encontrar pessoas no Brasil que ascenderam socialmente através das carreiras científicas, em geral saindo da classe média baixa e indo para a classe média alta.

Do jeito que as pessoas falam das carreiras científicas no Brasil, não parece que os salários iniciais de acadêmicos em Universidades e Institutos Federais de pesquisa esteja em torno de 8 mil e 12 mil reais, respectivamente.

É justo/correto que cientistas busquem melhores salários mas este deixou de ser o gargalo da ciência brasileira. Existem outros pontos, já discutidos em outros postes aqui do VIOMUNDO, que são muito mais relevantes.

Nome: sergio

Em que universidade você encontrou esse salário inicial? O salário inicial de um professor doutor na carreira de magistério público federal é R\$7.333,67. O salário inicial de um auditor fiscal da receita federal é de R\$13.600,00. A formação exigida é graduação. O salário inicial de um analista fiscal da receita federal é de R\$7.996,07. A formação exigida é ensinomédio. Informe-se melhor.

Nome: Fernando Garcia

Oi, acho que poderia ter sido mais preciso escrevendo em "torno de 7 mil e 12 mil reais, respectivamente" No entanto, não vejo que meu argumento mude com este ponto. Estes são salários dignos, mas deve-se continuar lutando pela sua melhoria, porque ainda não são ideais, longe disso.

Sobre os demais salários que vc citou, não entendo seu ponto. Vc pode, por exemplo, ter uma padaria, não ter nem ensino médio, e ganhar muito mais. Um técnico de futebol também ganha muito mais que isso e acho que só precisa ter ensino médio. O Veríssimo nem tem ensino médio completo, e tb ganha muito mais que isso. Qual é o ponto? Vc acha que quem tem títulos tem que ganhar mais do que quem não tem? Desculpa, mas os salários não funcionam desta maneira.

Faço pos-doc no Max Planck e os Alemaes me pagam, e à todos outros pos-docs, menos do que pagam às secretarias, ao pessoal da faxina, aos técnicos, etc. Não acho que a qualidade da pesquisa do Max Planck seja prejudicada por isso. Duvido tb que um economista (apenas

graduado) do banco central europeu ganhe menos que um pesquisador europeu com doutorado e tudo (confesso que não tenho estes dados).

O doutorado, como quem fez sabe muito bem, é apenas uma etapa de formação. Qualquer pessoa, tendo a oportunidade pode fazer um doutorado, não tem nada de especial nisso. É um treinamento, um requisito para se fazer ciência. E só isso. É nisso que acredito. Informado eu sou, só não compartilho da sua opinião.

Nome: Samuel Velasco

Fernando, ao citar os pesquisadores A1 foi um modo de simplificar o esquema burocrático que a carreira científica é levada no país, tendo como critério máximo a produtividade. É fato que em determinadas instituições estrangeiras a assistência estudantil (ao graduando e pós-graduando) é mais ampla e não depende de sponsors (os pais, por exemplo). Minha namorada cursava Relações Internacionais na St. Petersburg State University e conseguia viver só com assistência estudantil... O mesmo aconteceu quando estudou em Mount Allison University no Canadá, onde encontrou melhores condições ainda. Agora me diz como fazer mestrado com bolsa FAPESP de 1392 reais e pagar aluguel nas proximidades de uma universidade de ponta, com família e pelo menos 1 filho...

Por outro lado, apesar de discordar de alguns pontos, achei fundamental você bater na tecla de que o pesquisador não pode ser visto como inorgânico a sociedade e é um trabalhador como qualquer outro. Abraço.

Nome: Yes we créu !!!

Olha, nos países mais desenvolvidos, a realidade não é melhor. Por exemplo, um estudante de mestrado ganha em torno de US\$ 1000 por mês e acumula uma dívida enorme devido ao crédito estudantil. Considerando o custo de vida bem maior nesses países, me parece que essa bolsa no Brasil é compatível com a realidade brasileira. Agora, se ela cobre apartamento "perto de universidade de ponta", isso já é outra estória. Como filho de um trabalhador, eu vivi muito bem com minha bolsa de mestrado, considerando minha origem. De todo modo, espero que você consiga uma bolsa compatível com seu apartamento "perto de universidade de ponta".

Nome: Samuel Velasco

É impressionante como o debate na internet logo descamba para ataques pessoais... Já é impossível dizer qualquer coisa na internet sem justificar o seu "eu", sua origem, sua cor, seu gênero, sua classe social. Estou apenas mostrando a realidade que conheço. Eu disse que a bolsa é de um valor baixo para quem tem de pagar o aluguel de um imóvel, tem família e 1 filho. Você ignorou completamente esta parte. A Unicamp, por exemplo, oferece somente 47 estúdios dedicados a família ou pais solteiros com filhos na Moradia Estudantil e a especulação imobiliária tomou conta dos arredores. E sim, é necessário morar nas proximidades, não ser que se tenha um carro, tendo em vista que onde a Unicamp se situa fica a 15 km do centro de Campinas. A reclamação devido ao valor da bolsa é válida e indica que o valor só é insuficiente porque a assistência estudantil é insuficiente... Acho impressionante como quando se reclama de salário (dos docentes, por exemplo) ninguém se indigna, acha justo, no entanto a bolsa sempre é "boa"? Sejam coerentes, aumento de bolsa e aumento salarial não difere tanto assim! Ou você acha que os residentes estavam errados por pleitear no ano passado aumento de 25% em sua bolsa-residência? Abraço...

Nome: Fernando Garcia

Oi certamente existem coisas a serem feitas: por exemplo, porque as universidades não se organizam para oferecer planos de saúde a seus pós-graduandos/pesquisadores? Também acho que, assim como na Europa, as bolsas devem ser maiores para bolsistas com filhos/conjuges, etc (é normal o conjugue largar tudo para acompanhar o pesquisador, não é mesmo?). Mas, não

concordo com vc que 1392 reais é um valor baixo. Pelo contrário. Mas acho que não há um consenso quanto a isso. Cada um sabe se ganha bem ou não. Eu me sustentei muito bem com minhas bolsas, sem deixar de juntar dinheiro e até adquirir alguns bens. Mas acho que esta coisa de: ganho bem ou ganho mal é, de modo geral, uma avaliação muito pessoal. Conheço até auditor fiscal (com o salário que o colega citou acima) dizendo que ganha mal... enfim, cada um na sua.

Nome: Samuel Velasco

Com 1392 não se aluga um apt de 2 quartos nas proximidades da Unicamp (raio de 6 km de distância)... 1800 reais + 600 de condomínio é o valor corrente de mercado praticado pelas imobiliárias. Uma kitnet de 20 m² dificilmente sai por menos de 1.100 reais. Acho que o jeito é viver de luz mesmo...

Na cadeia dialogal aqui apresentada participam quatro leitores/comentaristas: Fernando Garcia, Sérgio, Samuel Velasco e Yes we créu !!!, este último usou um apelido irônico²⁶ que contribui para estabelecer uma ligação com o seu ato enunciativo, ou seja, os comentários deste leitor/participante poderão conter ironias.

O diálogo nessa cadeia de comentários começa pelo Fernando Garcia. No primeiro momento ele faz uma crítica à jornalista Conceição Lemes, redatora da informação sobre o atraso no pagamento das bolsas, movimento esse que gerou uma correção da informação em relação ao primeiro texto publicado. No segundo momento, faz críticas aos outros comentários, ao longo de sua fala o leitor/participante concorda com o argumento de resposta da CAPES (que justificou o atraso como problema operacional) e comparou a situação dos pesquisadores do Brasil com os de outros países. Mas uma informação em especial abre a seqüência de dialogo: “os salários iniciais de acadêmicos em Universidades e Institutos Federais de pesquisa esteja em torno de 8 mil e 12 mil reais, respectivamente”.

A partir desse dado, o leitor/participante é questionado por outro que assina Sérgio que argumenta: “Em que universidade você encontrou esse salário inicial? O salário inicial de um professor doutor na carreira de magistério público federal é R\$7.333,67. O salário inicial de um auditor fiscal da receita federal é de R\$13.600,00. A formação exigida é graduação. O salário inicial de um analista fiscal da receita federal é de R\$7.996,07. A formação exigida é ensino médio. Informe-se melhor.”

A partir daí, a seqüência dialogal se desenvolve com cada um dos leitores/participantes fazendo questionamentos e expressando suas opiniões. É possível perceber nessa cadeia dialogal movimentos de divergência e convergência tanto em

²⁶ ‘Yes we creu!’ é um termo que foi impresso numa camiseta comercializada na internet. Na estampa a frase aparece logo abaixo da foto do humorista Muçum, fazendo uma clara referência a frase “Yes, we can!” usada pelo presidente dos EUA, Barak Obama durante a campanha presidencial.

relação à notícia publicada (atraso no pagamento das bolsas), quanto divergência e convergência de opiniões. Os participantes também se esforçam em comprovar os dados que reforçam suas falas, conferindo credibilidade às suas interferências.

Outra marca possível de ser identificada nas conversações que se desenvolvem no campo de comentários diz respeito ao conteúdo temático do debate, ou seja, a pontuação inicial da sequência dos comentários é sempre o post publicado e o conteúdo do enunciado é determinante para a formação de cadeias dialogais.

Desse modo, o caráter jornalístico do blog pauta as interações e o contrato de leitura exige pertinência aos temas debatidos no blog e fomenta trocas. A força enunciativa dos jornalistas/blogueiros (no caso Nassif e Azenha) é inegável, mas estes conferem legitimidade aos colaboradores que também participam decisivamente da dinâmica interativa e também na construção da informação, alimentando os posts a partir do campo dos comentários. Sem esse dispositivo enunciativo, a notícia de atraso no pagamento de bolsas não seria ampliada para uma discussão maior sobre o papel do pesquisador no Brasil, o valor de suas remunerações e os mecanismos de incentivo a prática da pesquisas. Ler apenas o post consiste numa maneira de se informar, mas o ato de ler atentamente os comentários amplia a informação inicial, a partir das inúmeras intervenções. Então, o leitor/participante intercede para aprofundar a temática abordada, colaborando qualitativamente com a informação disposta nos blogs jornalísticos.

5 – Considerações finais

A comunicação mediada por computador produziu impacto nos domínios da economia, política, ciência, arte, educação e repercutiu particularmente nas modalidades de relações sociais. Seus efeitos se fazem notar marcadamente no âmbito profissional do jornalismo que vivencia um processo de reconfiguração, a partir informatização dos modos de produção, de circulação e consumo das notícias. A rotina de produção de notícias modificou fortemente as várias instâncias midiáticas (impresso, televisiva e radiofônica) e um novo campo de atuação do jornalismo emergiu com base na potência interativa gerada pela internet.

O webjornalismo tem pouco mais de dez anos, mas já passou por três fases até se estruturar no modelo praticado hoje caracterizado pela *multimedialidade*, *hipertextualidade*, *interatividade*, *convergência*, *instantaneidade*, *personalização de conteúdo* e *memória*. Conjuntamente, essas características geram um dispositivo midiático conversacional a partir da liberação do pólo da emissão com a participação de mais atores sociais no fluxo informacional.

Ao possibilitar que novos atores sociais atuem interconectados e coletivamente na produção de notícias, o jornalismo em rede oferece pontos de vistas múltiplos e ferramentas colaborativas para leitura e escrita. As tecnologias têm servido para uma maior interferência popular no processo noticioso. Além da dimensão tecnológica, é preciso considerar a livre circulação de informação socialmente compartilhada como outro fator que inspira e justifica a emergência de experiências com jornalismo participativo, principalmente no que concerne às informações que circulam nos blogs.

A entrada de novos atores sociais no novo cenário informatizado está vinculada às recentes inovações tecnológicas, como a *Web 2.0* que amenizou a barreira da linguagem específica de programa de computador como único modo de produzir e manter informações na internet. Até então (1992) os mecanismos de troca na internet eram os *e-mails*, fóruns e *chats*. Com a simplificação da produção de conteúdo efetiva-se a liberação do pólo da emissão e novas formas de trocas simbólicas são instauradas. O blog nasce justamente neste ambiente propício às conversações compartilhadas em rede.

Os blogs potencializaram uma interação social que já vinha acontecendo nos outros mecanismos de troca na internet (fóruns, *e-mails* e *chats*) e rapidamente passou a

ser incorporado pelas instituições. Na primeira década do século 21 é perceptível a renovação da atividade jornalística a partir da expansão dos blogs. Para entender a forma como esses dispositivos atuam na renovação da práxis comunicativa, a nossa pesquisa significa um exercício de imersão no próprio ambiente interativo dos blogs, sob o pretexto de avaliar o seu uso no campo do jornalismo.

A investigação demonstra que os jornalistas que se apropriam dos blogs (especificamente, neste trabalho, o Luis Nassif e Luis Carlos Azenha) o fazem seguindo as regras do dispositivo que lhes permite forjar uma comunidade de leitores sintonizados na reportagem dos acontecimentos de maneira crítica e seletiva.

Os blogs abrem o caminho para interação do leitor, que se transforma em participante, co-autor da informação, mas fundamentalmente criam modos de empoderamento coletivo que fazem do e-leitor um cidadão em pleno exercício do seu direito de expressão e comunicação.

Mesmo com toda carga de personalização focada no “dono do blog”, o blog jornalístico é constituído por um emaranhado de interações que começam pelo aspecto tecnológico da ferramenta – oferecendo espaços para a participação do leitor – até a dimensão social que ganha modalidades dinâmicas de cooperação através do contrato de comunicação “celebrado” entre quem escreve e quem interage como leitor.

Ao encorajar a participação do leitor, permitir o estabelecimento de conversações *on-line*, e conceder-lhe espaço para a elaboração dos “dispositivos sociais de resposta” (Braga, 2006), os blogs jornalísticos forjam novas instâncias de trocas enunciativas que dificilmente ocorreriam em outros ambientes. Além do aspecto interacional, a reconfiguração do jornalismo se dá também no modo de produção cada vez mais aberto ao e-leitor que se integra ao dispositivo, agindo como colaborador ativo no processo de produção da informação. A possibilidade do erro, por exemplo, tão cara aos jornalistas das mídias tradicionais (rádio, jornal e televisão), ganha outro sentido no blog, pois estimula a participação dos e-leitores e a agregação de uma comunidade que, interagindo em rede, propicia uma interpretação mais aproximada dos acontecimentos.

Os blogs jornalísticos criam um ambiente conversacional regido por regras que, em primeira instância, mediam o campo de comentários criando condições propícias para a instauração do diálogo, resultando numa nova configuração do espaço público.

Conforme vislumbramos nas análises, os comentários se estruturam de modo a formar cadeias enunciativas: não-dialogais e dialogais. É a partir desses diálogos que a informação disponibilizada pelos jornalistas, ou seus colaboradores, ganha um novo

sentido, pois o texto original é ampliado e redimensionado a partir dos comentários que vão agregando valor ao enunciado primeiro, além de provocar uma discussão organicamente mais elaborada que desvela os significados das reportagens.

Enfim, a pesquisa mostrou ainda aspectos políticos, críticos e cognitivos da informação instaurados pelos blogs mediante a apropriação destes pelos jornalistas e seus leitores de maneira compartilhada. Essa apropriação revelou também que o dispositivo blog pode reconfigurar a prática jornalística, pois abriga dinâmicas interativas capazes de integrar os sujeitos do blog (jornalistas, colaboradores e leitores) gerando padrões de cognição e comunicabilidade, e possibilitando a emergência de um novo tipo de autor/leitor (imersivo) com múltiplas habilidades interpretativas.

REFERÊNCIAS

- ANTÚÑEZ, Jose Luis. O impacto da aparição do sistema de gerenciamento de conteúdo. In: ORDUÑA, Otavio I. Rojas (org). **Blogs: revolucionando os meios de comunicação**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.
- BALDESSAR, Maria José. **A mudança anunciada: o cotidiano dos jornalistas com o computador na redação**. Florianópolis: Insular, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 2a ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1981.
- BENETTI, Marcia. **Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos**. In: BENETTI, M.; LAGO, Cláudia (orgs). Metodologia de Pesquisa em Jornalismo. 2ª edição. São Paulo: Editora Vozes, 2007.
- BELTRÃO, Luiz; QUIRINO, Newton O. **Subsídios para uma teoria da comunicação de massa**. 3ª edição. São Paulo: Summus Editorial, 1986.
- BIANCO, Nelia R. Del. **A internet como fator de mudança no jornalismo**. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, vl XXVII, nº 1, janeiro/junho de 2004.
- BRAGA, Adriana. Teoria e método na análise de um blog: o caso Mothern. In: AMARAL, A.; MONTARDO, S.; RECUERO, R. (orgs) **Blogs.com – estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento editorial, 2009.
- BRAGA, José Luiz. Sobre a conversação. In: **Brasil: comunicação, cultura & política**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994, pp. 289-308.
- BRIGGS, Mark. **Jornalismo 2.0 – como sobreviver e prosperar**. PDF. Disponível em: <http://e-periodistas.blogspot.com/2007/12/el-libro-periodismo-20-de-briggs-en.html>
- BRUNS, Axel. **Gatewatching: collaborative online news production**. New York-Washington: Peter Lang, 2005.
- CATSELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 12ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- _____. **A Galáxia da Internet – reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- CUNHA, Málda. **Os blogs e a prática do jornalismo no Brasil – uma reflexão sobre os meios, as linguagens e a cultura**. In: Revista Prisma. 3ª edição, outubro de 2006. Disponível em http://prisma.cetac.up.pt/edicao_n3_outubro_de_2006/os_blogs_e_a_pratica_do_jornal.html Acesso 20 jun. 2010.
- DALMONTE, Edson Fernando. **Pensar o discurso no webjornalismo: temporalidade, paratexto e comunidades de experiência**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- ESCOBAR, Juliana Lúcia. Blogs como nova categoria de webjornalismo. In: AMARAL, RECUERO, MONTARDO (orgs). **Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

FAUSTO NETO, Antônio. **Olhares sobre a recepção através das bordas da circulação.** Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “GT Recepção, Usos o Consumo Midiáticos”, do XVIII Encontro da Compós, na PUC-MG, Belo Horizonte, MG, em junho de 2009. Disponível em http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1164.pdf Acesso em 23 mar 2011.

_____. **Contratos de leitura: entre regulações e deslocamentos.** Trabalho apresentado ao “NP Políticas e Estratégias de Comunicações”, do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom 2007), Santos, São Paulo, de 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1528-2.pdf>, acesso em 05 jul 2011.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. A temporalidade das práticas enunciativas nas novas formas do jornalismo online. In: FELIPPE, A.; SOSTER, D.; PICCININ, F. (org). **Metamorfoses Jornalísticas: formas, processos e sistemas.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.

GUNTER, Barrie. **News and the net.** New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc, 2003.

HOHLFELDT, A. As origens antigas. A comunicação e as civilizações. In: HOHLFELDT, A; MARTINO, L.C; FRANÇA, V. **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências.** 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

LAGE, Nilson. Teoria e técnica do texto jornalístico. São Paulo: Campus Editora, 2005.

LANDOW, George. **Hipertexto: la convergência de la teoría crítica contemporânea y la tecnología.** Buenos Aires: Paidós, 1995.

LE MOS, André; CUNHA, Paulo (org). **Olhares sobre a Cibercultura.** Sulina, Porto Alegre, 2003; PP.11-23. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/cibercultura.pdf> Acesso em 18 maio 2009.

LE MOS, André. **Cibercultura – tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. **Anjos interativos e retribalização do mundo. Sobre interatividade e interfaces digitais.** 1997. Disponível em <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/lemos/interativo.pdf>. Acesso em 21 maio 2008.

_____. **A arte da Vida: diários pessoais e webcams na internet.** Trabalho apresentado no NP08 – Núcleo de Pesquisa Tecnologias da Informação e da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002. Disponível em: http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/18835/1/2002_NP8lemos.pdf, acesso em 23 jul de 2009.

_____. **Ciber-cultura-remix.** São Paulo, Itaú Cultural, 2005. Disponível em <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/remix.pdf>. Acesso em dezembro de 2009.

LEVY, Pierre. **Tecnologias da Inteligência.** São Paulo: Editora 34, 1995.

_____. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1998.

_____. **Cibercultura.** 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2009.

LIMA JÚNIOR, Walter Teixeira. **Primórdios das fontes digitais na produção do jornalismo tradicional.** Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação

– NP Jornalismo, do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Anais... São Paulo, Intercom 2007. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1605-2.pdf>, acesso em 05 ago 2009.

MAIGRET, Éric. **Sociologia da comunicação e das mídias**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2010.

MANOVICH, Lev. Novas mídias como tecnologia e idéia: dez definições. In: LEÃO, Lúcia (org). **O chip e o caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2005.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e Jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. Tese de doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea, Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2003.

MOUILLAUD, M; PORTO, S.D. (org.). **O Jornal. Da forma ao sentido**. Brasília: Ed.UnB, 2002.

ORIHUELA, Jose Luis. Blogs e blogosfera: o meio e a comunidade. In: ORDUNA, Otavio I. Rojas (org). **Blogs: revolucionando os meios de comunicação**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

PAIVA, C. C. **O Observatório da Imprensa e a Crítica da Mídia na Era Digital**. A Cibercultura a serviço da Inteligência Coletiva e da Ação afirmativa. In: Biblioteca on line de Ciências da Comunicação. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/paiva-claudio-cardoso-o-observatorio-da-imprensa.pdf> acesso em 20 abril 2011.

PALÁCIOS, Marcos. **Blogosfera e jornalismo on-line no Brasil ou Porque Noblat, Josias e cia. não fazem Blogs**. Artigo publicado na LUPA, Revista Laboratório da Faculdade de Comunicação da UFBA, Salvador, maio 2006. Disponível em https://docs.google.com/View?docid=adf4grpvfm38_28gc7rm9 acesso em 15 abril 2010.

PALACIOS, Marcos; MUNHOZ, Paulo. Fotografia, blogs e jornalismo na internet: oposições, apropriações e simbioses. In: BARBOSA, Suzana (org). **Jornalismo digital de terceira geração**. Covilhã: Labcom – Universidade da Beira Interior, 2007. Disponível em http://www.labcom.ubi.pt/livros/labcom/pdfs/barbosa_suzana_jornalismo_digital_terceira_geracao.pdf

PARENTE, André. **O hipertextual**. Revista Famecos, nº 10: Porto Alegre, 1999.

PELLEJERO, Eduardo. **Dos dispositivos de poder ao agenciamento da resistência**. In: ComCiência. Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, 2008. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=35&id=419> acesso em 09 set 2011.

PRIMO, Alex. **Conflito e cooperação em interações mediadas por computador**. Contemporânea: Salvador, v. 3, n. 1, p. 38-74, 2005.

_____. **Os blogs não são diários pessoais online: matriz para a tipificação da blogosfera.** In: Revista Famecos, n° 36, Porto Alegre, 2008a.

_____. **Blogs e seus gêneros: Avaliação estatística dos 50 blogs mais populares em língua portuguesa.** In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom 2008, Natal. Anais, 2008b.

QUADROS, Cláudia Irene de; ROSA, Ana Paula; Vieira, Josiany. **Blogs e a transformação do jornalismo.** In: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação – Compós 2005. Disponível em WWW.compos.com.br/e-compos, acesso em 02 nov 2009.

SEIXAS, Lia. Como o dispositivo prepara para o gênero jornalístico? In: FIRMINO, Fernando; SOSTER, Demétrio de Azeredo (orgs). **Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma.** Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2009

SILVA, Fernando Firmino da. **Tecnologias móveis na produção jornalística: do circuito alternativo ao mainstream.** Artigo apresentado no 5° Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da Associação Brasileira de Pesquisa em Jornalismo (SBPJor). Sergipe, 2007.

SOARES, Rosana Lima. **Narrativas digitais: desvios do jornalismo no ciberespaço.** Revista Galáxia, São Paulo, n. 17, p.95-106, jun. 2009.

SODRÉ, Muniz. Antropológica do Espelho. **Por uma teoria da comunicação linear e em rede.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. Modelo para análise do jornalismo midiaticizado. In: FIRMINO, Fernando; SOSTER, Demétrio de Azeredo (orgs). **Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma.** Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2009-a.

_____. **A reconfiguração do jornalismo na primeira década do século XXI.** In: Revista Ícone. Recife: UFPE, v.11, n. 2, dez. 2009-b. Disponível em: <http://www.icone-ppgcom.com.br/index.php/icone/article/viewFile/76/65>. Acesso em agosto de 2010.

_____. **O jornalismo em novos territórios conceituais: internet, midiaticização e a reconfiguração dos sentidos midiáticos.** São Leopoldo: Unisinos, 2009. Tese (Doutorado em Comunicação), Programa de Pós-graduação em Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2009-c.

VARELA, Juan. Jornalismo participativo: o Jornalismo 3.0. In: ORDUNA, Otavio I. Rojas (org). **Blogs: revolucionando os meios de comunicação.** São Paulo: Thompson Learning, 2007.

VERÓN, Eliseo. **Esquema para el análisis de la mediatización.** In: Diálogos de La Comunicación. Lima: Felafacs, 1997.

VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

WERNECK, Sodrê. História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Civilização Brasileira, 1983.

WERTHEIN, M. **Uma história do espaço de Dante a Internet.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** Lisboa: Presença, 1994.